

Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira

**AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA
PERSPECTIVA DO EGRESSO DO
MESTRADO: a educação como mecanismo
de transformação social**

Dissertação apresentada para o Exame de Defesa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Inclusão e diversidade sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti.

Taubaté – SP

2022

**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBI
GRUPO ESPECIAL DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO – GETI
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

F383r Ferreira, Juliana Aparecida de Oliveira Pereira

As relações étnico-raciais na perspectiva do egresso do
Mestrado : a educação como mecanismo de transformação social /
Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira. -- 2022.
122 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

1. Egresso. 2. Relações étnico-raciais. 3. Trajetória docente.
4. Educação decolonial. I. Universidade de Taubaté. Programa de
Pós-graduação em Educação. II. Título.

CDD – 370

Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira

**AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA
PERSPECTIVA DO EGRESSO DO
MESTRADO: a educação como mecanismo
de transformação social**

Dissertação apresentada para o Exame de Defesa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Inclusão e diversidade sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti.

Data: 26/05/2022

Resultado: APROVADA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti - Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza - Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. Júlio Cesar Silva Santos - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Assinatura _____

Dedico este trabalho à minha família, meu alicerce em todos os momentos. Dedico também a todos os professores e alunos que tanto me inspiram e movem.

AGRADECIMENTOS

A Deus que até aqui me ajudou e me sustenta nesta jornada de transformação.

À minha família, por todo apoio, incentivo e compreensão para a realização deste sonho.

À Prefeitura Municipal de São José dos Campos pelo fomento ao estudo e apoio financeiro.

À minha escola pública de coração, a qual foi o cenário de todas as minhas descobertas e reconstruções até o presente momento.

A todos os amigos, pela paciência, pela compreensão da ausência e incentivo constante.

À minha admirável orientadora Juliana Marcondes Bussolotti, pela orientação, dedicação, cuidado e disposição para este sonho se materializar.

À minha amiga e irmã ancestral, Lara, pela força e encorajamento incansáveis. Juntas conseguimos enfrentar as dificuldades, compartilhar dores, anseios e manter o sonho vivo.

Ao corpo docente do programa MPE UNITAU, por todos os ensinamentos, pela amizade, pelas trocas e toda dedicação.

“Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”
Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as relações étnico-raciais na perspectiva do egresso do Mestrado Profissional em Educação (MPE) e entender qual sentido da educação como mecanismo de transformação social para esse docente. Diante de tantas desigualdades sociais, as relações étnico-raciais constituem um caminho para potencializar ou minorar os preconceitos e discriminações enfrentados no contexto escolar, especialmente na trajetória docente do egresso. Nesse sentido, esta pesquisa envolveu a problemática de como os egressos do Mestrado Profissional em Educação percebem as relações étnico-raciais na própria trajetória docente. Para além disso, investigou como as políticas afirmativas contribuíram para o acesso da população negra à universidade, especialmente no *Stricto Sensu*, compreendeu como os egressos autodeclarados pretos e pardos entendem e concebem a questão racial e suas relações sociais e étnicas. Para tanto, esta pesquisa tipificou-se quali-quantitativa e utilizou de metodologias como análise documental pública, análise de conteúdo das entrevistas, análise da dimensão subjetiva dos discursos e grupo de discussão com os egressos do MPE. A partir das pesquisas desenvolvidas com egressos, foi possível constatar como a educação decolonial é uma ferramenta emancipatória e potente para uma relação de igualdade e equidade na sociedade e que, a partir do diálogo e da criação de políticas afirmativas, seja validada a emergência de uma educação decolonial e inclusiva em sua totalidade, reafirmando que a educação é o caminho para a transformação da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Egresso. Relações étnico-raciais. Trajetória docente. Educação decolonial.

ABSTRACT

The present research aimed to understand the ethnic-racial relations from the perspective of the graduates of the Professional Masters in Education (MPE) and to understand the meaning of education as a mechanism of social transformation for this teacher. Faced with so many social inequalities, ethnic-racial relations constitute a way to enhance or alleviate the prejudices and discrimination faced in the school context, especially in the teaching trajectory of the graduates. In this sense, this research involved the problem of how do graduates of the Professional Master's in Education perceive ethnic-racial relations in their own teaching trajectory? In addition, it investigated how affirmative policies contributed to the access of the black population to the university, especially in the *Stricto Sensu*, understood how the self-declared black and brown graduates understand and conceive the racial issue and its social and ethnic relations. Therefore, this research was qualitative-quantitative and will use methodologies such as public document analysis, content analysis of interviews, analysis of the subjective dimension of speeches and discussion group with MPE graduates. From the research developed by the graduates, it was possible to verify how decolonial education is an emancipatory and powerful tool for a relationship of equality and equity in society and that, through dialogue and the creation of affirmative policies, the emergence of an decolonial and inclusive in its entirety, reaffirming that education is the way to transform society.

KEYWORDS: Egress. Ethnic-racial relations. Teaching trajectory. Decolonial education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES
FOTOS, GRÁFICOS, FIGURAS

| | |
|--------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – População residente por cor ou raça | 36 |
| Imagem 1 - Gráfico de Autodeclaração | 52 |

LISTA DE TABELAS/QUADROS

| | |
|------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Panorama quantitativo das pesquisas correlatas | 27 |
| Quadro 2 - Pesquisas selecionadas para análise | 28 |
| Quadro 3 - Definição de raça - Manual do recenseador | 38 |
| Quadro 4 - Procedimentos de coleta de dados | 48 |
| Quadro 5 - Quantidade de autodeclarados | 53 |
| Quadro 6 - Concepções das relações étnico-raciais | 55 |
| Tabela 1 - Fases da Análise Documental | 71 |
| Tabela 2 - Organização do grupo de discussão | 74 |

LISTA DE SIGLAS

| | | |
|--------|---|-------------------------------------------------|
| IBGE | – | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| MPE | – | Mestrado Profissional em Educação |
| UNITAU | – | Universidade de Taubaté |
| ENEM | – | Exame Nacional do Ensino Médio |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL | 14 |
| 1. INTRODUÇÃO | 22 |
| 1.1 Relevância do Estudo/Justificativa | 22 |
| 1.2 Delimitação do Estudo | 23 |
| 1.3 Problema | 24 |
| 1.4 Objetivos | 24 |
| 1.4.1 Objetivo Geral | 25 |
| 1.4.2 Objetivos Específicos | 24 |
| 1.5 Organização da pesquisa | 25 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 26 |
| 2.1 Análise das Pesquisas selecionadas que corroboram com a pesquisa | 28 |
| 2.2 Análise dos memoriais de formação | 31 |
| 2.3 Pesquisa Documental Pública no Banco de Dissertações; | 36 |
| 2.4 O Sistema Classificatório de Cor ou Raça do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística | 32 |
| 2.5 A concepção das relações étnico-raciais construída na sociedade Brasileira | 37 |
| 2.6 O colorismo - a negritude enquanto fator fenótipo | 40 |
| 3. METODOLOGIA | 44 |
| 3.1 Tipo de pesquisa | 44 |
| 3.2 Participantes | 46 |
| 3.3 Instrumentos de pesquisa | 46 |
| 3.4 Procedimentos para coleta de informações | 48 |
| 3.5 Procedimentos para análise de informações (dados) | 49 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 51 |
| 4.1 Autodeclaração | 51 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.2 Concepções acerca das relações étnico-raciais | 54 |
| 4.3 Marcadores raciais nas entrevistas dos egressos | 60 |
| 4.4 Caminhos para a Equidade Racial apresentados no Grupo de Discussão | 62 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 66 |
| REFERÊNCIAS | 68 |
| APÊNDICE I – Instrumento de Coleta de Dados – Análise documental | 71 |
| APÊNDICE II – Instrumento de Coleta de Dados – Questionário de autodeclaração | 72 |
| APÊNDICE III – Instrumento de Coleta de Dados – Roteiro de Entrevista semiestruturada | 73 |
| APÊNDICE IV – Instrumento de Coleta de Dados – Roteiro do Grupo de Discussão | 74 |
| APÊNDICE V – Indicadores da Entrevista | 76 |
| APÊNDICE VI – Transcrição das entrevistas | 77 |
| APÊNDICE VII – Transcrição do Grupo de Discussão | 107 |
| ANEXO A – Ofício de autorização da Instituição | 118 |
| ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 120 |
| ANEXO C – Termo de Autorização de Uso de Imagem | 121 |

APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL

Sou negra...
Sou mulher...
Sou guerreira...
Pele suada...Surrada
Que não desiste...
Insiste em assumir sua negritude
Que ama, mas não é só prazer
É muito mais...É determinação!
Esta alma guerreira
De Dandaras, Anastácias e N'Zingas
Que habitam em mim
Inquieta-me
Explora meu corpo...Aflora...
E a cada curva bem ou mal delineada
Vou superando obstáculos...
Nessa guerra
Contra todas as formas de violência.
Sou negra...Guerreira!
Sou mulher...
Sou ancestralidade!
Tenho uma história de sacrifícios, vitórias e superação.
Exijo respeito!

Isabete Fagundes Almeida (2016)

Quando olho para o caminho percorrido até aqui, percebo que a jornada da construção da minha identidade e autoconhecimento está só começando. Este memorial tem o objetivo de relatar experiências marcantes da minha trajetória de formação docente, imbricada no eixo pessoal, profissional e acadêmico, com memórias da infância, no papel de discente, especialmente do período de ingresso nos cursos preparatórios para o vestibular e do ingresso na Universidade Paulista no curso de Pedagogia, sendo esse acontecimento o marco pioneiro da minha relação com a docência, iniciando nas bolsas de estágio. Contempla ainda o processo de construção do conhecimento durante o período de formação docente, assim como as

expectativas, os desafios, frustrações e vitórias vivenciadas nesta trajetória de desconstrução.

Entre outros pontos importantes da formação docente, o presente memorial tem como objetivo enaltecer o quanto a docência foi essencial para o fortalecimento da minha identidade negra, especialmente a mulher e a docente negra.

Pensar sobre a identidade negra redonda sempre em sofrimento para o sujeito. Em função disto, o pensamento cria espaços de censura à sua liberdade de expressão e, simultaneamente, suprime retalhos de sua própria matéria. A “ferida” do corpo transforma-se em “ferida” do pensamento. Um pensamento forçado a não poder representar a identidade real do sujeito é um pensamento mutilado em sua essência. (SOUZA,1983, p.10)

No início da docência fui percebendo que minha imagem e minha presença impactavam os alunos e, inicialmente, não percebi o quão positivo isso era, pois não tinha construído ainda minha autoimagem, foi então que comecei esse processo doloroso de olhar para mim, corpo e alma negra. Entretanto, como percebi que meus alunos me viam como uma luz negra para eles, comecei o meu processo identitário assim:

A mulher negra professora se defronta com muitos conflitos para a construção de sua identidade e o estabelecimento de sua condição de mulher e profissional. Porém, nem sempre essa complexa realidade e todas as pressões às quais é submetida conseguem desfigurar a sua autoimagem. Sua consciência avança. (GOMES, 1995, p.55).

Diante disso, a minha consciência foi avançando e a minha trajetória docente foi se construindo pelas desconstruções e pelo aprendizado com os alunos. Neste memorial, a alteridade se constitui na relação docente com o discente e caminha para a minha construção profissional e humana.

1. TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

2.1 O encantamento por aprender e superação do apagamento identitário

A curiosidade sempre fez parte de mim, questionava todas as razões possíveis e cabíveis nas mais diversas situações – em casa, na escola, sempre fui muito curiosa. Entretanto, ao olhar o início da minha vida escolar, não tinha muitas

oportunidades de perguntar, inclusive, dificilmente era notada, mas sempre estava atenta aos professores e com muitas ideias.

Essa questão de ser percebida não é algo que eu sempre identifiquei, fui desenvolver essa percepção já nos anos finais, por volta da sétima série/oitavo ano – é um apagamento da nossa identidade e notoriedade, consequência de um racismo estrutural que impacta na crença docente em relação aos alunos e alunas negras. Gomes (2002) aponta que nenhuma identidade é construída no isolamento, é nas relações que estabelecemos durante a vida que vamos construindo nossa identidade pessoal e social, sendo que esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário.

É nesse sentido que, percebendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos desenvolvida nas relações sociais e culturais, fica evidente o quanto esse apagamento influenciou na construção da minha identidade.

Em contrapartida, esse rompimento identitário não sucumbiu à minha vontade de aprender, em virtude do incentivo e apoio dos meus pais, que exigiam notas altas, organização e um bom rendimento, de modo geral eu estava sempre buscando, tirando dúvidas e emergindo na busca pelo conhecimento.

Assim, cursei toda a educação básica na rede pública de ensino municipal e estadual, tive acesso ao Centro de Estudos de Línguas em que fiz Espanhol por três anos, concomitante ao Ensino Médio, de forma gratuita, com seleção a partir de análise do boletim. No início do 3º ano entrei em um cursinho popular para me preparar para o vestibular – foi nesse cursinho que comecei a me perceber como uma jovem estudante negra – havia mais pessoas como eu, foi o primeiro lugar em que ouvi alguém discutir racismo sob a ótica da qual eu me sentia parte, mas ainda não havia firmado minha identidade negra, foi nesse cursinho que tive contato uma ótica mais ampla e desconstruída na qual comecei a enxergar quem eu era.

Fiz dois anos de cursinho e, neste período, houve uma mudança significativa de rota. Nesse cursinho, eu comecei a desenvolver um olhar mais crítico sobre a minha própria identidade e sob a formação crítica que estava tendo, hoje na minha prática docente levo muitas abordagens e estratégias de ensino que tive enquanto era apenas discente.

2.2 Mudança de rota - o encontro com a docência no caminho

Desde que entrei no curso popular, caminhava fixamente para cursar Jornalismo, porém fui descobrindo outras áreas e me encantei pela Psicologia. Prestei diversos vestibulares, fui aprovada em Psicologia na UFMG, cheguei a ir lá conhecer a Universidade, mas sentia que ali não era o meu lugar e morar longe da família foi o maior motivo pelo qual não fui. Diante dessa mudança, fiz o ENEM, inscrevi-me no ProUni para Pedagogia como as duas primeiras opções em universidades diferentes e para Psicologia em terceira opção – fui aprovada para bolsa integral para cursar Pedagogia nas duas universidades e escolhi a Universidade Paulista (UNIP). Em 2010, iniciei o curso de Pedagogia e entrei para um programa da Prefeitura Municipal de São José dos Campos chamado “Agente Cidadania” e atuava na escola no período da manhã auxiliando nas questões administrativas.

Entretanto, como estava cursando Pedagogia e continuava curiosa, fui auxiliando nas questões docentes, apoiava os professores no desenvolvimento de projetos, substituí-los quando necessário – foi nesse momento que comecei uma reflexão sobre o meu papel enquanto futura professora negra – não havia muitos, aliás, eu tive apenas uma no ensino fundamental e no cursinho – comecei a perceber que aquele espaço era meu e que podia quebrar barreiras estruturais e pessoais, porém ainda não me percebia e nem me intitulava mulher negra e futura docente. Nesta mudança de rota, houve a oportunidade de prestar a prova de um processo seletivo na Fundação Hélio Augusto de Souza (Fundhas) para estagiar e por ser uma organização que atende crianças e adolescentes em período contrário da escola formal e oferece atividades socioeducativas, eu pude aprender muito com as práticas que são pautadas nos quatro Pilares da Educação (UNESCO): Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer. Neste trabalho, eu tive a oportunidade de colaborar com a alfabetização de muitas crianças, sendo a maioria delas negras – concomitantemente, eu passava pela transição capilar e começava a usar o cabelo natural em estilo “black power”.

A partir dessas experiências, eu comecei a perceber o quanto o meu cabelo aproximava as crianças, além de verem que era parecido com o cabelo delas, falavam orgulhosas “seu cabelo é lindo, Tia Ju”, “Seu cabelo é macio, Tia Ju”, foi nesse movimento então que comecei a maturar minha identidade, a docência me trouxe um

conhecimento que até então estava apagado – o autoconhecimento, o reforço da minha identidade.

Diante disso, eu comecei a me empoderar mais enquanto mulher, negra e professora e construir conhecimentos docentes e humanos, o que corroborou significativamente para a construção do conhecimento docente.

Há pelo menos quatro grandes fontes para base de conhecimento para o ensino: (1) formação acadêmica nas áreas de conhecimento ou disciplinas; (2) os materiais e o entorno do processo educacional institucionalizado (por exemplo, currículos, materiais didáticos, organização e financiamento Educacional, e a estrutura da profissão docente); (3) pesquisas sobre escolarização, organizações sociais, aprendizado humano, ensino e desenvolvimento, e outros fenômenos sociais e culturais que afetam o que os professores fazem; e (4) a sabedoria que deriva da própria prática. (SHULMAN, 1988, p. 207)

É importante ressaltar que, neste momento de mudança de rota, eu ainda não tinha concluído a formação acadêmica, mas estava buscando conhecimento em muitos materiais didáticos para atender às necessidades das crianças, estava lendo muito sobre as organizações de educação não formal e estava construindo na prática, na relação com os alunos, grandes conhecimentos – para mim, hoje, é uma sabedoria profunda e humana que impacta diretamente no que sou, enquanto docente e pessoa humana – em busca de uma educação emancipatória.

Ainda na rota da docência, fiquei dois anos na Fundhas e depois fiz outro processo seletivo para o estágio da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos, continuando o caminho – na escola, enquanto estagiária, comecei a substituir os professores em situações emergenciais, comecei a me engajar em projetos e todas essas oportunidades só me fortaleceram para dar o próximo passo: passar no concurso público e lecionar na educação pública.

2.3 O anseio pela docência efetiva na educação pública

Ao concluir a Licenciatura Plena em Pedagogia, em 2012, comecei a trabalhar na rede privada, em uma escola que atendia Educação Infantil e Ensino Fundamental I – eu era a única professora negra e percebia a relação distante com as famílias, que não vinham falar comigo e se dirigiam sempre à coordenação para tratar assuntos pedagógicos que eram de minha responsabilidade, essa situação só me fortalecia para buscar a educação pública, pois sentia que eu poderia contribuir mais, porém,

no meio desse percurso, na mesma escola eu tive oportunidade de ser a professora negra da única aluna negra do Fundamental, e pude perceber como a relação dela se estreitou comigo e com os colegas, uma vez que eu fui a 1ª professora negra dela, até aquele momento, e um vínculo expressivo foi sendo criado. Neste sentido, Gomes afirma que precisamos pensar no impacto dessa relação,

(...) um dos primeiros passos a ser dado pelas educadoras e pelos educadores que aceitam o desafio de pensar os vínculos entre educação e identidade negra seja reconhecer que qualquer intervenção pedagógica a ser feita não pode desconsiderar que, no Brasil, vivemos sob o mito da democracia racial e padecemos de um racismo ambíguo. A partir daí, é preciso compreender que uma das características de qualquer racismo é sustentar a dominação de determinado grupo étnico/racial em detrimento da expressão da identidade de outros. É no cerne dessa problemática que estamos inseridos, o que significa estarmos em uma zona de tensão. (GOMES, 2002, p. 42)

O anseio pela educação pública aquecia meu coração, pois eu queria poder contribuir de forma mais massiva com a construção de uma sociedade mais justa e solidária, então continuei me preparando para os concursos, prestando várias provas para amadurecer no preparo. Em 2015, passei no Concurso do Estado de São Paulo e da Prefeitura Municipal, realizando esse grande sonho, e comecei as andanças provocadoras que tanto me ensinaram.

2.4 As andanças provocadoras e a quimera do mestrado

A curiosidade e a motivação me moviam profundamente nesse contexto, eu lecionava para o 5º ano na Rede Municipal e tive a oportunidade de dar aulas em cursos livres, preparatórios para concursos – compartilhando os conhecimentos que construí ao longo da busca pela carreira pública – além disso eu fui aproveitando as oportunidades da rede e dos cursos de extensão – em 2017, fiz um curso intitulado Cultura Afro-Brasileira, o qual abriu ainda mais os meus olhares para o combate ao racismo. Nesse momento afirma-se minha construção identitária e pude perceber o quanto havia me desconstruído enquanto ser humano e me construído enquanto docente. Diante desse processo, eu me encantei pela formação de professores e comecei a busca pelo sonho do Mestrado.

No caminho percorrido até aqui, há um processo de construção identitário e profundo que me envolve como docente. Ao lecionar para outros professores nos

cursinhos, foi possível perceber que estava no caminho certo – formação docente era a maneira pela qual eu podia corroborar para a construção de uma educação antirracista, mais justa e igualitária.

Nesse sentimento de pertença à docência, fui em busca do Mestrado, para me aprofundar mais na educação e poder contribuir de alguma forma para práticas antirracistas e que pudessem ajudar mais crianças e adultos no processo de construção da identidade. O apagamento a que me referi no início do presente memorial é uma grande preocupação que carrego e por isso estou neste Mestrado Profissional em Educação – na busca ativa do empoderamento negro.

Ao escrever este memorial autobiográfico tão reflexivo, foi possível perceber como a docência foi essencial na construção da minha identidade negra. Além disso, percebo que estou apenas começando e já me desconstruí significativamente nesse movimento de construção e desconstrução, superando as barreiras da invisibilidade e buscando ser luz na vida dos alunos. Todas as fases e momentos aqui relatados fazem parte de processo intrínseco e profundo de análise e reflexão e, portanto, encerro este memorial na certeza de que estou no caminho certo, de que a docência foi o caminho para que os sonhos se realizassem – o sonho de cursar uma universidade, de chegar ao mestrado e de poder humildemente transformar vidas torna tudo muito significativo e gratificante.

Ao fazer essa retrospectiva de vida, de identidade e de docente, percebo o quanto o apoio e incentivo dos meus pais foram o combustível para alcançar os sonhos e ainda permanecer na luta para buscar sempre mais – é olhando pra eles que consigo buscar forças para continuar a sonhar e lutar, perseguindo novas conquistas, buscando mais conhecimento, novos saberes que continuem me transformando e me tornando uma pessoa melhor. O processo de construção e desconstrução continua, em um exercício metacognitivo constante, buscando refletir teoricamente sobre a própria história, relacionando com a trajetória profissional – eis um ato reflexivo potente para continuar nesta caminhada.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Relevância do Estudo

Os processos históricos que iniciaram o desenvolvimento da sociedade brasileira abriram espaço para o fortalecimento dos marcadores sociais da diferença, os quais podem ser compreendidos como toda forma de rotulação/classificação que diferencie os indivíduos dentro de uma característica – seja por uma condição física, estética, cultural e de pensamento – e hierarquizando socialmente, dando-lhes mais ou menos possibilidade de ascensão social. Conforme aponta Zamboni (2016), “desigualdades entre os homens não são naturais. Elas são construídas socialmente e precisam ser contextualizadas em termos de tempo e espaço”. Nesse sentido, a presente pesquisa se debruça sobre os marcadores de “Classe, Raça e Gênero”, os quais são essenciais para que hoje se possa analisar de forma verdadeiramente crítica à situação da população negra da sociedade brasileira, especialmente o egresso do Mestrado Profissional em Educação, uma vez que os que acessam o nível de educação superior *stricto sensu* sobressaíram à desigualdade social e conseguiram emergir.

(...) os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política. Finalmente, os sistemas de classificação estão intimamente ligados às relações de poder. Estão, portanto, sempre em disputa - das relações pessoais à política internacional. (ZAMBONI, 2016, p. 15)

Em se tratando de relações de poder, Foucault (1999) traz o conceito de saber-poder a partir da ideia de *panoptismo*, o qual converge significativamente com a presente pesquisa, uma vez que os egressos, a partir do conhecimento, mudam suas escalas de poder social:

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 1999, p. 228)

Pensando no conceito de Panóptico de Foucault (1999) exposto e relacionando-o com o presente estudo, é inevitável a percepção de um sistema normalizador que interfere no comportamento dos indivíduos. Sob essa perspectiva,

não há como não pensar no papel do *stricto sensu*, nas relações que nele se estabelecem e nas possibilidades que essa possui em reforçar ou superar as diversas relações de poder que hoje compõe as organizações sociais.

Dentro das relações histórica e socialmente estabelecidas, há aquelas que possuem marcas profundas, pautadas na categorização dos sujeitos, o que faz surgir as discussões acerca dos marcadores sociais da diferença e que influenciam e, muitas vezes geram, as relações de poder supracitadas. Pensando sob a ótica dos direitos humanos e de que todos os indivíduos devem ser respeitados e possuir igualdade de direitos, sem sofrer discriminações ou impedimentos originários de características físicas, sociais, culturais, religiosas, entre outras, é que esta pesquisa analisa os egressos autodeclarados e seus caminhos formativos.

Ainda nessa perspectiva, Hall (2009) aponta que está acontecendo uma mudança estrutural e transformadora na sociedade do século XX, há um compartimento das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, era pensada individualmente, como características individuais. Entretanto essas transformações estão também mudando as identidades pessoais, levando à ideia de que os sujeitos são integrados nessas perspectivas e colocados socialmente.

A diferença entre brancos e negros, dentro dos grupos sociais, não está expressa apenas na cor da pele. O preconceito e a discriminação racial são problemas que marcam a história e trazem consigo a desigualdade em diversos setores da sociedade: acesso à educação, utilização da força do trabalho, inserção profissional, entre outros. Segundo o documento ¹*Síntese de indicadores sociais uma análise das condições de vida da população brasileira*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), mais da metade dos brasileiros não tem diploma de ensino médio, 51% da população de 25 anos ou mais possui apenas o ensino fundamental completo ou equivalente, 22,2% das pessoas brancas possuem diploma de graduação, mas entre as pretas ou pardas essa proporção é de 8,8%. Quando se chega ao *stricto sensu*, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad 2018), embora representem a maior parte da população (52,9%), os estudantes negros representam apenas 28,9% do total de pós-graduandos. O número de estudantes

¹Síntese de indicadores sociais (IBGE), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultado>. Acesso em: 27 ago. 2021.

brancos nessa etapa de ensino também aumentou nos últimos 12 anos, passando de 218,8 mil para 270,6 mil.

As relações construídas no período da escravidão, juntamente com o desenvolvimento do capitalismo, refletem até hoje nas condições de vida em que a grande parcela da população negra está inserida. Diante disso, é preciso refletir que a sociedade atual é permeada pelo racismo e o preconceito, os quais têm sido combatidos com algumas iniciativas, porém ainda são muito fortes e, possivelmente, podem ser identificadas na trajetória docente dos egressos do MPE, logo pode-se inferir que as opressões construídas historicamente também afetam a escola e a universidade, a que outrora se propunha a ser um espaço de aprendizagem e construção coletiva do saber e desconstrução de estigmas, preconceitos e desigualdades sociais.

A presente pesquisa busca compreender como os egressos do Mestrado Profissional em Educação percebem as relações étnico-raciais na própria trajetória docente e, partindo dessa realidade, trazer uma discussão que embora não seja tão recente, ainda é tomada pela invisibilidade dentro e fora dos espaços de ensino, principalmente adentrando os espaços da educação superior, na pós-graduação *stricto sensu*, em que as marcas de uma educação básica estereotipada e desigual ainda permeiam e afetam diretamente a trajetória docente que, posteriormente, imbricará na formação de outros profissionais da educação.

1.2 Delimitação do Estudo

A presente pesquisa se realizou com os Egressos do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU) de 2014 a 2019. Inicialmente, todas as dissertações foram analisadas, a partir de uma análise documental pública, na qual foi possível identificar as temáticas abordadas pelos egressos e, posteriormente as dissertações e os memoriais apenas dos egressos que se autodeclararam pretos e pardos, o que, a partir de uma análise inicial, correspondem a cerca de 8 a 10 alunos. Essa análise inicial foi realizada a partir dos dados apresentados no início do curso do Mestrado – a Universidade não possui um movimento de autodeclaração instituído de forma normativa e também não possui políticas afirmativas de acesso e permanência do *stricto sensu*. Sendo assim, essa análise foi feita pelos docentes, ao mapear as

turmas de 2014 a 2019, via formulário. A presente pesquisa visa identificar, nas pesquisas dos egressos, como as relações étnico-raciais são tratadas e reconhecer marcadores de racismo no contexto escolar e acadêmico, de modo que a partir dessa identificação seja possível traçar possibilidades para construção de uma educação antirracista. Além dessa perspectiva, essa pesquisa também visa contribuir para a construção de ações afirmativas que fortaleçam as relações étnico-raciais na pós-graduação.

1.3 Problema

É preciso reconhecer as dificuldades da trajetória dos negros na educação, tanto homens como mulheres, desde a educação básica até o *stricto sensu* – a busca por um espaço de acesso, reconhecimento e valorização. Diante desse cenário, a problemática a ser estudada traz a seguinte questão: como os egressos do Mestrado Profissional em Educação percebem as relações étnico-raciais na própria trajetória docente?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

O objetivo da presente pesquisa é analisar a trajetória docente dos Egressos do Mestrado Profissional em Educação que se autodeclararam negros em seus memoriais de formação e nas dissertações para assim compreender as relações étnico-raciais neste percurso.

1.4.2 Objetivos Específicos

Doravante a análise da trajetória docente dos egressos, a presente pesquisa visa:

- compreender como os egressos autodeclarados negros entendem e concebem a questão racial e suas relações sociais e étnicas;
- investigar como as políticas afirmativas contribuíram para o acesso da população negra à universidade, especialmente no *stricto sensu*;

- planejar um núcleo de diversidade na Universidade de Taubaté para Pesquisa de Egressos e Ativos na Educação Básica.

1.5 Organização da Pesquisa

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados Parciais e Discussões, Referências, Apêndices e Anexos.

A Introdução subdivide-se em cinco subseções: Problema, Objetivos Geral, Objetivos Específicos, Delimitação do Estudo, Relevância do Estudo/Justificativa e Organização do Trabalho.

A Revisão de Literatura abordará também pontos relevantes referentes às relações étnico-raciais na trajetória docente, como a concepção de raça, as legislações vigentes sobre a temática, bem como alguns autores centrais, e também apresentará um panorama das pesquisas recentes sobre os conceitos de “raça, etnia, pretos, pardos, negros e egressos” nos Bancos de Periódicos da CAPES, no Banco de Dissertações da Unitau e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

A metodologia subdivide-se em quatro subseções: População, Instrumentos de Pesquisa, Procedimentos para Coleta de Dados e Procedimentos para Análise dos Dados.

Em seguida, apresentam-se os Resultados Esperados, o Cronograma de Trabalho, bem como o Orçamento, seguido das Referências. Nos Anexos e Apêndices constam os instrumentos elaborados pela autora do presente trabalho.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para a presente pesquisa foram utilizados como referenciais teóricos livros, artigos, teses e dissertações que contemplem as relações étnico-raciais. Foram feitas buscas no Banco de Dissertações da UNITAU, no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES/MEC e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), considerando como recorte temporal de 2014 a 2019 e utilizando como descritores Relações étnico-raciais, Raça, Etnia e Egresso. A partir dessa busca foram encontrados os seguintes resultados:

Quadro 1 - Panorama quantitativo das pesquisas correlatas

| DESCRITORES | Relações étnico-raciais | Raça | Etnia | Egresso | |
|----------------------------------------------------------|-------------------------|--------|--------|---------|-----|
| I N S T I T U I Ç Õ E S | Unitau | 2 | 0 | 0 | 3 |
| | BDTD | 265 | 3.186 | 651 | 466 |
| | CAPES/MEC | 13.203 | 2.172 | 518 | 137 |
| | USP | 18 | 36.089 | 176 | 289 |
| | UNICAMP | 20 | 844 | 174 | 104 |

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Esse panorama foi construído a partir do acesso aos repositórios públicos das instituições. É importante ressaltar que o descritor “raça” foi pesquisado em sua terminologia, o que evidenciou em maior número os estudos que envolvem o conceito de raça, em seu sentido biológico. Entretanto, esta pesquisa se aprofundou nas teses e dissertações que estudam “raça” em sua profundidade política, econômica e social. A partir desse panorama quantitativo e após a leitura prévia dos títulos e resumos das pesquisas, foram selecionadas algumas dissertações para a presente pesquisa. A pesquisa foi realizada a partir da busca avançada com cada descritor entre aspas. O quadro 2 indica os títulos escolhidos e suas respectivas fontes.

Quadro 2 - Pesquisas selecionadas para análise

| Título da pesquisa | Autoria | Banco de Dissertações | Ano |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|------------------------------|------------|
| Relações étnico-raciais na perspectiva de professores: escola, currículo e cotidiano escolar | Eliana Sodré Mendes | UNITAU ² | 2017 |
| Diversidade étnico-racial no contexto escolar: um estudo das interações sociais em uma escola de Educação Infantil | Patrícia Batista Ribeiro | UNITAU | 2017 |
| Um estudo sobre a iniciação profissional de bolsistas e egressos do PIBID | Rafael Marques Gobbo | UNITAU | 2017 |
| Desafios de uma educação inclusiva: legislação e Ação afirmativa para o Negro | Hilma de Pinho Souza | UNITAU | 2016 |
| Influências do Mestrado Profissional em Educação no desenvolvimento dos egressos de 2014 | Ana Carolina da Silva Rocha | UNITAU | 2014 |
| Formação de Professores para o Trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais | Vanessa Regina Eleutério Miranda | BDTD ³ | 2018 |
| Análise da formação continuada de professoras e professores no núcleo de estudos Afro-brasileiros na Universidade Federal do Paraná | Gioconda Ghiggi | CAPES/MEC ⁴ | 2017 |
| Mulheres Negras e educadoras: de amas de leite a professoras | Arlete dos Santos Oliveira | USP ⁵ | 2009 |
| Mulheres periféricas e autorrepresentação: uma análise do Nós, Mulheres da Periferia | Evelyn Medeiros Kazan | USP | 2020 |
| Educação para as relações étnico-raciais no Brasil | Ruth Meyre Mota Rodrigues | UNICAMP ⁶ | 2017 |
| Elza Soares na escola: gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história | Juliana Cintia Videira | UNICAMP | 2018 |

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

² Banco de Dissertações da UnitaU, disponível em: <https://mpe.unitau.br/banco-de-dissertacoes/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

³ Biblioteca Digital de Dissertações e Teses do Brasil, disponível em: <https://btdt.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

⁴ Catálogo de Teses e Dissertações CAPES/MEC, disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

⁵ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações USP, disponível em: <https://www.theses.usp.br/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

⁶ Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp, disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

O quadro 2 menciona as obras selecionadas que contribuíram significativamente para a construção da presente pesquisa, as quais abordam a temática do egresso e/ou das relações étnico-raciais e que serão analisadas, partindo dos apontamentos significativos no item 2.1.

2.1. Análise das pesquisas selecionadas que corroboram com a presente pesquisa

A pesquisa intitulada “Relações étnico-raciais na perspectiva de professores: escola, currículo e cotidiano escolar”, de Eliane Sodr e Mendes, corroborou significativamente com este projeto, pois traz uma visão ampla das rela es étnico-raciais articulando o conceito com as concep es de currículo, escola e cotidiano. Com isso, Mendes (2017) baseou-se em três princípios que foram muito relevantes para esta pesquisa: “consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e direitos e de a es educativas no combate ao racismo e   discrimina o”.

Ao analisar a disserta o de título “Diversidade  tnico-racial no contexto escolar: um estudo das intera es sociais em uma escola de Educa o Infantil” foi possível observar as rela es étnico-raciais em uma etapa de ensino da educa o básica, e um dos aspectos mais relevantes observados foi o reconhecimento de que as crianças trazem questões étnicas para as brincadeiras. Entretanto, o que falta   um documento norteador para a prática pedagógica voltada para o ensino das rela es raciais que d  embasamento a práxis.

O terceiro trabalho analisado trouxe colabora es significativas em rela o ao egresso, principalmente, porque conforme título “Um estudo sobre a inicia o profissional de bolsistas e egressos do PIBID”, os egressos se tratavam de um programa de fomento aos estudos e assim pode-se perceber que as vivências e experiências proporcionadas pelo programa contribuíram efetivamente para a atratividade da carreira docente – isso implica na profundidade das percep es que a pesquisa com egressos pode proporcionar.

A análise feita no trabalho intitulado “Desafios de uma educa o inclusiva: legisla o e A o afirmativa para o Negro” evidenciou o posicionamento criterioso da autora ao afirmar “(...) para que conhecendo a história e cultura dos negros se possa construir uma sociedade que respeite as diversidades sem hierarquizá-las,

preparando-se para o convívio com a igualdade de direitos frente as diferenças social e cultural” (DJAMILA RIBEIRO, 2018). Tal locação evidencia a necessidade de estudar as relações étnico-raciais conhecendo a história e cultura afro-brasileira.

O estudo da dissertação “Influências do Mestrado Profissional em Educação no desenvolvimento dos egressos de 2014” trouxe uma perspectiva interessante sobre os egressos, apontando avanços profissionais após o curso do Mestrado, uma vez que o curso influenciou significativamente nas práticas educativas docentes, no desenvolvimento da concepção de profissionalidade, da autonomia moral e da responsabilidade social.

O trabalho “Formação de Professores para o Trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais” provocou grandes reflexões por tratar diretamente da Formação de Professores e isso tem a relação com a presente pesquisa no MPE, com isso, sendo possível perceber como é importante considerar as percepções e os sentidos trazidos pelos professores.

Além das contribuições das pesquisas citadas, ao olhar o trabalho intitulado “Análise da formação continuada de professoras e professores no núcleo de estudos Afro-brasileiros na Universidade Federal do Paraná” destacou-se a relevância de analisar criteriosamente os materiais de formação dos educadores e identificar potenciais de transformação dos estudos afro-brasileiros.

A pesquisa sobre as “Mulheres Negras e educadoras: de amas de leite a professoras”, desenvolvida na Universidade de São Paulo, tem um movimento profundo de construção de uma identidade positiva por parte das entrevistadas, o qual evidenciou os caminhos de superação dos desafios e obstáculos da vida cotidiana, especialmente relacionadas ao modo como foram posicionadas historicamente aos espaços da casa e aos afazeres domésticos. A ascensão social das participantes do estudo foi o acesso à educação, para assim poderem resistir e reconstruir suas identidades.

Acerca das relações étnico-raciais e suas imbricações, ainda sob a perspectiva das mulheres o trabalho “Mulheres periféricas e autorrepresentação: uma análise do Nós, Mulheres da Periferia”, também da Universidade de São Paulo, traz uma reflexão potente da necessidade de olhar para os diversos marcadores da diferença da mulher negra e periférica e sua personificação da grande amiga.

A pesquisa evidenciou ainda a multiplicidade dessas mulheres – que são atravessadas pelas relações étnico raciais, de gênero, de sexualidade e geracional e não podem ser anuladas ou não vistas de forma interseccional, a partir do sexismo e do racismo que enfrentam na relação social com o território periférico e com seus espaços de atuação.

A pesquisa “Educação para as relações étnico-raciais no Brasil: um termômetro”, desenvolvida na Unicamp, apresentou considerações relevantes sobre a temática central deste trabalho, trazendo um panorama do movimento educador para as relações étnico-raciais no Brasil, visto que é um processo histórico e de muitas lutas, especialmente em relação às legislações educacionais no tocante às relações étnico-raciais que reverberam no processo de ensino e aprendizagem.

O presente trabalho contribui no sentido de evidenciar as falhas nas implementações legislativas e conseqüentemente no combate ao racismo no sistema de ensino, o que também se fortalece na dificuldade de acesso e permanência ao *stricto sensu* e no número de pessoas autodeclaradas negras, que chegaram até a pós-graduação como participantes desta pesquisa.

Corroborando com as pesquisas destacadas, a dissertação “Elza Soares na escola: gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história”, desenvolvida na Unicamp, apresentou uma análise e um material didático construído e aprofundado com os Anos Finais, os quais trouxeram grandes oportunidades de reflexão para os estudantes. Um aspecto relevante da pesquisa foram as fontes musicais utilizadas pela pesquisadora sobre as representações do feminino construídas ao longo da história do Brasil, sobretudo no que se refere ao contexto da mulher negra.

A biografia de Elza permitiu examinar como a artista negociou, reagiu às normas sociais, investiu em práticas de resistência e de criação de si, o que de modo especial corrobora com o objetivo deste trabalho que visa compreender como os egressos viveram, reagiram, lutaram e ainda o fazem na trajetória e no fazer docente.

2.2. Análise dos memoriais de formação

A construção do memorial docente é uma proposta de trabalho desenvolvida na disciplina de Formação Docente e Desenvolvimento Profissional na instituição, o qual é construído a partir da retomada das memórias afetivas e profissionais do professor. A produção dos egressos foi analisada buscando como se deu a abordagem das relações étnico-raciais para, a partir dessa análise, identificar os que se autodeclararam pretos, negros ou pardos nas suas produções e reconhecem a educação como um mecanismo emancipatório, também os que não se declaram e de que maneira potencializam a luta pela diversidade e pela igualdade de direitos.

O Mestrado Profissional em Educação foi aprovado pelo MEC/CAPES no ano de 2013 com nota 4. A primeira turma teve início em março de 2014. Na avaliação quadrienal de 2016, o mestrado também obteve a nota quatro pela Capes. O curso tem por objeto de estudo e pesquisa a formação docente para a Educação Básica, analisando a formação docente em si, as políticas públicas que influenciam essa formação, os processos cognitivos e de aprendizagem que a fundamentam, as alternativas pedagógicas, metodológicas e tecnológicas que a apoiam. O MPE é um mestrado *stricto sensu* com dois anos de duração ao longo dos quais os mestrandos devem cursar disciplinas das áreas de concentração do programa e preparar uma dissertação para ser defendida diante de uma banca de doutores da área.

O objetivo da presente pesquisa é refletir sobre a trajetória dos egressos do Mestrado, identificar marcadores do racismo no contexto escolar e acadêmico e constatar como a questão étnica-racial é contemplada nas produções acadêmicas. Nesse sentido, ao olhar para os memoriais, evidenciamos os processos históricos que iniciaram o desenvolvimento da sociedade brasileira, os quais abriram espaço para a construção de alguns estigmas sociais, dentre eles: Classe, Raça e Gênero, essas denominações são essenciais para que se possa analisar de forma verdadeiramente crítica a situação da população negra da sociedade brasileira, especialmente o egresso do Mestrado, supondo que os que chegam até o nível de educação superior sobressaíram à desigualdade social e conseguiram emergir.

A análise de 101 dissertações produzidas de 2014 a 2019, por meio dos distratores: etnia, étnico racial, preto, pardo, raça e preconceito, evidenciou que em

63 das teses não há abordagem ou citação sobre a temática étnico-racial. 35 docentes abordaram na perspectiva de apontamento, do reconhecimento e da identificação de situações de segregação e desvalorização da cultura afro-brasileira, juntamente com outras diversidades. Apenas três docentes desenvolveram pesquisas sobre a temática étnico-racial e trouxeram essa questão refletida no memorial.

Esses números indicam a invisibilidade negra dentro e fora dos espaços de ensino, principalmente na pós-graduação, em que as marcas de uma educação básica estereotipada e desigual permeiam – a partir desses dados, é visível o quanto esta temática tão necessária e urgente é pouco estudada na produção de conhecimento acadêmico de professores da educação básica. Pode-se inferir também que as pesquisas acadêmicas não perpassam os apontamentos exploratórios e deixam de colaborar na construção de uma educação básica antirracista e, conseqüentemente, no fomento do direito à educação.

2.3 Pesquisa Documental Pública no Banco de Dissertações da Universidade de Taubaté

Ao realizar uma análise documental pública no Banco de Dissertações da Universidade de Taubaté e identificar 101 dissertações produzidas de 2014 a 2019, foi possível observar algumas questões relevantes em relação ao objetivo geral da presente pesquisa que consiste em analisar a trajetória docente do Egresso do Mestrado Profissional em Educação, para vislumbrar como as relações étnico-raciais são tratadas.

Inicialmente, em 62 das teses analisadas não há abordagem ou citação da temática étnico-racial. Seguidamente, 35 docentes apresentaram uma abordagem da questão étnico-racial na perspectiva de apontamento, do reconhecimento de sua importância e da identificação de situações de segregação e desvalorização da cultura afro-brasileira, juntamente com outras diversidades. Sobremaneira, apenas três docentes desenvolveram pesquisas sobre a temática étnico-racial e trouxeram essa questão refletida no memorial. A partir desses dados, é visível o quanto esta temática tão necessária e urgente é pouco estudada na produção de conhecimento acadêmico. Ademais, pode-se inferir que as pesquisas acadêmicas que poderiam impactar na

construção de uma educação básica antirracista e poderiam fomentar o direito à educação como possibilidade de ascensão social, não são feitas em número significativo e não perpassam os apontamentos exploratórios.

A presente pesquisa pretende compreender as relações étnico-raciais na perspectiva do egresso do Mestrado Profissional em Educação. Diante disso, é necessário compreender como o termo “étnico-racial” foi construído historicamente, uma vez que nele estão inseridos os conceitos de raça e etnia, numa relação de completude e complexidade, sendo assim, é substancial atinar de forma ampla tais conceitos. De acordo com Hall (2003, p. 69), (...) “raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo.” Diante desse conceito, a presente pesquisa se baseia no conceito de raça como uma categoria de análise política e como elemento estrutural das relações humanas desenvolvido no coletivo conforme aponta Almeida,

Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede a formação de sua consciência e de seus afetos. (ALMEIDA, 2018, p. 53)

A partir dessa perspectiva, o sentido biológico do termo raça foi sendo repensado e está passando por ressignificações, principalmente por meio do movimento negro brasileiro, que se utiliza desse termo de forma estratégica para conseguir valorizar o legado deixado pelos africanos, inclusive, informando como que nas relações sociais brasileiras, algumas características físicas, por exemplo: formato do nariz e da boca, cor da pele, tipo de cabelo, dentre outras, exercem ascendência, intervêm e até mesmo decidem o rumo e o espaço que os sujeitos ocuparão na sociedade (GOMES, 2004).

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo *raça*, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos

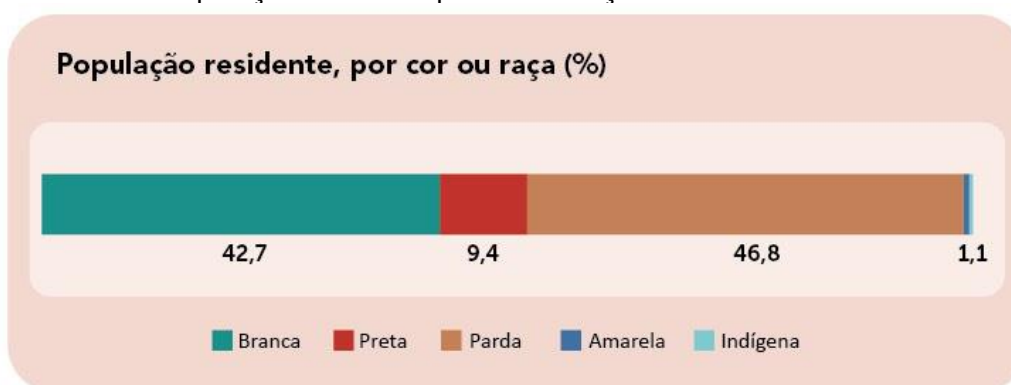
observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, 2017, p. 45)

Em virtude da dimensão social e política do conceito de raça, como apontado por Gomes (2017), é essencial pensar e visualizar esse elemento na educação e a partir disso, desenvolver a percepção de que a raça é uma construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, sendo reafirmada nessa perspectiva nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática. (BRASIL, 2004, p. 12-13)

Diante da contextualização apresentada é possível afirmar que, no Brasil, há uma relação tensa entre a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu, numa dualidade em que a presença da cultura negra e o fato de 56,2% da população se autodeclarar preto ou pardo, conforme aponta o IBGE (2019) não serem fatores suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas, uma vez que ainda persiste, no Brasil, um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidão e valoriza principalmente as raízes culturais europeias, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática.

Gráfico 1: População residente por cor ou raça



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apontam que os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem o Movimento Negro brasileiro, têm mostrado veementemente o quão dura é a vivência dos negros. Além de serem julgados negativamente seu comportamento, ideias e intenções antes mesmo de falarem ou agirem, os negros têm reforçado no quanto é limitante a experiência de fingir ser o que não é para ser valorizado, e de quão dolorosa pode ser a experiência de negar a tradição do próprio povo para encaixar-se em um padrão eurocentrado. As diretrizes afirmam ainda “Se não é fácil ser descendente de seres humanos escravizados (...), é difícil descobrir-se descendente dos escravizadores, temer, embora veladamente, revanche dos que, por cinco séculos, têm sido desprezados” (2004, p.14).

À luz de Frantz Fanon (1979), os descendentes dos mercadores de escravos, aqueles que assolaram a população negra escravizada, não têm, hoje, de assumir a culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados, no entanto têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos. Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças e necessita ser um projeto conjunto para construção de uma sociedade justa e equânime.

2.4 O Sistema Classificatório de Cor ou Raça do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

No sistema de classificação por cor ou raça da população utilizado atualmente pelo IBGE nas pesquisas domiciliares, constam cinco categorias: branca, preta, amarela, parda e indígena. Para a realização da presente pesquisa, essas categorias são muito relevantes para, a partir da autodeclaração dos egressos, visualizar como construíram a própria identidade docente e de como pensam e heteroatribuição e a autodeclaração induzida. É importante ressaltar que mesmo que este sistema seja alvo de críticas, essas categorias têm exercido um papel legitimador das representações sobre os diferentes grupos étnico-raciais que convivem no Brasil.

Inicialmente, no primeiro Censo Demográfico realizado no Brasil, em 1872, a classificação por raças estava presente na forma de quatro opções de resposta: branco, preto, pardo e caboclo, esta última dirigida a contabilizar a população indígena do país.

Ressalta-se que tal escolha foi muito apropriada, pois em um levantamento dessa natureza é importante que os termos empregados tenham uso corrente e o mais disseminado possível para proporcionar maior uniformidade e confiabilidade aos dados obtidos. (OSÓRIO, 2003, p. 18)

Diante da necessidade de veracidade dos dados, há uma orientação estritamente específica no Manual do Recenseador, afirmando que em nenhum momento pode haver influência na resposta do entrevistado e o recenseador pode apresentar definições das categorias conforme tabela:

Quadro 3 - Definição de raça - Manual do recenseador

| COR OU RAÇA | DEFINIÇÃO |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 - Branca | Para a pessoa que se declarar branca. |
| 2 - Preta | Para a pessoa que se declarar preta. |
| 3 - Amarela | Para a pessoa de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana, etc. |
| 4 - Parda | Para a pessoa que se declarar parda ou que se identifique com mistura de duas ou mais opções de cor ou raça, incluindo branca, preta, parda e indígena. |
| 5 - Indígena | Para a pessoa que se declarar indígena ou índia. Esta classificação se aplica tanto aos indígenas que vivem em terras indígenas, como aos que vivem fora delas, inclusive em áreas quilombolas. |

Fonte: Manual do Recenseador 2020 – Censo IBGE

Portanto, para a presente pesquisa, as categorias de cor ou raça estabelecidas pelo IBGE são muito relevantes para que o egresso se autodeclare e que consiga perceber como estes elementos interferem nas relações étnico-raciais na própria trajetória docente e como pesquisador e formador de professores.

2.5. A concepção das relações étnico-raciais construída na sociedade Brasileira

Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos, Benedita da Silva, Senador Paim, Ministro Joaquim Barbosa

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século 18 e, hoje, sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência, nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas — como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras — influenciam, interferem e, até mesmo, determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro, que, em várias situações, utiliza-o com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas, devidas a diferenças na cor da pele e nos traços fisionômicos, são também devidas à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios de origem indígena, europeia e asiática.

Ainda sobre a raiz cultural e ancestral, convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético branco europeu e o padrão negro e africano. O padrão cultural branco e europeu ainda domina e influencia na construção de muitas identidades, uma vez que o racismo estrutural incutiu a negação da estética negra. Bell (1995) articula que o racismo criou e mantém uma estética que fere as pessoas negras e negros, evidenciando um modo de compreender a beleza que causa dor e que exige um disfarce para se adequar ao padrão estético branco. Bell, de forma poética e feroz, afirma que é preciso ver a escuridão com outros olhos, ressignificar, para que se fortaleçam novas visões e estéticas, precisa-se de uma estética negra estranha, transgressora.

Lembrando as casas da minha infância, eu vejo o quão profundamente a minha preocupação com a estética foi moldada por mulheres negras que foram disfarçando uma estética da existência, que lutam para criar uma visão de mundo de oposição para os seus filhos, trabalhando com espaço para torná-lo habitável. Deve ser lembrado mais uma vez que a capacidade de nomear algo (especialmente por escrito termos como estética, o pós-modernismo, desconstrução, etc.) não é sinônimo de criação ou propriedade da condição ou circunstância em que tais termos podem se referir. Muitas pessoas de camadas populares e negras que não conhecem linguagem teórica acadêmica convencional estão pensando criticamente sobre a estética. A riqueza de seus pensamentos é raramente documentada nos livros. (HOOKS, 1995, p. 71)

Guerreiro Ramos (1957) identifica esse padrão estético branco como a “patologia da brancura”, a qual afeta os pensadores sociais dos estados do nordeste, nos quais havia maior contingente de pessoas de pele negra. A manifestação racista de alguns intelectuais representava a negação desse contexto. Ao reproduzirem a “ideologia da brancura”, esses intelectuais sofriam, segundo ele, de uma “patologia”, designada como paranoia.

As minorias 'brancas' destes estados, de longa data, têm mostrado tendências para não se identificar com a circunstância étnica imediata. Sentem-na como algo inferior e por isso, lançam mão, tanto quanto podem, de recursos que camuflam as suas origens raciais. Estes recursos são inumeráveis, desde os mais sutis até os mais ostensivos. (RAMOS, 1957a, p. 181)

Não se identificando com o contexto imediato, com as condições étnicas do país, o protesto racial dos brancos – por vezes elaborado em nome da ciência e de uma sociologia “alienada” dos problemas nacionais –, Guerreiro Ramos reivindicava interesses que iam contra a nação, era uma pessoa coletiva que estava por se formar

a partir da atuação política do povo. A questão racial passa, assim, a ser equacionada no projeto de nação independente e autêntica defendido por ele.

Anzaldúa (2004) destaca o quanto a cultura cerceia horizontes e oprime as pessoas e salienta ainda que, no que se refere aos países terceiro-mundistas, de um modo geral, a visão cultural foi construída pelos “detentores do poder”, elite branca e de homens e nesse sentido, ainda que a presença da cultura negra e o fato de 56,10% da população brasileira ser composta de negros, de acordo com o PNAD (2019), não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas.

Diante disso, ainda persiste, no Brasil, um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidade e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana e a asiática. Para além dessa perspectiva, Munanga (1988) afirma que para combater a negação da aceitação da identidade do negro, seria necessário a não aceitação da assimilação racial, ideológica e cultural imposta, visto que o negro para ser aceito socialmente, precisaria em caráter irrevogável branquear-se e negar sua ascendência africana, caracterizando este processo em autorrejeição e aculturação. Visto que ao contrário:

“Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e feiúra como qualquer ser humano normal” (MUNANGA, 1988, p. 32)

Em uma perspectiva afrodiaspórica, a tomada de consciência em tornar-se negro tem evidenciado os movimentos de resistência e de construção de um estilo visual, identitário e étnico que transcende o imaginário cultural supracitado. De acordo com Munanga (2004) essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social, etc. Esses elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios.

O Movimento Negro Brasileiro, em sua diversidade, tem comprovado o quanto é dura a experiência dos negros de terem julgados negativamente seu

comportamento, suas ideias e suas intenções antes mesmo de abrirem a boca ou tomarem qualquer iniciativa. No tocante, Sueli Carneiro (2005) utiliza conceitos foucaultianos como biopoder e epistemicídio para propor um entendimento acerca do impacto das práticas discursivas racistas no Brasil e do quanto isso anula a existência da população negra. A autora demonstra a existência de um contrato social que sela um acordo de exclusão social e subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpre uma função estratégica de tecnologia do biopoder:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

A partir da lógica do epistemicídio apresentada por Carneiro (2005), é preciso reconhecer o quanto é alienante a experiência de fingir ser o que não é para ser reconhecido, de quão dolorosa pode ser a experiência de deixar-se assimilar por uma visão de mundo embranquecida que pretende impor-se como superior e por isso universal e que obriga a população negra a negar a tradição do seu povo.

Abdias Nascimento (1980) era um defensor da integração social a partir de um princípio de organização racial, na qual a matriz identitária que origina a conformação da nação deve ser observada e valorizada para que se conceba uma perspectiva de cidadania, reiterando o reconhecimento do negro enquanto ator relevante para a constituição de uma identidade nacional.

A história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos, exatamente como sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite branca/brançoide, supostamente de origem ário-europeia. (NASCIMENTO, 1980, p. 15)

As relações étnico-raciais têm se constituído na resistência dos afrodescendentes a esse quadro de racismo, preconceito, exclusão e desigualdade é o que está evidente e reforçado na obra de Nascimento. Dentro de sua perspectiva:

[...] a tenaz persistência da cultura africana no Brasil e em outras partes da América do Sul não pode razoavelmente ser atribuída a uma suposta benevolência dos ário-latinos, nem ao caráter e cultura dos mesmos. Em qualquer caso, a falsa imagem de uma escravidão humanizada, benemérita, com certa “liberdade” tem sido atribuída ao Brasil como também à América Latina, de modo geral. Porém, não foram menos racistas nem menos cruéis do que sua contraparte ário-anglo-saxônica. Da mesma forma que nos Estados Unidos, também na América Latina ou do Sul, e no Brasil, não permitiam aos africanos a prática livre de seus costumes e tradições. (NASCIMENTO, 1980, p. 16)

Percebe-se que Nascimento refere-se à importância da contribuição cultural negro-africana e à construção da identidade nacional. Mesmo que diversos recursos intelectuais tenham sido usados para desconsiderar essa participação

A história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos, exatamente como sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite branca/brancoide, supostamente de origem árioeuropeia. (NASCIMENTO, 1980, p. 15)

Sendo assim, para compreender e reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil é preciso entender e confrontar a ideia de que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. As desigualdades raciais estruturais presentes no Brasil e nas sociedades ocidentais constituem privilégios na produção de conhecimento que se estabelece como pensamento hegemônico, o que vem determinando ao longo do processo histórico quem pode produzir conhecimento e quem não pode, sobretudo o que é considerado conhecimento e o que não é. Nesse sentido, Kilomba (2019) afirma que pensar na academia científica não é um espaço neutro, não é somente um espaço de conhecimento, mas é também um espaço de violência, pois é no pensamento acadêmico que se encontra o resultado das relações desiguais de poder e raça existentes nas sociedades.

2.6 O colorismo – a negritude enquanto fator fenótipo

De acordo com Alessandra Devulsky (2021), o colorismo está baseado na ideia de que existe um fenótipo – um conjunto de características físicas normalizado: o europeu. O ideal, segundo essa lógica, é ser alto, ter a pele clara e os traços que remetem à raça ariana. “Quanto mais próximo se chega disso, maior a percepção de competência e beleza dessa pessoa”, a autora ressalta ainda que não se trata de uma “disputa” sobre quais são as opressões mais profundas, mas de “entender de que modo o racismo penetra na vida das pessoas, nas relações interpessoais, e como isso se constrói historicamente”.

Ainda sobre o modo operante do racismo, embranquecer a população negra é uma estratégia de enfraquecimento, termos como “moreno”, “morena” são usados justamente nessa perspectiva. No Manual do Conselho Federal de Psicologia destaca-se que: “na contramão da ideologia do embranquecimento, há pessoas pardas/mestiças que optam por se reconhecerem como pretas, pois elas têm consciência política sobre o racismo e consideram que o termo pardo/moreno foi historicamente usado como eufemismo, como negação da negritude”.

Afirmar-se negro/negra é uma forma de resistência, mostra orgulho pelas raízes afrodescendentes e diz da compreensão de que as formas de branqueamento são tecnologias de opressão construídas para enfraquecer a população negra. De acordo com Munanga (1996), a busca da identidade, no Brasil, apesar da importância, não é uma coisa fácil, é problemática. Essa identidade passa pela cor da pele, pela cultura, ou pela produção cultural do negro, passa pela contribuição histórica do negro na sociedade brasileira, na construção da economia do país com seu sangue; passa pela recuperação de sua história africana, de sua visão de mundo, de sua religião. Munanga propõe ainda uma reflexão severa sobre a tomada de consciência para resistência:

Mas isso não quer dizer que para eu me sentir negro assumido eu precise necessariamente frequentar o candomblé; não quer dizer que eu precise escutar o samba ou outro tipo de música dita negra. (...) a questão fundamental é simplesmente esse processo de tomada de consciência da nossa contribuição, do valor dessa cultura, da nossa vida do mundo, do nosso “ser” como seres humanos; e valorizar isso, utilizar isso como arma de luta para uma mobilização; isso é que é importante. (MUNANGA, 1996, p. 225)

Essa questão da cor da pele remete ainda à construção do colorismo e durante séculos “a pele negra mais clara ficou submetida ao critério etnocêntrico daquilo que,

embora não branco, é considerado mais palatável, mais próximo da bondade ou da graça. (...) a pele negra mais escura, especialmente para as mulheres, continua sendo relacionada à crueldade e à repulsa”. Sobre isso, Devulsky ressalta: “o colorismo, portanto, é uma criação do branco, e não do negro, no que tange à sua instrumentalização para organizar os espaços públicos e disciplinar, quem tem e quem não tem acesso ao capital cultural”.

Schucman (2012) afirma que a maioria dos brancos em seus depoimentos sabem que são privilegiados em relação aos não brancos. Quando ela pergunta, no entanto, quais são as formas em que eles entendem que são privilegiados, muitos não se reconhecem como agentes de atitudes racistas. Sujeitos que dizem não ser protagonistas de atitudes racistas, de uma certa maneira, são favorecidos pelas atitudes racistas dos outros. No decorrer das entrevistas, os mesmos sujeitos que em uma hora diziam que a culpa era da sociedade e da escravidão, reconheciam posteriormente, em outros discursos, momentos em que eram racistas. Nesse sentido, a ambiguidade e fragmentação dos discursos dos sujeitos se tratam de algo muito relevante para a compreensão de como se mantém o racismo na sociedade brasileira. A ambiguidade aparece como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral.

Sabemos, através dos estudos da psicologia sócio-histórica, que todo sujeito é capaz de produzir sentidos diferentes dos significados construídos historicamente. E isso vai depender das mediações semióticas que cada um vivenciará. Entretanto, os sujeitos entrevistados nesta pesquisa estão inseridos em uma sociedade tal que grande parte das mediações semióticas não favorece a desconstrução dos significados que, por sua vez, atribuem à branquitude um valor estético superior a outras identidades raciais. Agora, mais que isso, cabe perguntar: se muitos dos sujeitos entrevistados obtêm vantagens objetivas e subjetivas com o padrão estético vigente, qual seria a razão emocional para que estes se oponham aos significados que supervalorizam o grupo no qual os próprios estão inseridos? (SCHUCMAN, 2012, p. 39)

Existe muita luta da população negra e isso não pode ser invisibilizado. E para não perpetuar paradigmas como o colorismo, que é mais uma faceta do racismo, depende em alguma medida “da identificação de suas consequências na vida cotidiana e nas escolhas políticas”. A escola deve ser um espaço de combate ao racismo, e não uma forma de fortalecer a desinformação e reproduzir práticas colonizadoras que oprimem e discriminam os/as negros/as.

3 METODOLOGIA

3.1. Tipo de pesquisa

Essa pesquisa caracteriza-se como quantitativa e qualitativa exploratória e descritiva. Para realizar essa pesquisa, a metodologia se inicia a partir de reflexões teóricas, alcançadas por meio de pesquisas bibliográficas realizadas em livros, artigos, dissertações, *sites* relacionados à temática. A partir desse estudo teórico, o qual amplia o plano das ideias e promove uma discussão conceitual, avança-se para o estudo teórico-empírico, buscando uma aplicação prática de como se pode reeducar as relações étnico-raciais na pós-graduação e, conseqüentemente, reverberando em todas as etapas da educação básica e especialmente no fazer docente.

Inicialmente, esta é uma pesquisa qualitativa e quantitativa, pois engloba as percepções dos egressos do Mestrado Profissional em Educação acerca da temática e também é muito relevante o número de egressos que se autodeclararam pretos ou pardos. Nesse sentido, deu-se início a uma análise documental pública que busca observar o conteúdo das dissertações, a partir da análise de conteúdo sistematizada por Bardin (2011), uma vez que essa técnica de investigação permite a formulação de inferências válidas e reflexivas em diversos contextos. Para esta autora, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que visa obter “(...) indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 91).

Para além da análise de conteúdo, com enfoque na pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas com os egressos autodeclarados, a qual identificou como eles se relacionam com a temática, colocando em loco suas crenças e ideologias.

O que torna o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de troca de informações sobre as pessoas é a possibilidade que a fala tem de ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor. (MINAYO, 2015, p. 63)

Iniciando a análise dos memoriais de formação dos egressos autodeclarados pretos e pardos, a partir de uma análise da dimensão subjetiva dos participantes da

pesquisa, em que realidade estavam inseridos desde a educação básica até a inserção no *stricto sensu*.

A dimensão subjetiva é uma dimensão da realidade e não dos sujeitos, mas é exatamente a dimensão da realidade que afirma a presença e a contribuição dos sujeitos na construção dela. São construções individuais e coletivas que resultam determinados produtos, na objetividade, reconhecidos como de natureza subjetiva. Estes produtos são sempre sociais e subjetivos; são a marca da presença dos indivíduos no mundo coletivo e são decorrentes da ação humana sobre o mundo. Importante frisar que são elementos de natureza subjetiva, mas que estão postos no mundo e, portanto, são uma dimensão da realidade objetiva. (AGUIAR E BOCK, 2016, p. 6)

Por fim, a última ferramenta metodológica desenvolvida foi o grupo de discussão com egressos, para refletir sobre a importância das relações étnico-raciais na educação básica e o caminho para uma prática educativa antirracista, a partir de estudos das legislações vigentes e de textos sobre a temática da presente pesquisa. Segundo Weller (2016), os grupos de discussão são uma ferramenta por meio da qual o pesquisador obtém um acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo, permanecendo estabelecendo conexões.

O objetivo principal do grupo de discussão é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. “A análise do discurso dos sujeitos, tanto do ponto de vista organizacional como dramaturgico, é fundamental e auxiliará na identificação da importância coletiva de um determinado tema” (WELLER, 2006, p. 247).

O grupo de discussão foi analisado utilizando como ferramenta metodológica a perspectiva interseccional, especialmente a relação entre gênero e raça, que se evidenciou nas discussões. É importante considerar que a interseccionalidade investiga como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana.

Raça, classe e gênero ainda constituem formas de opressão que se interseccionam, mas as maneiras pelas quais elas se organizam hoje para produzir injustiças sociais diferem daquelas de épocas anteriores. Assim como teorias, epistemologias e fatos produzidos por qualquer grupo de indivíduos representam os pontos de vista e os interesses de seus criadores, a própria definição de quem tem legitimidade para realizar trabalho intelectual não só está sendo politicamente contestada como tem mudado. Recuperar tradições intelectuais feministas negras implica muito mais que desenvolver análises feministas negras com base em critérios epistemológicos

convencionais. Implica também desafiar os próprios termos do discurso intelectual. (COLLINS, 2017, p. 53)

Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionais e moldam-se mutuamente.

3.1 Participantes

Os participantes da pesquisa são os egressos do Mestrado Profissional em Educação entre os anos de 2014 a 2019, e cerca de 11 egressos autodeclarados pretos ou pardos.

3.2 Instrumentos de Pesquisa

O instrumento é “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 42).

O instrumento é um recurso interativo, que possibilita a multiplicidade de usos dentro do processo de pesquisa. A informação que o instrumento proporciona, geralmente, encontra primeiro seu sentido no cenário do sujeito estudado, e são as construções teóricas e ideias que se desenvolvem ao longo do processo que podem adquirir sentido na teoria geral adotada (GONZÁLEZ REY, 2002).

A presente pesquisa utilizou de quatro instrumentos: análise documental, questionário, entrevista semiestruturada e grupo de discussão. De acordo com Gil (2002, p.62-63), a pesquisa documental apresenta alguns benefícios por ser “fonte rica e estável de dados”: não acarreta altos custos, não exige contato com os participantes da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é similar à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento extensivo, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, os memoriais dos egressos autodeclarados pretos e pardos foram analisados, buscando marcadores das suas relações étnico-raciais durante a trajetória docente.

Lakatos e Marconi (2003) definem o questionário como um instrumento para coleta de dados organizado por uma sequência de perguntas sistemáticas, que deve

possuir três significativos elementos: fidedignidade, seja qual for que o aplique, obterá os mesmos resultados; validade, os dados devem ser necessários à pesquisa; operatividade, fundamental ter um vocabulário acessível e preciso.

Segundo Gil (1991, p. 54), “Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde”. Dessa forma pretende-se utilizar o questionário para os egressos se autodeclararem e investigar a concepção de raça apresentada por eles. Adiante, a entrevista semiestruturada, a qual possibilita ao entrevistador por meio das perguntas previamente elaboradas, explorar pontos de interesse na coleta de dados, observando o entrevistado e suas emoções, caso seja necessário o entrevistador possui autonomia para fazer adequações durante a entrevista.

As entrevistas foram realizadas de forma virtual e serão gravadas em áudio e vídeo, feitas individualmente com os egressos autodeclarados pretos e pardos, havendo um agendamento prévio, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Por fim, ao desenvolver o grupo de discussão, foi possível estabelecer um diálogo potente de trocas e percepções acerca dos marcadores de racismo no contexto escolar e acadêmico e pensar caminhos para uma educação antirracista. O Grupo de discussão é um “instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos” (WELLER, 2006).

Para compreender as relações étnico-raciais como prática social que difere de acordo com o contexto, o grupo de discussão é pertinente, uma vez que busca explorar as opiniões de um grupo, considerando que essas posições refletem as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence (WELLER, 2006). Os roteiros de cada instrumento de pesquisa estão localizados nos Apêndices I, II, III e IV, sendo Apêndice I - Análise Documental; Apêndice II - Questionário de autodeclaração; Apêndice III - Roteiro de entrevista semiestruturada e Apêndice IV - Grupo de discussão.

3.3 Procedimentos para Coleta de Informações/dados

Antes de se iniciar a pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade de

defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos e garantindo idoneidade da pesquisa. Os egressos foram contatados via *WhatsApp* e *e-mail* e aqueles que aceitaram participar do estudo foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como os riscos e benefícios envolvidos, devendo então assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e um Termo de uso de imagem (anexo I e II) respectivamente. Os indivíduos que aceitaram participar do estudo responderam ao questionário de autodeclaração com perguntas dissertativas e objetivas, de forma virtual, utilizando o *Google Forms*, do qual o *link* foi enviado para os participantes por meio de *WhatsApp* e *e-mail*. Após ter obtido 44 respostas do Formulário, em que 12 se autodeclararam pretos ou pardos, eles foram convidados para conceder uma entrevista semiestruturada, dos quais 7 concederam. As entrevistas semiestruturadas, de acordo com o roteiro do Apêndice C, foram gravadas em mídia digital e transcritas para posterior análise. As informações armazenadas no formato digital serão mantidas sob a guarda da pesquisadora por um período de cinco anos, quando então serão inutilizadas. Além disso, a pesquisadora elaborou um portfólio digital com fotos e frases marcantes das entrevistas e dos autores que embasam a presente pesquisa.

Quadro 4 - Procedimentos de coleta de dados

| |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Acesso ao Banco de Dissertações e livros (público) da UNITAU. |
| 2. Submissão do Projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa. |
| 3. Solicitação da autorização da Unitau e o contato dos egressos para convite. |
| 4. Aceite dos egressos para responder ao questionário de autodeclaração. |
| 5. Contato com os egressos autodeclarados pretos e pardos para agendamento da entrevista semiestruturada via <i>Zoom</i> e para disponibilizarem seus memoriais de formação. |
| 6. Convite aos professores que abordaram a temática étnico-racial em suas dissertações e os autodeclarados para a criação de um grupo para discutir e elaborar conteúdos e atividades para uma educação antirracista. |
| 7. Mobilização alunos ativos da Turma de 2020 e egressos para criar o Núcleo de Pesquisa para diversidade da UNITAU. |

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

3.4 Procedimentos para Análise de informações

Uma questão relevante na análise de dados foi o número de pretos e pardos autodeclarados na universidade, no recorte temporal de 2014 a 2019, o qual ao ser comparado com os índices do IBGE (2019) evidenciou a desigualdade social de acesso às universidades, especialmente no *stricto sensu*. A questão do número de pretos e pardos autodeclarados na universidade carrega consigo questões como a representatividade e a ocupação dos espaços sociais que majoritariamente são ocupadas por pessoas brancas, como a esfera acadêmica.

A construção de novos espaços já vem sendo feita de forma árdua na sociedade real, nas classes pobres, nos coletivos organizados, na juventude periférica, estudantil e trabalhadora, onde negras são maioria entre as adeptas de programas como ProUni ou já são cotistas nas universidades. Entretanto, esse novo lugar ainda não é refletido na mídia, ao menos não da forma mais fidedigna e verossimilhante possível. Fica evidente que não há interessante em nos representar tal qual somos. (RIBEIRO, 2018, p. 144)

Os dados obtidos por meio dos questionários e entrevistas foram analisados pelo método psicologia sócio-histórica, por meio dos núcleos de significação, que são instrumentos utilizados para analisar e interpretar pesquisas científicas qualitativas, por meio da fala/resposta dos sujeitos participantes da pesquisa – o sujeito é compreendido como aquele que se constitui na relação dialética com o social e a história. Nesse sentido, há necessidade de entender a relação entre a história de cada um, aquela que é diretamente experimentada pelo sujeito individual, e a história social, do mundo. Por isso, na busca por produzir conhecimento sobre a realidade e o sujeito, “O que é’ deixa de ser a pergunta principal para dar lugar à questão de ‘como surgiu’, ‘como se movimentou e se transformou’” (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 303), permitindo que se apreenda a gênese e o processo de transformação. É importante ter em conta que os instrumentos que mediam a relação dos sujeitos entre si e com o mundo, possibilitando ao indivíduo agir nesse mundo construindo sua própria trajetória, também conservam a história daqueles que o precederam. Diante disso, as relações étnico-raciais dos egressos autodeclarados foram analisadas de forma profunda, valorizando a vivência de cada um.

Para realizar uma análise intrínseca, foram utilizadas ferramentas como a representação gráfica do questionário de autodeclaração e a nuvem de palavras a partir das respostas dos egressos sobre a concepção das relações étnico-raciais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

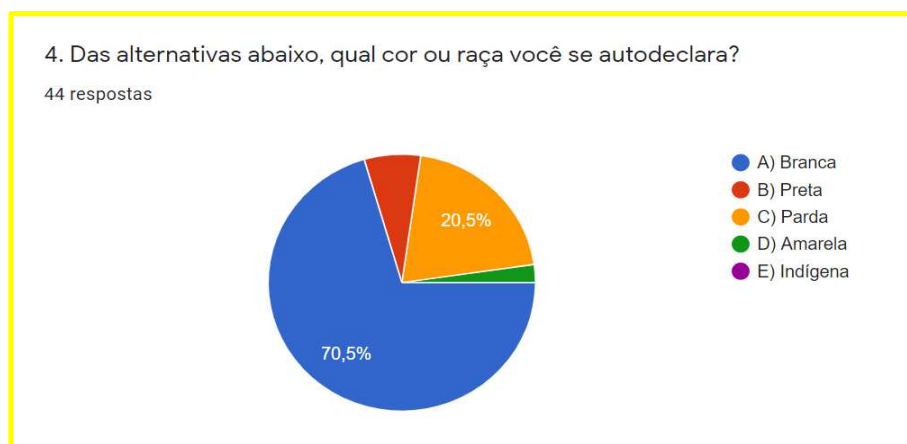
A presente pesquisa pôde vislumbrar as relações étnico-raciais nas trajetórias docentes, a partir do pressuposto da autodeclaração como marco étnico-racial. Além disso, foi possível identificar marcadores do racismo estrutural no percurso da ambiência da educação básica e no ensino superior. Assim, este estudo visou buscar um caminho de reeducação das relações étnico-raciais, sendo necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados e entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros, para que haja uma decisão que sociedade há de construir daqui para frente e tem sido construída e modificada com as pesquisas desenvolvidas pelos acadêmicos.

Os itens representam, aproximadamente, a participação de 47% dos egressos. As perguntas iniciais do formulário correspondem às informações pessoais dos participantes que estão mantidas em sigilo, em virtude da idoneidade da pesquisa, uma vez que sua potencialidade se encontra nas percepções dos egressos autodeclarados negros e como suas pesquisas e trajetórias debatem, conversam e vivenciam a educação das relações raciais no Brasil.

4.1. Autodeclaração

Este item foi contemplado na questão 4 do questionário, a qual indaga qual a autodeclaração do participante da pesquisa.

Imagem 1 - Gráfico de Autodeclaração



Quadro 5 - Quantidade de autodeclarados

| AUTODECLARAÇÃO | |
|--------------------------------|---------------------|
| Autodeclarados pretos e pardos | 8 pardos e 3 pretos |
| Autodeclarados brancos | 32 |
| Autodeclarados Amarelos | 1 |
| Autodeclarados Indígenas | 0 |

De um total de 44 egressos, 70,5% se autodeclaram brancos, 6,8% se autodeclaram pretos, 20,5% se autodeclaram pardos e 2,3% se autodeclaram amarelos e não obteve nenhuma autodeclaração indígena. De acordo com o IBGE, a constatação da diversidade humana, sua multiplicidade de origens e o processo de construção da identidade de indivíduos e grupos, tem se constituído como um dos grandes dilemas do período conhecido como modernidade.

As grandes navegações documentadas desde o início da época moderna, nos Séculos XV-XVI, propiciaram o encontro entre povos e nações muito diferenciadas, dando lugar à necessidade de pensar o outro na sua alteridade – na sua qualidade de diferente – com toda sua complexidade étnica, cultural, social, política e econômica. Nesse sentido, é preciso olhar para os dados da autodeclaração e identificar a representatividade das etnias no ambiente acadêmico *stricto sensu*. Diante disso, a partir da autodeclaração, é possível perceber que, grande parte dos egressos se autodeclaram brancos - o que evidencia o quanto a academia e especialmente a pós-graduação ainda é um nível educacional de majoritário acesso da população branca.

É importante ressaltar e reiterar, que a Universidade em que a pesquisa foi realizada não possui uma política de autodeclaração oficial, sendo essencial esse movimento de autodeclaração para o egresso.

Ao olhar para esse dado representativo, é preciso analisar a identidade dos participantes da pesquisa. Identidade é a fonte de significados e experiências de uma dada população. Segundo Castells (2001) identidade é o processo de construção de significados com base em uma ou mais características culturais prevaletentes e produtores de significados, em que os indivíduos ou o que ele denomina ator coletivo, sujeito, podem construir identidades múltiplas. Nesse sentido, os dados do questionário de autodeclaração revelam o ator coletivo que é a população branca no *stricto sensu*, o que gera tensões e contradições na ação social e na autorrepresentação da população negra, uma vez que não estão representados no coletivo e no movimento identitário, como afirma Neusa Santos:

Pensar sobre a identidade negra redundava sempre em sofrimento para o sujeito. Em função disto, o pensamento cria espaços de censura à sua liberdade de expressão e, simultaneamente, suprime retalhos de sua própria matéria. A “ferida” do corpo transforma-se em “ferida” do pensamento. Um pensamento forçado a não poder representar a identidade real do sujeito é um pensamento mutilado em sua essência. (SOUZA, p.10, 1983).

Segundo Hall (2005) não se deve falar em identidade, mas de “identidades”, no plural, pois estas representam “as posições dos sujeitos” e estão relacionadas a seu “pertencimento”. É nessa perspectiva que a presente pesquisa vislumbra as identidades, múltiplas, plurais e em muitos momentos contraditórias, as quais foram perceptíveis nas reflexões nas entrevistas e nos grupos de discussão.

4.1. Concepções acerca das relações étnico – raciais

O termo relações étnico-raciais, conforme Gomes (2005) representa um conjunto de pautas que perpassam a construção da identidade, envolvendo uma organização política e que evidencie as diferenças sociais:

São relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais a raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária. Trata-se, portanto, de relações construídas

no processo histórico, social, político, econômico e cultural. (GOMES, 2005.p. 4)

Diante dessa definição, ao analisar o quadro abaixo que contém as concepções dos egressos acerca das relações étnico-raciais podemos identificar indicadores significativos os quais revelam o quanto é necessário desenvolver pesquisas e estudar as relações étnico raciais.

Quadro 6 – Concepções das relações étnico-raciais

Após a autodeclaração, o egresso foi indagado com a seguinte questão – “Sem consultar nenhuma fonte de pesquisa, o que você entende por relações étnico-raciais?”

| CONCEPÇÕES | | INDICADORES |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| E1 | Relações estabelecidas levando-se em consideração a raça das pessoas. | Raça |
| E2 | São relações entre grupos sociais que se identificam de determinados conjuntos culturais que formam a ideia de raça e etnia | Cultura |
| E3 | Interações entre pessoas de duas ou mais culturas ou raças. | Raça |
| | | Cultura |
| E4 | São as relações entre as pessoas, independente da etnia ou raça. | Etnia |
| E6 | | Raça |
| E7 | São aquelas relações que têm a cor da pele como fator preponderante. | Fenótipo |
| E8 | Acredito que as relações étnico-raciais são um mecanismo que deve possibilitar o reconhecimento de pessoas negras na cultura brasileira, a partir de seu próprio ponto de vista, promover o conhecimento da população brasileira sobre a história do Brasil com a visão de mundo da população negra. | Cultura |
| | | População negra |

| | | |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| E9 | Entendo o que envolve compreensão das realidades não apenas por questões físicas de cor de pele, mas tudo o que envolvem as relações como cultura, política, identidade, simbolismos. conceitos necessários de se discutir de forma mais abrangente. | Cultura |
| | | Identidade |
| E10 | Penso que diz respeito ao tema de luta e combate ao preconceito e discriminação como ao respeito a diversidade e racial e étnico. | Diversidade |
| | Relações entre diferentes raças. | Raça |
| | Maneira de interagir e dialogar com pessoas de diferentes etnias. | Etnia |
| E11 | Diz respeito a forma como atuamos frente à diversidade, principalmente levando em consideração a constituição sócio-histórica que estrutura e fundamenta essas relações. | Diversidade |
| | Seriam as relações baseadas na raça, origem, descendência de uma pessoa/ grupo/ população. | Raça |
| E12 | O relacionamento, a cultura e as ações que envolve as questões de raça e etnia. | Cultura |
| | | Raça |
| | | Etnia |
| E13 | Trata-se de relações entre pessoas de diferentes etnias, tradições, cultura, costumes. | Etnia |
| | | Cultura |
| E14 | Acredito que se trata de comunicação e relacionamento de todo tipo, idade, gênero e cor. | Fenótipo |
| E15 | O termo está ligado a conhecimento da raça negra o que está intrinsecamente ligado a sua realidade, seu modo de vida, sua cultura. | População Negra |
| | | Raça |
| E16 | É o respeito as diversidades, mais especificamente a população negra, ou afrodescendente, garantindo ao atendimento | Diversidade |

| | | |
|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| | das legislações que inserem e estabelecem a equidade e igualdade de direitos, acesso e permanências. As leis 10639/03 complementada pela 11645/08 que inclui a questão indígena. | População Negra |
| E17 | Questões relacionada aos negros, como: cultura, identidade, etc | População negra |
| E18 | É uma categoria que compreende a perspectiva das relações sócio históricas entre fatores como etnia cor de pele, cultura, poder, dominação, emancipação e política | Etnia |
| | | Cultura |
| E19 | São as relações estabelecidas pelas pessoas considerando sua etnia (raça), principalmente no Brasil que a miscigenação é a base da constituição da população. | Raça |
| | | Etnia |
| E20 | Relações entre pessoas de etnias e raças diversas | Raça |
| | | Etnia |
| E21 | Como se relacionam as pessoas em sociedade, evolução e culturas | Cultura |
| E22 | Entendo que se refere às questões relacionadas a diversidade étnico-raciais, no sentido de promover igualdade entre todas as raças e etnias. | Diversidade |
| | | Igualdade |
| E23 | É um conceito que implica na relação entre a cor da pele e as questões identitárias sobre a história, a cultura, a origem, os valores simbólicos e políticos de um povo. Está aí também as forças de poder e as classificações de diferenças reforçadas pela cor da pele e origem. O homem não carrega apenas sua face biológica, mas um valor histórico das vivências e experiências consideráveis de pertencimento dos negros nas relações sociais. | Fenótipo |
| | | Cultura |
| | | Identidade |
| | | População negra |

| | | |
|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| E24 | Relações que se estabelecem tendo como pano de fundo as diferentes etnias presentes na sociedade. | Etnia |
| | Um conceito criado para abordar questões relativas à origem (descendência em função de uma nacionalidade, regionalidade, etc) | Origem |
| E25 | Acredito que seja a relação ética das raças, o respeito, a valorização | Raça |
| E26 | É não distinguir as pessoas seja pela sua cor, raça ou origem, de modo a aceitar a diversidade e a liberdade de todo cidadão. | Diversidade |
| E27 | Trata de questões que se relacionam à população negra brasileira. | População negra |
| E28 | Cidadania | Generalização |
| E29 | Entendo que são relações da população negra | População negra |
| E30 | Questões referentes a população negra | População negra |
| E31 | São as origens étnicas dos povos e suas raças, histórias, direitos, conquistas e buscas | Etnia |
| E32 | Trata-se de questões relacionadas a raça e etnia da população | Etnia |
| | | Raça |
| E33 | Ainda tem que trabalhar muito esta área para que haja mais respeito | Generalização |
| E34 | Relações estabelecidas entre toda uma sociedade composta por diferentes indivíduos com características étnicas e raciais diversas. | Etnia |
| | | Raça |
| E35 | São as relações que se estabelecem na diversidade, ou seja, entre brancos/pretos/indígenas ... | Diversidade |
| E36 | De forma objetiva e simples, relações nos campos sociais, culturais, políticas e econômicas em sentido amplo e abrangente entre diferentes povos, etnias e raças. | Cultura |
| | | Raça |

| | | |
|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|
| | | Etnia |
| E37 | É a dicotomia existente entre a etnia e a raça da sociedade humana. | Etnia |
| | | Raça |
| E38 | São relações de pessoas de diferentes etnias e raças. | Etnia |
| | | Raça |
| E39 | É a compreensão dos processos migratórios que ocorrem até hoje no mundo. | Generalização |
| E40 | São as relações que envolvem trocas de experiências e aprendizados entre as etnias e raças. | Etnia |
| | | Raça |
| E41 | São as relações entre as pessoas advindas de diferentes origens e etnias, construindo um processo de convívio pautado no respeito, na diversidade, na pluralidade cultural e no desenvolvimento do bem comum. | Etnia |
| | | Pluralidade |
| | | Diversidade |
| E42 | Entendo que é o conjunto de ideias acerca do conceito sobre etnia e raça. | Etnia |
| | | Raça |
| | | Etnia |
| E43 | São as relações entre as pessoas de diferentes origens e etnias. | Etnia |
| E44 | Entendo que é o conjunto de ideias sobre etnia. | Etnia |

A partir da análise do quadro Concepções das relações étnico-raciais apresentadas pelos Egressos, é possível identificar que a concepção de raça está intrinsecamente ligada às relações, todavia há uma percepção considerável acerca de ser uma questão exclusiva da população negra, ou seja, as relações étnico-raciais são de responsabilidade dos negros, no sentido de reconhecer, de estudar, de conhecer e de valorizar. Para além dessa percepção exclusiva à população negra, o

indicador do Fenótipo revela o quanto a negritude está relacionada às características físicas e distanciada das questões culturais e originárias.

O uso reiterado da palavra *negro* ao se referir às relações étnico-raciais, pode ser analisado em três perspectivas significativas. De início, o termo negro vem sendo utilizado pelos militantes do movimento negro, desde os anos 1930, com uma conotação política associada ao orgulho racial e étnico, independentemente do sentido popular que era e ainda é negativo. Esse termo também é utilizado no sistema de classificação racial do IBGE, conforme já explicitado, em que expressa a junção das categorias pretos e pardos. Dessa forma, o sistema de classificação dos movimentos negros opera uma fusão entre os termos preto e pardo utilizados na classificação do Censo, que passam a compor a categoria negro ou afrodescendente.

Seguidamente, é preciso reconhecer a resignificação termos como negro e raça, pela superação do etnocentrismo e das perspectivas eurocêntricas de interpretação da realidade brasileira e pela desconstrução de mentalidades e visões sobre a história da África e dos afro-brasileiros, os quais podem ser atribuídos às conquistas legislativas, políticas e sociais do Movimento Negro, como a Lei 10.639/03 a qual representa mais um passo nas políticas de ações afirmativas e de reparação para a educação básica.

Ainda sobre o uso da palavra negro, nas reflexões da literatura acadêmica, principalmente a partir dos anos 1990, faz-se cada vez mais presente a questão da identidade nacional e da reescrita das histórias do povo negro no Brasil, evidenciando a urgência do debate sobre a colonialidade do saber, do poder e do ser, pois como já foi dito, a história dos negros no Brasil foi invisibilizada na perspectiva da construção de uma nacionalidade em bases eurocêntricas.

Portanto, além de uma luta decolonial de poder e de saber, para os afrodescendentes a colonialidade do ser é fator relevante nas disputas epistêmicas no campo educacional. Nesse sentido, a partir do pensamento de Catherine Walsh (2006), é possível afirmar que as disputas em torno da Lei 10.639/03 no campo educacional além de apresentarem caráter epistemológico e político, também se caracterizam como um “projeto de existência e de vida”.

A decolonialidade é um caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados ao longo dos anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. O pensamento

decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados. É considerado um projeto de libertação social, político, cultural e econômico que visa dar respeito e autonomia não só aos indivíduos, mas também aos grupos e movimentos sociais.

4.2. Marcadores raciais nas entrevistas dos egressos

As entrevistas evidenciaram diversos marcadores raciais, sendo o primeiro a dificuldade em falar sobre uma vez que a temática está em grande discussão na realidade atual e há muitas polarizações. Entretanto, em uma análise geral, foi possível perceber que há uma generalização das relações étnico – raciais, em que se ocultam as diferenças ou as negam para que não seja necessário discuti-las.

Um outro marcador relevante é o reconhecimento da presença do racismo no âmbito escolar, pessoal e profissional, evidenciados pelas abordagens, olhares e questionamentos. Além disso, se evidenciou como o processo de miscigenação do nosso país e o colorismo trouxeram dúvidas e inquietudes no que se refere à construção da identidade negra.

Um outro marcador interessante, foi a negação das diferenças – a máxima de que “Somos todos iguais” foi utilizada em diversos momentos para deslegitimar a necessidade de refletir sobre as desigualdades reais que assolam a sociedade atual.

Para garantir o sigilo e preservar os participantes da pesquisa, os entrevistados receberam os nomes de grandes referências negras brasileiras, as quais inspiram e embasam este estudo. O grupo de entrevistados foi composto de 7 participantes, sendo 6 mulheres e 1 homem, os quais são chamados de Lélia, Gonzalez, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Djamila Ribeiro, Tereza de Benguela, Carolina Maria de Jesus e Luiz Gama. Destes 7, 3 se autodeclararam pretos e 4 se autodeclararam pardos.

Além dos indicadores marcados na entrevista conforme o Apêndice V, é importante destacar os elementos raciais explanados nas entrevistas. A primeira pergunta sobre ter Professores negros na educação básica e no Stricto Sensu, trouxe alguns apontamentos:

“Olha aí, eu lembrei que na Educação Básica, que era a de educação física maravilhosa entendeu, negra, preta ou... Desculpa, não sei se é assim que fala. Não lembro o nome dela, ela era muito positiva, eu tenho preto no meu coração, foi marcante porque ela é maravilhosa eu nem sei se ela tá aí ainda...”

Egressa Lélia González

Olha na minha trajetória eu não me recordo de nenhum professor negro não não tenho o máximo que chegou perto mas, não chega a ser negro né, foi quando eu fiz técnico em patologia que eu tinha uma professora que ela era uma mistura de índio, indiana, ela tinha uma pele mais escura mas né indiana e uma professora negra na educação básica, não me recordo e na faculdade eu tive uma professora.

Egressa Conceição Evaristo

Em relação a questão de ser ou não ser negro, de não saber como fala ou dessa anulação e apagamento, Sueli Carneiro já tratava da necessidade urgente de enegrecer o feminismo, de falar e de combater essa desigualdade tão revelada na dificuldade de assumir a negritude.

Buscamos assinalar, com ela [a expressão enegrecendo o feminismo, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminismo construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pode-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil. Carneiro (2003, p.11)

Para além da perspectiva multirracial, é necessário fazer uma análise discursiva, a qual Lélia, em seu cunho epistemológico, usou a psicanálise para compreender essa lógica da dominação na qual os negros, o “lixo da sociedade brasileira”, estão inseridos:

Nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. (...) Porque o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes nós o sabemos) domesticar? (GONZALEZ, 1984, p. 225).

Ao afirmar e destacar o lugar de fala, Gonzalez assume a autonomia do pensamento e horizontaliza no âmbito dos discursos as posições hierárquicas estabelecidas na sociedade brasileira por ela muito bem identificada. O lugar de fala desses egressos, muitas vezes foi e ainda é impedido às pessoas negras, em especial, às mulheres negras, é tomado por Gonzalez para desestabilizar as hierarquias discursivas. O lugar de fala é um lugar social, como explica Ribeiro (2017, p. 69-70):

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco com metáfora do poder, como nos ensina Kilomba.

Como aponta Carneiro (2003), são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas que produz uma violência na subjetividade e afetividades os negros, especialmente mulheres negras. Essa hegemonia causa esse apagamento e essa invisibilidade da população negra, podendo-se questionar, a qual lugar essa violência a levou, “é uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas” (CARNEIRO, 2003, p. 122).

4.3. Caminhos para a Equidade Racial apresentados no Grupo de Discussão

Em uma análise inicial do Grupo de Discussão, o primeiro caminho mencionado para a Equidade Racial é uma Política pública que potencialize a formação docente e as oportunidades de acesso à educação para as crianças e que proporcione um estudo para descolonizar a prática do professor e que favoreçam de fato o desenvolvimento e aplicação da Lei 10.639/13 e a Lei 11.645/08.

A partir dessa análise inicial, foi possível perceber o quanto os docentes precisam dialogar não só acerca da temática racial, mas em relação ao fazer do professor, das suas limitações e anseios, e especialmente de olhar para própria trajetória e fazer docente, dialogando com os pares. Como afirma, hooks (2013)

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças” (p.174)

O Grupo de discussão, conforme Apêndice VIII, foi realizado a partir da retomada das entrevistas e de alguns aspectos relevantes no questionário e algumas questões centrais sobre as relações étnico-raciais. Para analisar o grupo, a presente pesquisa utilizou como ferramenta metodológica a perspectiva interseccional. Dos

sete entrevistados, três participaram da entrevista, sendo os egressos Beatriz Nascimento, Djamila Ribeiro e Tereza de Benguela.

Inicialmente, no grupo discussão levantou-se a questão do processo de autodeclaração e todos os mecanismos para que as pessoas se reconheçam e estabeleçam as relações culturais, sociais e afetivas com a identidade étnico-racial.

Olha eu acho que as pessoas confundem um pouco aí, eu acho que eles se atrapalharam na questão de parda e branca, entendeu, assim eu acho que a maioria do nosso grupo é parda, mas enfim também não sei se eu estou certa, eu acho que as pessoas se atrapalham muito nessa questão né. Nós somos uma miscigenação, assim então somos em maioria é parda.

Egressa Djamila Ribeiro

A negação sobre o passado escravocrata, racista e hierárquico da sociedade brasileira produz o racismo enquanto sintoma. O chamado “racismo à brasileira” seria a denegação de nossa *latinoamefricanidade* que se volta contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros e negras), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial brasileira”). (GONZALEZ, 1988, p. 69). A autora identifica duas formas de racismo para manter a relação dominante/dominado: o racismo aberto e o racismo disfarçado. O racismo aberto é encontrado nos países de origem anglo-saxônica, germânica ou holandesa que estabelece que negra é a pessoa que tenha tido antepassados negros (“sangue negro nas veias”). Nessa perspectiva, a egressa trouxe uma questão importante dos reconhecimentos dos privilégios.

Nós precisamos entender que a cor da nossa pele nos dá privilégio né, temos vários tons de pele da pessoa preta e quanto mais retinta a pessoa é, mais preconceito e mais dificuldades ela enfrenta. E aí eu fiquei olhando né que você utilizou a definição lá do IBGE - olha que estranho né os indígenas né até a gente não usam mais a denominação índia né a gente usa povos originários. E aí tá falando ali de áreas quilombolas né, tudo bem, os indígenas também foram para essa localidade, mas a grande maioria são afrodescendentes, pessoas que foram e que depois fugiram e foram formando os quilombos né, e hoje é tudo uma questão de querer destruir essas áreas de construir outras.

Egressa Beatriz Nascimento

A miscigenação nesse contexto é impensável na medida em que o grupo branco quer manter sua superioridade e pureza sobre os outros grupos. O que não impede o estupro e a exploração sexual da mulher negra destaca Gonzalez. E, o racismo disfarçado ou racismo por denegação presente nas sociedades de origem latina. Onde prevalecem as “teorias” da miscigenação, da assimilação e da “democracia racial”. Gonzalez (1988) destaca que esse tipo específico de racismo

pode se constituir na forma mais eficaz de alienação dos discriminados do que o racismo aberto.

Mas, a gente não pode esquecer que a gente ainda tem uma sociedade ainda bastante colonial e aí a gente tem agora no processo de colonização né que a gente estuda bastante que a gente precisa refletir se as nossas mentes também precisam passar por esse processo de descolonização né. E então acho que é isso eu não gosto de responder eu acho que tem que ficar perguntas abertas para a gente pensar um pouquinho...

Egressa Tereza de Benguela

A partir da questão trazida pela egressa, é possível refletir sobre a importância da interseccionalidade para descolonizar o olhar. Patricia Hill Collins (2016) demonstra como as condições históricas específicas trazidas de narrativas como a da escravidão, segregação racial e do patriarcado proporcionaram a formação de um discurso diferenciado sobre as mulheres negras, sobre o significado que elas carregavam de si mesmas (autodefinição e autoavaliação), da família, do trabalho, da maternidade, da política e sobre a separação da vida social entre esfera pública e privada. Nesse sentido, é preciso questionar a epistemologia dominante da branquitude, a qual estabelece que o discurso clássico sobre a opressão de mulheres não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve, e ainda tem, na identidade feminina das mulheres negras (CARNEIRO, 2013).

Ao questionar as egressas sobre a construção de uma educação antirracista e suas perspectivas desde a educação básica até o stricto sensu foi possível observar movimentos potentes de reflexão e indicativos de que essa não é tarefa fácil:

É possível sim acho que construir né Educação antirracista, mas pensando em começar lá na faculdade com essa formação de professores venham para as escolas preparados né e não só essa questão né a gente acaba esbarrando em várias outras pessoas né, não é só trabalhar na escola, na faculdade, na graduação, na pós, a gente precisa estudar autores negros, aprender a não utilizar as expressões racistas. infelizmente muitos né vem de famílias que já tem essa carga de preconceito, é uma Gangrena social.

Egressa Tereza de Benguela

Eu acredito que a gente tem feito muito por uma educação antirracista hoje já existe um material de estudo, um material didático, né então por exemplo contos africanos se a gente buscar as nossas escolas a uma até sua materiais que quando eu comecei a trabalhar com essa questão foi exatamente em 2003 quando saiu a legislação, eu fui atrás de curso não tinha quase material então hoje, assim ouvir alguém falar não dá para fazer isso que não tem material já não é mais possível ouvir iss,o eu acho que hoje a gente tem muitos recursos que possibilitam essa sensibilidade de trabalhar, mas para Isso é necessário que a universidade também aborde essas questões de uma mudança na

universidade que o professor saiu da Universidade com condições de trabalhar a temática em sala de aula então a universidade também precisa se preparar para isso quando eu fiz a pesquisa a maioria dos meus professores não tiveram nenhum tipo de ação sobre a temática eles tiveram que buscar fora da Universidade né então esse ato que existe sobre essa questão.

Egressa Beatriz Nascimento

Hooks (2013), destaca o desgaste físico e emocional que o ensino de uma pedagogia engajada implica, por exemplo, por conta do grande número de alunos nas turmas devido à maior popularidade dessas aulas frente às tradicionais da educação bancária, o que, a autora reconhece, dificulta transformar a sala de aula numa experiência de comunidade de aprendizado em que a maioria pode se expressar, ouvir e ser corresponsável pela aula. Se tratando da universidade, bell hooks retoma a importância da academia reverberar na sala de aula:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (HOOKS, 2013, p.273)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os desafios evidenciados na presente pesquisa, a começar por propor espaços de discussão, de escuta e de acolhida sobre as relações étnico-raciais. A temática deste estudo enfrenta essa imagem de “paraíso racial”, forjada ideologicamente no mundo, foi reforçada e validada das formas mais variadas e tornou-se muito aceita pela população brasileira. Através de vários mecanismos ideológicos, políticos e simbólicos, a lógica de que “somos todos iguais” foi introjetada (e ainda é) nos negros, índios, brancos e outros grupos étnico-raciais brasileiros, mas foi possível perceber que há poucos negros no stricto sensu, os quais ainda enfrentam o processo discriminatório, a ausência de estudos afrocentrados na academia e resistem pesquisando, produzindo e se questionando.

Todavia, este estudo evidenciou a atuação do Movimento Negro e, conseqüentemente, a construção de um debate político sobre a situação dos negros no Brasil, bem como a realização de pesquisas por acadêmicos e instituições governamentais, o que comprova a urgência do debate sobre relações raciais no Brasil e pensar em formas superar o mito da democracia racial.

Constatou-se que a academia possui um desafio de rever a formação dos professores para educação das relações étnico-raciais e para além da pós-graduação, seja no lato ou stricto sensu, estudar a história em uma perspectiva diaspórica. Além disso, a escola tem um papel importante a cumprir nesse debate, os (as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais - ntes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, ou seja, é preciso superar e romper com o mito da democracia racial.

Entretanto, a escola não precisa e não consegue fazer isso sozinha - atualmente, além da lei 10.639/03 e das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, existe uma produção mais consistente sobre a temática racial que deve ser incorporadas como fonte de estudo individual e coletivo dos(as) educadores(as) na graduação, na pós, nos

estudos coletivos de formação continuada. Ademais, existe uma quantidade significativa de grupos culturais, grupos juvenis, entidades do Movimento Negro, ONG's e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros que podem ser chamados para dialogar e trabalhar conjuntamente com as escolas e com as secretarias de educação na construção e implementação de práticas pedagógicas voltadas para a diversidade étnico-racial.

Por fim, os caminhos para o fortalecimento das relações étnico-raciais e superação das desigualdades é o diálogo, a discussão, a convivência respeitosa e digna entre os segmentos sociais supracitados e principalmente, a criação de políticas públicas e espaços sociais efetivos para a construção de uma verdadeira democracia racial.

“Os avanços não frutos da luta. E não tem volta!”

Djamila Ribeiro (2021)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, jan./abr. 2013, p. 299-322

AGUIAR, W. M. J. et.al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs.). **A Dimensão Subjetiva da Realidade: uma leitura sóciohistórica**. São Paulo: Cortez, 2009. cap. 2.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. **Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam**. In: *Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras* (obra colectiva). Traficantes de Sueños: Madrid, 2004, p. 71-80.

BOCK, A. M. B. **A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia SócioHistórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2015. cap. 1.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, pg 96-110.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados, 17, 49, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução: feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. PARÁGRAFO. JAN/JUN. 2017 V.5, N.1 (2017) - ISSN: 2317-4919.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Feminismos plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

FRANTZ, Fanon. **Os condenados da terra**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educ. Pesqui.** [online]. 2003, vol.29, n.1, pp.167-182. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. p.223-244. 1984.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.º 92/93.(jan.jun.), p. 69-82.1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In: Caderno de formação política do Círculo Palmarino n.01 Batalha de Ideias. 2011.Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf. Acessado em 07.02.2022.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

HILL COLLINS, Patricia. **Black Feminist Thought: knowlege, consciousness, and the politics of empowerment**. Nova Iorque, Routledge, 2000.

HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman? Black women and feminism**. Cambridge, MA: South End, 1981.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

KAZAN, E.M. **Mulheres Periféricas e autorrepresentação: uma análise do Nós, Mulheres da Periferia**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo: 2020.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORGADO, J.C. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011.

MUNANGA, **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. Diáspora africana**: Editora Filhos da África, 2018.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. **Mulheres negras e Educadoras: de amas de leite a professoras**. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade em Educação da Universidade de São Paulo: 2009.

OSORIO, L.C. Entendendo e atendendo Sistemas humanos. In: FERNANDES; W.J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B.S. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O negro no Brasil e um exame de consciência. In: NASCIMENTO, Abdias et al (org.) **Relações de raça no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Quilombo, 1950

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Ruth Meyre Mota, 1980- R618e Rod **Educação para as relações étnico-raciais : um termômetro** / Ruth Meyre Mota Rodrigues. – Campinas, SP : [s.n.], 2017

SHULMAN, L. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 1988.

SHULMAN, L. S.; SHULMAN, Judith H. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v.6, n.1, p.120-142, jan./jun. 2016.

SOARES de Faria, R., & Dias Terras Gomes, A. . A construção de uma educação antirracista: um ensaio acerca das ideias de Bell Hooks. **SCIAS. Direitos Humanos E Educação**, 4(1), 2021. 283–298. Recuperado de <https://revista.uemg.br/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5517>

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TARDIF, M.; Raymond, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, n. 73, Dezembro/2000.

VIDEIRA, Juliana Cintia, 1976- V668e Vid **Elza Soares na escola : gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história** / Juliana Cintia Videira. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posi39 **Educação em Revista** | Belo Horizonte | v.26 | n.01 | p.15-40 | abr. 2010 cionamiento ‘otro’ desde la diferencia colonial”. In: WALSH, C.; LINERA, A. G.;

WELLER, Wivian.. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 200

APÊNDICE I - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUALITATIVOS

A análise documental organizar-se-á em duas fases, conforme descrito na tabela abaixo. O objetivo desta análise é identificar como as relações étnico-raciais são pensadas pelos egressos em suas dissertações e em seus memoriais.

Tabela 1 - Fases da Análise Documental

| Fase | Material analisado | Foco |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | Dissertações do MPE de todos os egressos participantes | Busca por palavras-chave: “raça, etnia, pretos, pardos, negros, relações étnico-raciais e egressos” |
| 2 | Análise do Memorial da Trajetória Docente dos egressos autodeclarados pretos e pardos | As relações étnico-raciais na trajetória docente |

APÊNDICE II - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUALITATIVOS
QUESTIONÁRIO DE AUTODECLARAÇÃO DO EGRESSO DO MPE

Prezado (a) participante,

Obrigada por aceitar participar da pesquisa “AS RELAÇÕES ÉTNICOS - RACIAIS NA PERSPECTIVA DO EGRESSO DO MESTRADO: a educação como mecanismo de transformação social”. Seus dados serão totalmente sigilosos. Não há respostas certas ou erradas, o objetivo do presente formulário é identificar sua autodeclaração de acordo com a organização do IBGE e além disso, identificar sua compreensão do conceito de “relações étnico-raciais” .

Para melhor compreender, o IBGE apresenta 5 categorias para autodeclaração: Branca, Preta, Parda, Amarela e Indígena.

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é sua idade?
3. Das alternativas abaixo, qual cor ou raça você se autodeclara?
 - (A) Branca
 - (B) Preta
 - (C) Parda
 - (D) Amarela
 - (E) Indígena

4. Sem consultar nenhuma fonte de pesquisa, o que você entende por relações étnico-raciais?

APÊNDICE III - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUALITATIVOS
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1- Por que você fez Mestrado Profissional em Educação?
- 2 - Durante a sua trajetória na Educação Básica, quantos professores negros ou professoras negras você teve?
- 3 - E no Mestrado? Quantos professores negros ou professoras negras você teve?
- 4 -Pensando em sua formação acadêmica inicial, qual sua graduação? Você teve alguma disciplina sobre relações raciais ou étnico-raciais? Já houve algum debate ou projeto da universidade que envolvesse questões étnico raciais (culturas afrocentradas, colonialismo, racismo, cotas...)
- 5- Imergindo no universo acadêmico, você já leu ou desenvolveu alguma pesquisa sobre relações étnico-raciais? Você considera a temática relevante?
- 6 -Você já sofreu algum ato/atitude racista em algum espaço social - escola, família, universidade, igreja...?
- 7 - Considerando que você se autodeclara negro ou negra, entende-se aqui pretos e pardos, você considera que há um caminho para equidade de oportunidades e para a igualdade racial?
- 8 - Como você enxerga o papel da universidade na luta antirracista? E o papel do professor na sala de aula na educação básica?
- 9 - O que você entende por uma educação antirracista?
- 10 – Pensando em um grupo de discussão mentorar uma educação antirracista e que valorize e cultive as relações étnico-racias, no que você acredita que possa contribuir?

APÊNDICE IV - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUALITATIVOS

GRUPO DE DISCUSSÃO

Inicialmente, o mediador agradece a presença de todos e explicita que a presente pesquisa se trata das Relações Étnico-Raciais na perspectiva do Egresso do MPE. Neste momento, utilizar-se-á de uma técnica chamada “Grupo de Discussão”, cujo objetivo é coletar a opinião do grupo sobre alguns temas relevantes para a pesquisa.

A opinião de todos os participantes é muito importante e interessante para a construção da pesquisa, portanto, não existem boas ou más opiniões. Será utilizado um gravador para garantir o registro da discussão e os dados serão utilizados apenas para os fins desta pesquisa, estando resguardados o nome da Instituição e dos participantes não serão divulgados.

Para iniciar, é importante perguntar o nome dos participantes e uma breve apresentação profissional acadêmica.

Tabela 2 – Organização do grupo de discussão

| | Perguntas | Orientações |
|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Questões para aquecimento | 1. O que te trouxe ao Mestrado? 2. Visando seu percurso até o dia de hoje, você considera que enfrentou muitas dificuldades? | <input type="checkbox"/> Enfatizar o caminho de luta para chegar até o Mestrado; <input type="checkbox"/> Buscar quais seriam os fatores e as motivações para fazer Mestrado; <input type="checkbox"/> Identificar marcadores de desigualdade social em diferentes contextos |
| Questões centrais | 1. Você considera que alunos negros e alunas negras têm mais dificuldade de aprender? 2. Você acredita que a educação é libertadora e empodera os alunos a superarem as | <input type="checkbox"/> Como o egresso enxerga os alunos negros e alunos não-negros? <input type="checkbox"/> Qual a relação com a legislação vigente para o Ensino da História e Cultura Afro |

| | | |
|----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | <p>desigualdades? Em relação ao Ensino da Cultura e da História Afro-Brasileira, como é para você?</p> <p>3. Como você vê o papel das ações afirmativas como cotas sociais e raciais?</p> | <p>Brasileira com o papel emancipatório da educação?</p> <p><input type="checkbox"/> Verificar a criticidade do profissional e conhecer as visões dele(a) enquanto educador (a)</p> |
| <p>Questões de encerramento</p> | <p>1. É possível construir uma educação antirracista desde a Educação Básica até o Stricto Sensu?</p> <p>2. Se sim, em quais os caminhos que você acredita? Se não, qual a educação que você espera para o futuro?</p> | <p><input type="checkbox"/> Compreender as expectativas dos egressos para a educação;</p> <p><input type="checkbox"/> Registrar as falas e relacionar com seus locutores e interlocutores.</p> |

APÊNDICE V – Indicadores da Entrevista

Nessa primeira etapa composta pelo levantamento das informações, é necessário observar com atenção a resposta do participante da pesquisa e as palavras que se repetem com frequência, geralmente revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito, propondo o que chamamos de pré-indicadores. Enquanto na segunda etapa os indicadores, caminham na direção dos possíveis núcleos de significação, pois “ao discutir significado e sentido, é preciso compreendê-los como sendo constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 305).

Diante dessa perspectiva, foi possível identificar alguns indicadores na entrevista com os egressos e compreender as concepções e visões que eles possuem e a partir dessa análise perceber o entendimento das relações étnico-raciais e como a educação como favorecer a transformação de tais relações.

| Indicadores | Cores |
|-------------------------------------------|----------------|
| Generalização das relações étnico-raciais | Azul |
| Citação das práticas docentes | Rosa |
| Falta de Formação Docente | Laranja |
| Presença do Racismo | Verde |
| Negação das diferenças | Amarelo |
| Marcas do Colorismo/Miscigenação | Roxo |

APÊNDICE VII – Transcrição das entrevistas

A. EGRESSO – LÉLIA GONZÁLEZ

Primeiramente, obrigada pela sua disposição em contribuir com a pesquisa e para começar eu gostaria de saber porque você fez mestrado profissional em Educação?

Porque eu trabalho na área da Educação e sempre foi uma coisa assim, eu sempre gostei de estudar e no meu projeto de vida, eu queria trabalhar na área da educação inclusiva, eu continuo na área da Educação, a qual agora é educação evangélica, e o Mestrado foi por isso, eu me apertei para ir realizar e sempre procuro realizar o trabalho da melhor forma possível então todas as faculdades, estão sempre buscando uma melhor especialização para desenvolver o trabalho da melhor forma.

Está joia! Durante a sua trajetória da Educação Básica, quantos professores negros ou professoras negras você já teve na sua trajetória enquanto aluna?

Olha, pensando em São Paulo né, aí eu entrei aqui em São José dos Campos e tive um pequeno tempo até uma parte do magistério, em São Paulo perto de Araraquara. Olha vou ser sincera para você eu não tive eu tive dois ou três professores, não tive muito não entendeu

Entendi, e no mestrado você teve professores negros professoras negras?

Olha aí, eu lembrei que na Educação Básica, que era a de educação física maravilhosa entendeu, negra, preta ou... Desculpa, não sei se é assim que fala. Não lembro o nome dela, ela era muito positiva, eu tenho preto no meu coração, foi marcante porque ela é maravilhosa eu nem sei se ela tá aí ainda...

No Mestrado eu tive uma Professora, acho que era Ângela, mas assim, ela deu algumas aulas para gente, eu não tive contato com ela sim porque ela era orientadora de outra pessoa né...

Ah, legal, pensando na sua formação acadêmica inicial, qual é a sua primeira graduação?

A minha primeira graduação foi a Educação Física, eu sempre gostei de esporte. Sabe, desde pequena fui que aquela menina que gostava de praticar esporte então eu fiz educação física, aí eu fiz o curso, passei no concurso né, de Educação física na rede Municipal né, só que daí eu já era professora da Rede Municipal muito tempo e daí não compensava eu sair, por causa disso, questão salarial mesmo mas eu dei aula sim eu trabalhava muito então ela me ajudou muito, porque antigamente a gente que dava aula para as crianças né do primeiro era até o primeiro quarto primeiro ao quinto.

Joia, Dri. Na sua na sua graduação, quando você estava fazendo, você teve alguma disciplina de relações étnico-raciais ou teve algum projeto que envolvesse questões étnico-raciais, a cultura afro-brasileira?

Nenhuma disciplina que eu me lembro não Ju, nenhum evento assim na faculdade, não teve nada sobre isso na graduação.

Agora já pensando na academia, você já leu na academia ou desenvolveu alguma pesquisa ou ouviu alguma palestra, teve algum debate sobre as relações étnico-raciais?

É porque eu fiz Pedagogia e na verdade, foi na escola mesmo no meu dia a dia de trabalho, que eu vejo os professores de história desenvolver trabalhos bem focados, mas assim na faculdade que eu me lembre não eram muito focados nesses temas e mais não aquele aprofundado não que eu me lembre não, entendeu?

Entendi e você acha que essa temática é relevante? Você acha que seria importante tratar sobre isso na academia tanto na Graduação quanto no Mestrado?

Eu acho que é uma temática que é importante na academia, porque é um assunto muito importante né, em qualquer fase... é importante!

Jóia. Você se autodeclara parda e nesse sentido, você já sofreu alguma atitude racista ou já presenciou em algum espaço social: escola, família, universidade, igreja?

Olha realmente eu não sofri não, é porque eu sou professora e assim de ter que interferir mesmo né, de ter que fazer um movimento na sala o movimento na escola deles para passar essas questões sempre com certeza e é uma prática às vezes até meio que diária que às vezes entendeu então sempre sempre tem que fazer isso é por isso qu,e eu acho que é um tema que tem que ser trabalhada de uma forma assim bem gostosa, uma forma que traz assunto de uma abordagem legal né. Na escola tem uma orientadora da minha escola ela sempre achava bem legal eles trocavam de uma forma que roda de conversa, uma forma tão legal que o tema fica gostoso e o olhar dos alunos muda totalmente e a gente vê o clima da escola.

Você acredita que a gente vai alcançar ainda um caminho de equidade racial?

Eu gostaria que sim, eu acho que é o que não todos né, porque é isso, não tem diferença somos todos iguais não é mesmo com as suas especificidades mesmo, então eu trabalhei mesmo da Educação Especial sabe, Nossa gente é um trabalho a gente quando você começa o potencial de todos. assim eu descubro tem que melhorar e que todo mundo fazendo a sua parte as coisas melhoram, mas eu acho que também é um sistema que a gente vive em felizmente né a Equidade total é tão difícil, mas eu tenho esperança.

Joia, como você enxerga o papel da Universidade na luta antirracista? Como você enxerga o papel da universidade para que a gente alcance a equidade?

Tudo no dia a dia, Ju, com uma abordagem leve, não dá pra fazer aquela coisa forçada, que as pessoas de uma forma assim não vai ajudar entendeu, trazendo o

tema para as discussões, em uma linguagem pertinente para e isso a faculdade tem que investir entendeu?

E o papel do professor que está na sala de aula na Educação Básica, que está lá no chão na escola que fala diretamente com um aluno...Qual é o papel dele nessa luta?

Então o que eu sempre tentava fazer, era que eles se valorizassem a diversidade dentro da minha sala falava assim quando alguém ofende o outro eu procurava para cá o tema buscar uma história eu buscava o assunto que valorizava como falar, na escola sabe as nossas professoras têm uma dificuldade de tratar os alunos diferentes sala de aula que tem de aprendizado então levar trabalhar de uma forma de uma forma tão legal entendeu? A diferença é que tem que ser trabalhado no chão, entendeu?

Entendi obrigada, muito bom conversar com você! Obrigada pelas excelentes contribuições, nós já estamos caminhando para o final infelizmente, tem mais duas perguntinhas, o que você entende por uma educação antirracista?

É isso que eu mais ou menos o que eu acabei de dizer, que é assim que as Crianças todos vejam as diferenças como contribuição para a sociedade e não como um empecilho, é importante trabalhar afetividade para ajudar entendeu então é é isso eu penso que é isso é tentar melhorar e não entendeu, aí meio mais obrigado então eu sempre fui uma pessoa que bate de frente, qualquer coisa então eu falar então eu bato de frente mesmo contra essas coisas então era do mesmo jeito eu sempre ia defendendo.

E pensando no nosso grupo de discussão, no que você acredita que você pode contribuir com nosso grupo?

As vivências que eu tive com meus alunos, afinal né porque eu já dei aula para o Maternal né crianças do maternal eu já dei aula para crianças do 1º ao 5º ano foi que eu fiquei mesmo já dei aula para os maiores um pouco tempo, então é a minha vivência mesmo que eu posso estar contribuindo com o grupo né meu dia a dia mesmo e eu me juntei a eles meus colegas de trabalho, então fui aprendendo muito, então é isso é a experiência.

Eu quero agradecer mais uma vez pela sua disponibilidade para essa gravação, ela foi autorizada por você, conforme o TCLE. Muito obrigada.

B. EGRESSO CONCEIÇÃO EVARISTO

Primeiramente, obrigada por aceitar participar da pesquisa, você sabe o quando esse movimento é importante, então vamos começar - eu gostaria de saber por que você fez mestrado profissional em Educação?

Olha eu sempre tive vontade de né de fazer o mestrado e aí na época tava recente né, a minha chegada na equipe gestora e eu vi uma oportunidade ali falei nossa agora tô aqui, tinha mais duas pessoas que tava na escola também aqui como fazer ele tá

falando, nossa né, fazer com mais alguém incentivando que eu acho que o que mais me motivou aí para a educação foi o fato de estar como especialista né, eu tava com assistente de direção eu falei assim nossa eu acho que vai ser uma mais eu vou poder entender melhor acho que eu vou poder colaborar mais né porque eu Sou formada em biologia, Ciências biológicas aí professora de Ciências na rede aí depois eu fui fazer pedagogia, não fui trabalhar, depois eu fiz especialização em educação ambiental e recursos hídricos né então assim sempre a questão de educação sempre ali presente e aí depois fiz a pedagogia Aí falei não agora tá na hora de avançar um pouquinho então falei assim acho que eu posso contribuir né como eu trabalho vamos fazer na área da Educação aí surgiu oportunidade.

Quantos professores são pessoas negras você teve a sua trajetória na Educação Básica, do 1º ao 9º ano.

Olha na minha trajetória eu não me recordo de nenhum professor negro não não tenho o máximo que chegou perto mas, não chega a ser negro né, foi quando eu fiz técnico em patologia que eu tinha uma professora que ela era uma mistura de índio, indiana, ela tinha uma pele mais escura mas né indiana e uma professora negra na educação básica, não me recordo e na faculdade eu tive uma professora.

E no Mestrado?

Uma professora negra no mestrado né professora Roseli e os demais né acho que não eu não lembro de mais nenhum professor do mestrado não só mesmo uma professora.

Pensando na sua formação Inicial que você falou, na sua primeira graduação você teve alguma disciplina, algum debate ou projeto sobre a cultura afro-brasileira sobre pedagogia Colonial decolonial ou sobre racismo sobre cotas na sua graduação?

Com essa discussão não me recordo de nenhum seminário de nada assim, não teve nada dentro desse contexto né, sobre racismo sobre questões étnico e nem optativa, não tive não.

Você não mestrado ou na posse teve contato com algum texto ou alguma pesquisa sobre as relações étnico-raciais de algum trabalho não necessariamente uma disciplina mas de algum trabalho ou de algum estudo um texto no artigo indicado sobre essa temática?

No mestrado eu lembro, não vou lembrar agora o nome nem mas cheguei a ler artigos e textos né de uma professora que fez um trabalho, não sei se eu vou conseguir lembrar direitinho, mas ela fez um trabalho sobre as crianças que negras né na educação mais ou menos sobre isso que ela tratava né e nem assim um outro antigo

né falando sobre essas questões étnico-raciais mas não foi algo assim muito focado não, que tivesse muita relevância sim para aquele momento foi uma questão mais me conter muito mais pessoal eu enquanto pessoa do que uma coisa que serviu para o meu estudo na época.

E você considera essa temática relevante?

Eu falo assim que se trata a questão de vida mesmo né que eu acho que se eu tivesse lá na minha adolescência, lá quando estava no fundamental, se eu tivesse tido mais contato com esses estudos, eu acho que eu teria uma trajetória diferente na minha vida né, eu acho que eu teria tido posturas diferentes e algumas situações eu acho que fez falta para mim, é uma coisa que depois da graduação é que eu fui buscando, uma busca minha, não que a sociedade em si tem me proporcionado essa oportunidade de estar olhando para esse tema, mas tem sido uma busca muito minha, muito pessoal.

Você já sofreu ou vivenciou em algum espaço social alguma atitude racista, seja na escola, na família, na Universidade ou na igreja, você já sofreu algo nesse sentido?

Eu vejo isso muito claro, quando a gente fala de racismo estrutural vou colocar uma situação mais recente né, por exemplo eu enquanto diretora de escola, às vezes chega uma pessoa - eu quero falar com a diretora estou eu e tem uma pessoa branca do meu lado o olhar dessa pessoa ele vai direto para pessoa branca né, é eu quero falar com a diretora da escola né, olha para pessoa branca não olha para mim e aí na hora que você fala eu sou diretora da escola pois não em que posso te ajudar, a pessoa já tem uma pessoa que fez assim né, arregalou o olho e aí continua conversando comigo né, então foi algo nesse sentido que que aconteceu anos um pouco. E aí tem outras questões né - uma vez eu era adolescente eu fui tirar meu título a moça atendeu uma amiga né, minha amiga Branca a moça atendeu minha amiga lá no cartório entregou a caneta na mão dela para ela assinar o papel tudo bonitinho e quando foi a minha vez, a mesma pessoa foi me atender ela pegou a caneta falou assim pega a caneta, bateu a caneta na mesa, sabe aí eu peguei a caneta né, falei assim vou assinar, respirei fundo e devolvi para ela do mesmo jeito também, eu tinha 16 anos na época fui tirar devolvi para ela caneta não a mesma porque ela me devolveu e ali eu senti sabe que foi que tinha alguma coisa a ver com a minha pele porque a minha amiga do lado foi tratada tão cordialmente e eu não, tem umas questões assim!

Mas, é outra coisa que eu vejo também, a pessoa, às vezes eu já passei uma situação da pessoa querer declarar a minha cor eu fui arrumar o meu RG na época nessa renovar o RG no Poupatempo o atendente, ele pergunta com ele foi lá e colocou parda eu falei moço, eu não sou parda, eu sou negra, ele não a senhora é parda, eu falei não eu sou negra não a senhora não é negra a senhora é parda sabe eu eu falei assim mas é ele que decide a minha cor? Então, são situações como essa que é preciso

estudar essa temática.

Você considera que a gente vai encontrar um caminho para a Equidade e para a gente ter uma igualdade racial?

Estamos nós aqui, duas pretas que começaram a se posicionar enquanto pessoa preta e eu queria o seu lugar de direito, eu tenho direito a isso entendeu porque o outro não vai simplesmente dizer o que sou. Se a gente ficar quietinho ali entendeu a deriva não a gente precisa enquanto pessoa preta a gente precisa estar à frente de precisa se posicionar a gente precisa mostrar que a gente tá ali eu acho que por aí começa a mudança não esperando que o outro quer mudança venha do outro a mudança tem que vir da gente né, por isso que às vezes eu falo assim o meu filho: ele: mãe, fala aí pretinho, mas eu sou marrom, mamãe. Então filho, vamos entender isso, ele fala assim que o meu cabelo dele é pretinho mas ele a pele dele é marrom né, mas você já vai contextualizando né, ele tem o cabelo né todo Black Power também toda assim e ele por exemplo uma criança que chegou nele um dia falou nossa seu cabelo ruim, para ele ele tinha 5 anos ele virou para criança falou assim - eu gosto do meu cabelo, meu cabelo não é ruim. A gente tem que se posicionar e criar os nossos filhos para isso aí eu acho que a partir disso a mudança acontece nesta nova geração a gente mostrar para eles que a gente tem o nosso direito a gente tem nosso lugar, esse é o caminho para a equidade racial.

Qual o papel da Universidade nessa luta antirracista?

Olha eu acho que ela é um ela tem um papel fundamental aí né porque enquanto é uma universidade nela **formadora de opiniões ali né, eu acho que ela tem que abrir um espaço para as pessoas pretas, ela tem que olhar para esse corpo docente na formação dessas pessoas pretas eu acho que ela tem um papel fundamental ela tem que ela contribuirá bastante com com essa questão da equidade.**

E na Educação Básica, como você vê o papel do professor lá na sala de aula?

Eu enxergo esse papel ainda muito tímido sabe eu acho que assim as pessoas, sabe aquela questão que às vezes as pessoas não querem falar do assunto para não criar uma polêmica para não criar situações desconfortáveis mas, eu acho que a escola teria que mudar porque assim tá no nosso currículo que a gente tem que falar da cultura africana da cultura indígena de tudo mas, eu acho que isso é feito muito assim sabe e não tem algo assim que que eu posso dizer para você no sentido assim de mostrar para todos ali que existe nessa cultura africana que existe diferença mas não é todos nós merecemos respeito eu acho que desde a educação infantil. Eu acho que isso precisa ser mais intensificado de mostrar que para criança que existe um negro, porque a gente vê muitas vezes nas crianças fica mais as crianças os menores né do primeiro ano, falas que elas têm a porque o seu cabelo é feio, sai aquela questão né você tá fedendo porque tá sendo que você é preto e nessa hora eu acho que falta ali o professor poder trabalhar seriamente, trabalhar com maior aprofundamento nesse

trabalho eu acho que preciso eu acho que tá muito raso esse trabalho no fundamental na sala de aula - vamos cumprir o currículo por tabela tá ali vamos falar rapidinho e vamos fazer não é uma coisa que é diária no dia a dia né conversando com as crianças Eu acho que isso tinha que ser mais que projeto, não é só tá ali vamos cumprir eu penso dessa forma eu acho que é muito tímida ainda essa questão do trabalho com as crianças do Fundamental.

Uma coisa importante é a formação desse Professor também, eu acho que não sei nem se é formação, não sei mas eu acho que às vezes Juliana eu penso assim vou dar um exemplo para me fazer entender tá? Tem uma pessoa que trabalha comigo que ela falava assim: para que falar disso? Não precisa porque você é igual a mim eu não preciso ficar mostrando a minha diferença e a sua ela acha que falar sobre isso é mostrar a diferença, entendeu? Eu falei não, mas não é isso é preciso falar porque eu falei assim para ela - você tem um problema você resolve o problema não falando dele? Você resolve o seu problema deixando ele debaixo do tapete? Poxa, não! Você precisa falar você precisa fazer o que as pessoas entendam né essa diferença, essa diferença é normal que todo mundo vai ser diferente entendeu daí eu vejo que muitas pessoas tem esse pensamento aí não vamos falar disso para não falar do problema e aí geralmente essas são pessoas brancas que não se racializam mas são racistas.

Você trouxe uma questão importante né, que é essa parte do entendimento que as pessoas têm e o que que você entende por uma educação antirracista?

É quando eu por exemplo, na hora que eu ver né a gente realmente avançou nisso é não é que eu não vou ver alguém falar da pele do outro que eu não vou ver alguém falar e a gente entre outras questões vêm aqui também tem que chamar o outro de gordo, de magrelo, nessas questões de bullying, na hora que eu ver educação é realmente anti-racista na hora que eu ver um coleguinha chamando o outro falando alguma coisa sobre a cor da pele e a gente vê que uma pessoa uma outra criança Branca tá ali falando não não é assim né. Eu acho que quando a gente vê o comportamento da pessoa branca diferente mudando e colocando nas discussões se colocando no sentido, não não é assim é de outra forma né não querendo esconder debaixo do tapete, eu acho que a gente vai realmente ter uma educação de fato anti-racista nesse ponto né e a partir do momento que eu também percebi que nós vamos perceber que os professores estão falando disso com mais tranquilidade com mais propriedade sem medo não é porque às vezes as pessoas tem esse medo de falar então quando a gente começar a falar disso como a certa naturalidade ver isso em nossas ações do dia a dia eu acredito que aí nós estaremos nesse caminho que seja isso

Pensando no grupo de discussão posteriormente, no que você acredita que você pode contribuir?

Eu enquanto mãe de uma criança preta, o que eu tenho que falar para ele que eu vou fazer com ele e eu enquanto profissional eu acho que a minha postura que eu tenho que ter todos os dias quando acontece alguma situação quando por exemplo assim né Eu acho que sabe quando alguém chega em você e fala assim aí não é com você o problema tá você já olha assim aí mas por causa da minha cor né então assim acho que isso não é profissional né Essa seria a minha a minha contribuição.

Só posso agradecer muito obrigado mesmo!

C. EGRESSO BEATRIZ NASCIMENTO

Para começar gostaria de saber porque você escolheu fazer Mestrado Profissional em Educação? Mas, antes você confirma a sua autodeclaração parda do questionário?

Sim, eu confirmo.

Então, a partir da sua autodeclaração, por que você decidiu fazer o mestrado profissional em Educação?

Bem, eu sou professora há 21 anos né e eu acredito que cada vez mais a gente tem que investir em estudar porque você não pode ensinar aquele que você não aprendeu né, a gente começa exatamente nesse aspecto e o mestrado profissional me trouxe a possibilidade de rever alguns contextos principalmente na especificidade de história, a gente não tem muita essa questão do lado pedagógico né. Eu já havia feito uma complementação pedagógica em Pedagogia, já havia feito Profa e aí fazer retomar a universidade fazer esse curso e trouxe um novo olhar para essa questão o ensino e aprendizagem né, a gente tem que pensar que estudar para o professor faz parte né, como o Carlos Marcelo fala né, mas ela disse que ele fala que é a profissão do conhecimento, então a gente tem que se apropriar cada vez mais desse conhecimento.

Durante sua formação, na sua trajetória da Educação Básica da Educação Infantil, no Fundamental e no Ensino Médio, quantos professores autodeclarados negros e aqui entende-se pretos e pardos, quantos professores negros autodeclarados que você lembra que você teve?

As coisas que ela pergunta, lá vem (risos), eu lembro muito até o quinto ano era um professor só né, então eram todas as mulheres, a gente vê essa particularidade da Educação Básica até porque muitas delas param no magistério né. Na época que eu fiz a maioria das minhas professoras eram do magistério e aí eu tive uma professora Maria, daquelas professoras de referência que eu lembro até do cheiro dela, depois no ciclo dois né ela foi minha professora de matemática Então foi uma das que fez aquela passagem do que a gente sabe de sair do magistério e ir para uma faculdade

então assim no meu na no ciclo vamos dizer eu não tive nenhuma professora que aparentemente Negra né talvez ela se identificasse como parda como eu né para dominação mas, assim em nenhum momento a gente teve um diálogo com relação a isso não ensino médio eu me lembro de uma professora negra. Ela era uma professora bastante marcante para mim, o ensino médio não tenho muitas recordações, estranho né, a gente não consegue lembrar muito né, ela era professora de educação artística e no ensino médio não me lembro muito bem mas o que me chocou bastante quando eu fui para a universidade fazer história Universo de história universo bastante masculino, então os meus professores eu tinha um poucas professores mulheres né e quando eu fui para a Unitaú também me chamou muita atenção né porque a gente tem poucas professoras e professoras negras que seriam professores com doutorado né a gente ver que é um funil - o qual retrata muito bem a questão processo né então quando a gente pensa em políticas públicas a gente tem que olhar esse universo e verificar as ausências - semana passada né, eu ouvi a escritora nigeriana, Chimmanda, que ela estava no Brasil e as pessoas falavam que aqui não havia racismo, mas ela refletiu que o está presente no nosso país de racismo é que todos os lugares que ela visitou ela percebeu a ausência dos negros né então restaurante, no shopping. Apesar de ter feito uma especialização na USP, aí eu fiz com pessoal do núcleo africano tinham muitas pessoas que estudam a temática né, mas a gente vê que ainda falta muito para mudar a ocupação dos espaços sociais.

Na sua formação acadêmica inicial você teve alguma disciplina de relações étnico-raciais?

Ah era bastante eurocêntrica né, e agora o artigo que eu tô querendo escrever sobre isso também, né que apesar da gente tiver habilidade que falam né ele digita né que a gente deve usar esse termo a gente sabe que ela ela ainda não atende ao que a legislação prevê né que é a lei 10.639 e a 11.645. Então a gente tem que estar atento né esses documentos que normatizam os currículos do estado do município né porque sim muitas vezes a gente fala que as leis nem sempre ela agora mas a gente tem que lembrar que as leis elas nos amparam, para que a gente possa fazer esses trabalhos nas nossas escolas e não ter alguma coisa eletiva um debate no projeto alguma alguma sobre a cultura apresentada sobre os povos originário sobre colonialismo racismo cotas não tem nenhum evento assim isolado como a realidade de todo brasileiro né. Eu estudei em escola pública fiz meu básico do primeiro ao quinto ou não isso não tinha educação infantil você até perguntou não falei eu não tive não tinha acesso na região de havia poucas unidades né da prefeitura então eu não fiz aí se todo o percurso inicial em escolas do estado e tentei claro né passar numa universidade pública e não consegui fui fazer faculdade universidade particular e a manutenção do curso de estudos sociais era uma manutenção para garantir o título de Universidade então eles queriam mesmo acabar com esse curso tinha poucos alunos era o tipo de curso que nem o outro ver cidade que ela não vai falar não tem mais esse curso na universidade Ibirapuera em São Paulo e então não havia muito

investimentos né os professores eles tinham professor de história do Brasil professor de história contemporânea do que a gente conhece como o quadripartismo francês né seria a denominação europeia né então a gente esteve presente durante toda a informação eu fui ter contato com essas questões mais aprofundadas tempo professora quando surgiu a legislação então é e quando surgiu a lei de 2003 eu já era professora e aquilo me trouxe um conforto porque eu falava assim mas porque eu não penso sobre isso porque eu não moro sobre isso inicialmente eu vi que não existia mais material então eu falei onde eu vou encontrar material Foi aí que eu fiz a minha primeira formação na USP né que eu consegui chamamento né aqueles grupos de estudos né que começaram a surgir africanos e aí eu consegui fazer um curso mas São Paulo fica muito difícil né você se deslocar você conseguir materiais que paga xerox para gente que é professor da rede pública mas assim eu vi aquilo como necessidade que eu precisava sofrer né E aí eu fui atrás dessas formações e depois quando eu pude fazer uma especialização na área também tanto na Unicamp como não ficar eu trabalhei sobre as questões desafiar você já falou um pouquinho mas aí você depois da sua graduação você continuou esse universo acadêmico aí que eu fiz essas especializações se você puder ver quais foram esse nela né.

Você já leu ou fez alguma pesquisa sobre essas relações étnico-raciais ou sobre a cultura afro-brasileira de modo geral e você já respondeu, mas reforçando você considera a temática relevante?

Aproveitando os cursos que eram oferecidos pela rede estadual então eu fiz cursos financiados pelo banco central né eu trabalhei com o internacional tem muita coisa também na escola bíblica que a gente nele e eu comecei a correr atrás então fiz curso na Casa do Saber. Aí fui fazer Pedagogia, é que eu achava que eu precisava aprender ela não foi suficiente para me dar caminhos para metodologia eu acho que você saber o conteúdo é fundamental mas você precisa saber também como chegar como fazer com que esse conteúdo chegue ao escorrendo e essa é a parte talvez mais desafiadora né porque a gente percebe que os nossos professores são professores com bastante conhecimento do conteúdo mas eu dificuldade a posição básica que a gente fala mesmo né então eu sempre essa pessoa mesmo né como eu poderia trabalhar com os alunos Então eu fui atrás dos simulados foi lá que eu fiz as primeiras simulações da ONU e aí perceber como o antagonismo do estudante é muito importante para ler muito com Grêmios então tem buscando recursos para trazer esse aluno antagonismo acredito muito nisso mas em 2003 que surgiu a lei e eu fico indignada com as lacunas, essa lógica do negro como escravo, a gente tem essa essa visão da condição como esse sujeito aparecer na Constituição do povo brasileiro - sabe quando você olha porque ela pensa que era como eles eram chamados né que chegaram aqui para trabalhar e não como um indivíduo que trouxe toda sua antes qualidade né e contribuições principalmente para Cultura né então muitas coisas boas e o hábito de andar descalço né os tambores são contribuições desse povo que trouxe também a festividade causa uma característica muito presente da nossa cultura então

eu comecei a estudar mesmo especificamente buscar, encontrei duas professoras parceiras, professora de língua portuguesa - eu e essas duas professoras foram muito medo das feiras nesses trabalhos então a gente começou a falar muito sobre essa questão da africanidade e a gente começou também falar muito de mulheres Foi aí que surgiu também porque sim eu abordo no meu trabalho na Unicamp das ganhadeiras porque eu acredito que muitos desses elementos das ganhadeiras estão presente hoje nas mulheres da Periferia que estão aquelas abandonadas pelos seus maridos que estão arrimo de família que trabalham como domésticas que reproduzem aquele trabalho escravo que hoje não vou de nome e essas mulheres elas trazem uma força e que transcende o que que a gente deixa vamos ver porque são muitos deles na nossa sociedade né então acho que vale a pena a gente mudar o foco do nosso olhar para aqueles grandes heróis que era o que é história fazia antes e a gente falar sujeitos do cotidiano e que talvez esteja mais próximo dos Estudantes também então aí eu fiz né Essa especialização, é que eu não vou lembrar o nome, mas é o núcleo de estudo africanos não era lá na eu fiz dois módulos que foram fundamentais para entender muitas coisas depois eu procurei o modelo também tenho museus na USP museu de arqueologia e etnologia também, eu fiz alguns cursos lá com eles e tem um material de nível que vocês podem baixar na internet muito rico sobre os reinos africanos e aí eu depois que eu terminei né fiquei um tempo cantando daquele jeito que a gente cansa professora pelo meu esposo família para fazer o doutorado desculpa mas e quando a vida e ainda é porque eu procurei a professora né Professora Suzana que foi minha orientadora Inicial ela tem aquela entrevista na realidade eu tinha levado uma proposta de trabalhar com formação de professores de hct e aí quando eu falei aquilo para ela gosta né E aí eu falei e que De forma alguma eu queria falar mal de escola eu queria apresentar um Panorama de tipo de coisa boa da conversa na escola pública e ele já vai deixar de falar de boas práticas das questões étnico-raciais né então os quatro fica na sala de aula prática

Você como uma mulher que se autodeclara parda, você já sofreu algum preconceito racial alguma injúria racial ou algum ato racista no seu espaço social que se ocupa na escola da família, na universidade, na igreja, na formação de professores...?

Sendo bem categórica né, o colorismo no Brasil ele traz uma questão do lugar que a gente ocupa, então quando eu falo para as pessoas que eu sou parda, poucas pessoas concordam com isso que tinha minha pele e não vive isso né Eu sou uma pessoa que tem a pele uma cor clara e eu me considero parda a partir dos meus ancestrais né, eu acho que com relação a isso eu nunca sofri racismo né mas com relação a ser mulher né já diversas vezes a gente escuta né sobre a pessoa não quer escutar porque você é mulher e muitas vezes eu também me vejo na prática de alguma posição de questionamento, que eu falo com você quando eu falo isso porque a gente carrega isso né e não é tão fácil como eu falei para você os povos indígenas depois vem falar formas originárias assim como escravos escravizados porque são

coisas que a gente vai se apropriando e a partir disso a gente vai mudando também a nossa postura perante essas questões falar sobre esse tema por exemplo é uma coisa que incomoda muitas pessoas tudo bem a coisa minha pele né porque então quer dizer eu só posso falar se eu sofro ou seja só posso falar se eu for Negra né então eu acho que também a gente precisa explicar isso né a gente precisa conversar na verdade a gente precisa até a professora que fez a minha defesa ela falou sobre tema sensível então a história ela repertoriar por temas sensíveis a gente liga no país ainda onde há um predomínio é do machismo um predomínio do racismo estrutural que a gente aí não temas que eu preciso abordar com meu aluno também como cuidar dado porque às vezes ele recebe em casa é contra é o contrário do que eu estou trabalhando ali e aí eu tenho que contribuir com eles esses argumentos para que ele entenda e tenha também faz tia para com os outros né. Então essa construção ela não é simples ela é bastante complexo a educação é mais complexa mas eu acho que o ser humano ele é maravilhoso e educação ela pode transformar o mundo sim e é nessa perspectiva que eu sempre busco uma escola pública né eu poderia dar o gado aí a escola pública. Mas, eu vejo que lá muitas vezes eu me realizo ao fazer esse trabalho sem que a gente conhece as realidades que mais estão necessitam da nossa situação aí pegando esse gancho você falou que você acredita na educação pública

Você acredita que a gente vai conseguir chegar numa Equidade em relação às questões de igualdade racial mesmo como você reconheceu que a gente é um país ainda dominado por racismo machismo mas e na sua experiência escola pública você acha que não vai alcançar essa a igualdade racial?

Eu sou muito Poliana, eu acredito muito nessa coisa do positivo e é primeira coisa já me deixa muito feliz é a universalização da escola saber que todas as crianças estão na escola mesmo que seja aquela criança que vai escola se alimentar ela já está já está fazendo diferença na vida dessa criança então, sabe Ju, eu acho que a gente tem que olhar coisas nos olhos né e eu como professora da Escola Pública eu tenho que acreditar no potencial de cada um desses alunos Eu sei que eles tem gente muito diferentes mas que todos eles são capazes de aprender então se eu vou com essa premissa né e que todos eles são capazes de aprender eu sempre vou fazer o melhor para eles e eu acho que cada um fizer um pouquinho né a gente vai junto fazer muita diferença então assim ponder para você essa pergunta em termos de geral uma assim que a gente vai conseguir chegar nisso eu só não sei quando né a gente não tem como estabelecer um prazo mas eu acho que a gente tava caminho certo. Infelizmente essa pandemia eu acho que ela veio trabalhar bastante esse percurso que a gente veio constando mas eu acho que a gente tem que continuar acreditando essa universalização a escola pública Saúde Pública São bens que nós conquistamos e custam os mecanismos necessários para garantir todas as possibilidades de apertar para essa população de todos são capazes

Como você enxerga o papel da Universidade nessa luta antirracista e o papel do professor na sala de aula?

Eu acho que a universidade ainda está distante né? O que me agradou em fazer o mestrado profissional sou aí poder algumas populações trazer as residências da universidade para escola pública. Então quem tem algumas experiências como eu estou na sala de aula eu aprendi alguma coisa que eu estava aprendendo na sala de aula então acho que tá proximidade ajuda muito mas assim eu sinto ainda que a universidade trabalha muito com a teoria nela assim a universidade se fala estão mesmo né isso de ficou da gente a gente se aproximar da das necessidades da escola eu acho que precisa fazer um movimento de a universidade e escola se faz necessário eu acho que aquele convite que o pessoal fala que talvez isso eu não pensei isso né o meu estágio foi muito importante assim na época eu lembro que o professor falou se você vier aqui vou fazer você dá aula ele não quiser você me apresentá-la como estagiário né e hoje eu procuro ser diferente eu procuro quando o estagiário Amiga olha esse material é importante você corrige dessa forma acreditar Malu procura todas essas crianças que eu fui me envolver na partida que eu acredito na educação pública eu tenho que passar para esses meus Estagiários. É muito bom e com certeza vai fazer diferença na vida dele na formação deles né.

O que você entende por educação anti-racista bem qual é o seu entendimento?

Eu acho que é uma fala que a Professora Suzana trouxe muito forte uma vez que eu fui falar assim ah eu quero trabalhar SP uma eu quero ajudar as crianças negras e brancas também né? Eu acho que quando a gente aprenda a viver na sociedade com justiça social - Eu acho que isso é fundamental Então eu penso que hoje eu não trabalho para para promover uma abordagem em que o negro a partir do outro, a gente não precisa empunhar uma arma na bandeira mas a gente tá falando e delicada para discussão ai muito bom já estamos caminhando para o final do nossa conversa infelizmente pensando no grupo de discussão assim a hora que a gente pudesse se encontrar você acha que pensar nessa discussão da educação anti-racista é no que que você acha que você vai contribuir no grupo no grupo de professores a hora que a gente sentar para conversa.

Pensando no grupo de discussão, qual a sua contribuição enquanto professora pensando nessa educação antirracista?

Eu acho que tem dois aspectos - um deles é escutar, então acho que a gente tem que escutar quais são as necessidades do outro para a gente poder oferecer alguma coisa né, e outra coisa, eu sei lá ,eu acho que quanto mais eu estudo conheço mais novos artigos novos vídeos eu acabo fazendo a leitura eu percebo que novas abordagens vamos fazer eu tenho que escutar e colaborar com o crescimento do povo.

Então estamos encerrando, não tenha dúvida você já contribuiu muito, tamo junto e muito obrigada!

D. EGRESSO TEREZA DE BENGUELA

Eu quero te agradecer desde já viu sua disposição como participante da pesquisa como alguém que já passou por isso é muito importante de verdade quando a gente puder se encontrar pessoalmente -

Por que você fez mestrado profissional em educação?

Bom o mestrado era uma aspiração de muito tempo né e eu sempre quis porque eu acho que é um a gente tem que sempre estar correndo buscando novos novas informações e que a gente tem que estar sempre buscando melhorar a qualificação profissional e era algo que eu sempre almejei bastante semestre Doutora também né fica meio difícil tá bom pensar né. Eu encontrei um grupo de colegas e incentivar bastante peguei falei vamos então aí fui era hora de seguir em frente e conquistar o que eu queria que legal então não foi esse grupo de amigos te deu uma folha à vontade cheguei um dia na escola colega falou olha a van está fazendo vamos

Quantos professores negros ou professoras negras você teve na sua trajetória?

Alguns não muitos, mas alguns. Eu não frequentei Educação infantil a minha primeiro contato com a escola foi numa escola na roça mas escola seriada era uma escola que tinha todos os anos do 1º ao 4º ano e a professora negra eu lembro bem dela pastora Francisquinha nunca esqueci dela eu fui visitar ela 11 anos atrás que legal foi na casa dela lá ela mora no Maranhão e suas mais não né eu fui fazer uma visita lá no Maranhão fui visitar ela minha primeira professora eu estudava junto com meus irmãos eu era Menorzinha estudava com ele eu entrei para o alfabetizador a gente usar o abc e ela na casa dela ela preparou um espaço em Galpão colocou uma mesa grande todo mundo tava ali junto era bem interessante esse foi meu primeiro contato e a minha primeira professora negra ela não tinha muito conhecimento ela não tinha estudado muito mais do que ela sabia ela ensinou pra gente eu fui alfabetizada ali comecei as minhas primeiras palavrinhas falei com ela eu levantei da palavra que eu li a primeira vez, que memória linda, isso porque tinha uma lata de querosene na minha casa e a lata de querosene tinha um jacaré e a marca da querosene era jacaré Então as duas primeiras Parabéns que ele foi querosene jacaré, e essa foi a minha primeira professora negra na educação básica não tive além dela eu tive um professor Colombo que era **mulato** também geografia no quinto ano era um professor maravilhoso esse era um mestre dava aula como ninguém de geografia até hoje eu gosto de geografia que ficou com todas as aulas você Colombo depois no colegia. Eu acho que eu tive um outro professor ele era de direito mas ele tinha ido dar aula de matemática para gente professor se eu não me engano o nome dele era Ronaldo se

eu não me engano tem como você boa de memória né você lembra o nome de todos que legal memória afetiva também né não presta mais que a gente sabe que a nossa nossa nossa Raça Negra ele é um pouco discriminada dentro da área profissional né então quem conseguiu chegar lá conseguiu por muitos méritos conseguiu porque eram eram bons profissionais né e Lutaram muito para falar então São pessoas que merecem todo nosso carinho nosso respeito.

Como que foi essa sua relação com os professores negros e professores negros e termino mestrado?

Voltando aqui na graduação eu tive um outro professor também muito bom na graduação de artes na minha segunda graduação eu tive um professor legal muito bom também ele dava técnicas de práticas de arte desenho é oficinas dar umas aulas já teria muito boas e foi o único que eu tive negro no mestrado eu não tive contato com professor negro eu só tive a professora tinha lá no curso de Mestrado Eu acho que eu não sei acho que eu preciso de um seminário com ela só para Roseli Roseli mas eu não tive aula com ela não tinha nenhum Sim eu também achei falta né eu lembro que quando eu cheguei no primeiro ano.

Pensando lá na sua graduação qual foi sua primeira graduação você teve alguma disciplina sobre as relações étnico-raciais?

Nada, nada, foi só um texto para conversa de discussão ali mesmo na aula e pronto nada sistematizado.

E aí vindo assim pra academia né para o seu Mestrado para suas costas também você falou que você fez duas né após de modo geral nesse universo acadêmico que você já leu ou desenvolveu alguma pesquisa sobre as relações étnico-raciais?

Eu mesmo não porque eu acho que eu tenho peguei o foco não para esse lado sempre estudei e outros conhecimentos que não tivesse relacionado a a etnias né mas a gente conversou bastante né eu lembro que na estrada nós conversamos algumas estudamos algumas situações que surgiram na época algumas discussões sobre o assunto sobre alguns temas daí nós sentamos e conversamos e discutir alguns temas nada de oficina. Só conversas mesmo na aula durante a aula algumas discussões e debates não passou disso você acha que é relevante essa temática desculpa mas ainda não essa semana eu tava discutindo com uma aula de história e falando de como surgiram as civilizações eu falando de seleção natural e hoje em dia a gente tá vivendo meio que uma seleção natural na Pandemiaa né porque pessoalmente em relação à educação porque nós estamos lá lutando dentro da sala de aula para que nossos alunos não tenha não fique a educação e aprendizagem prejudicada e a gente sabe que dentro da educação principalmente a educação pública a gente tem muita questão de da classe social menos favorecida tá lá sendo deixado de lado mas a

própria família meio que tá esquecendo um pouco a educação do filho e a gente tá vendo muita gente tem muita nossa nossa comunidade pelo menos na minha realidade aqui tem muito negro tem muita muita gente parda aí que tá ficando tá ficando de lado a educação das pessoas, então é meio que uma seleção isso eu falei para ele que a gente tem que pensar no futuro falando que a gente tem que pensar no futuro que a gente não pode deixar com que uma pandemia exclua as possibilidades que vem que eu posso até no futuro então não posso deixar de estudar.

E você negra que eu tenho que ele fez um monte de pergunta na hora da discussão e eu falando exatamente sobre essa coisa de nós negros temos que lutar mais do que os outros então falei para ele ele às vezes deixa eu te fazer muita coisa falei para a gente não pode deixar de fazer suas atividades você não pode deixar de estudar porque a gente fica de fora naturalmente a gente já fica de fora imagina quando a gente não estuda quando a gente não busca as coisas quando a gente não tem o conhecimento equiparado com os nós estamos vivendo na seleção natural daqui a pouco a sociedade mais mais mais mais não não vai ter oportunidade porque não estudou deixa de aprender são dois anos já que escreve escola e a gente lutando lutando lutando para essas crianças irem lá e a própria família tá deixando de buscar o conhecimento do filho então tá complicado viu.

Você se autodeclara parda, você confirma sua autodeclaração?

Foi o que colocaram na minha certidão, mas eu sou negra.

Como mulher negra, você já sofreu ou presenciou algum ato ou atitude racista nos Espaços sociais que você frequenta a escola, família, universidade ou igreja?

Quando eu cheguei na minha primeira graduação a minha primeira atitude foi observar o ambiente que eu sempre observo bastante e aí eu comecei a observar o tipo de acordo os alunos da sala e eu comecei a pensar naquele um por cento na época que eu fiz graduação são um por cento era a quantidade era a porcentagem de negros que conseguiram chegar lá na faculdade e eu me vi naquele um por cento dentro daquela sala de aula que não tinha, além de mim outra pessoa negra dentro da minha sala então aliás tinha uma amiga que ia para a gente que a gente sente vou bastante ela e ela acabou indo para a gente também então assim éramos duas no meio de uma sala existem alunos né, depois foi diminuindo esse número de alunos mais assim é era muito visível essa coisa da gente tem uma minoria dentro daquela daquele espaço n. Aos poucos mudando mas a porcentagem ainda tá muito baixa né e em relação às atitudes racistas não, eu tive a felicidade de não ter muito assim quando a gente anda na sociedade a gente entra em algum ambiente que a gente **ver os olhares a gente percebe tal eu lembro que uma vez eu entrei na Americana eu com bebê de colo minha filha era bebezinha eu entrei Abrir eu ia pegar o ônibus que era próximo ali da loja e era noite tinha vindo na casa da minha irmã tava indo embora para casa pegar**

o ônibus ali passei na Americana rapidamente para comprar uma lata de leite uma lata de leite e eu entrei rapidinho assim eu lembro que eu entrei dei um passar sim eu já senti alguém atrás de mim o tempo todo entrei virei corredor e para o outro até chegar no leite a pessoa atrás de mim depois peguei o leite foi para o caixa depois eu daí que eu voltei para olhar para ver quem tava atrás de mim o tempo todo era um segurança da hoje foi a única situação que eu me via sem mais eu me senti mais incomodada vezes que às vezes você chega no restaurante estou dar uma olhada se ele pensa numa loja que eu vou dar uma olhada mas eu sinto que eu não estou não tô não sou bem acolhida, hoje em dia eu conto sobre algumas situações para os alunos eles parecem tão distante da realidade deles e falei que eu fico feliz por isso né porque graças a Deus eles não presenciam isso hoje em dia porque é muito difícil a gente se ver discriminadas já que você você não é diferente nada da outra pessoa né com certeza isso que você.

Você considera que a gente vai chegar no caminho para Equidade de oportunidades de igualdade racial para que situações como essa que a gente vivenciou?

Acho que enquanto a gente se ver menos menor do que qualquer outro a gente não corre atrás a gente não luta pelos espaços que a gente quer então a gente tem que se ver comigo ao também nós temos um trabalho muito importante além dessas sociedades que discrimina a gente tempo todo a gente tem que aprender que a gente pode pertencer a qualquer espaço desde que você lute faça queira instalar desde que você não se sinta sabe de forma alguma se sinta sinta que não pode pertencer a esse espaço você pode pertencer a qualquer espaço e já era político seja ele é Educacional seja qualquer espaço você pode se você tiver capacidade para isso e correr atrás você quiser não posso querer obrigar uma pessoa me aceitar não posso mas eu posso mostrar para essa pessoa que eu tenho tanta competência quanto qualquer outra que eu não sou diferente dela em nada então a conversa a gente faz ocupando espaço de forma legítima nós temos essa competência para isso né. Nós temos a capacidade nós não temos nada de diferente de qualquer de qualquer outra pessoa embora a gente seja muito a gente tem que lutar contra uma sociedade mas nós também temos muita culpa se nós políticos nosso espaço político é ocupado pela maioria branco é Porque nós deixamos isso acontecer Porque nós não temos nossos nossos representantes de forma adequada Então temos que trabalhar para isso ainda é muito se fazer né e há muito que se trabalhar a sociedade de forma geral para que não seja tão anatoria não sei a cabeça das pessoas é muito complicado a gente não entende muito bem né Se a gente for buscar nossas nossa história aí não tem motivo nenhum para tratar o Ney como foi tratado ao longo da história mas hoje em dia a gente tem que aprender a buscar os espaços eu acho e escolher adequadamente nossos representantes e daí quem sabe a gente consiga. |

Qual é o seu entendimento sobre educação antirracista?

Nós vivemos modelo de educação eu não sei de que as questões raciais não são muito discutidas né porque a gente discute da escravidão ação do negro a gente discutir de como que o negro da contribuição do negro dentro da contexto da formação do povo brasileiro tal mas são questões muito no ponto de vista de quem né então acho que tem muita coisa que precisa ser acertada dentro da educação para poder colocar uma a questão racial em evidência para ser batida e discutida e falar de contribuições e falar de como que o negro fez faz parte da nossa história de como ele foi vítima do sistema e até hoje ele é vítima de sistema né então a educação precisa ser eu acho que reestruturado para poder ser de fato uma educação antirracista ao né porque até hoje eu acho que ela é meio discriminatória até no jeito de falar de algumas algumas expressões que se coloca que sempre tá o negro como visto como uma uma coisa ruim né aí então muita coisa a ser feita dentro do cartão com você junto com ação anti racial seja Justa e igualitária.

Caminhando para a nossa última pergunta, no que você acha que você vai contribuir para nosso grupo de discussão?

Primeiramente, vou ouvir, isso traz um aprendizado muito grande para nós experiências são sempre muito bem-vindas né eu gosto muito disso e **minha contribuição é o que eu vivi na sala de aula e nas formações docentes.**

E. EGRESSO CAROLINA MARIA DE JESUS

Para começar eu gostaria de saber porque você fez mestrado em educação?

Na época que eu comecei o mestrado eu atuava no ensino médio formação de professores e comecei a me preocupar e também sou orientadora pedagógica então o Mestrado era uma oportunidade. Tinha esse desejo há um tempo e quando eu fiquei sabendo desse de Taubaté, para mim mais ou menos a mesma distância daqui ao centro do Rio daqui a Taubaté e para Taubaté seria bem mais tranquilo com relação a trânsito né, a violência essas coisas em comparação ao Rio, então foi uma escolha e juntou a questão que eu tinha muita vontade querer fazer com essa possibilidade foi muito legal.

Agora vamos voltar lá na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Médio, quantos professores e professoras negras você teve na sua formação na educação básica?

Olha que eu me lembre está tão básica no hoje no máximo dois né, eu tinha um professor de português pessoa muito conceituada e só dele me lembro desse período.

A partir do momento que você saiu da graduação, na pós-graduação lato sensu, no Mestrado, quantos professores ou professoras negras você teve?

Olha na pós na pós eu tive um, eu fiz pós em filosofia eu tive um e no mestrado eu não me lembro.

Qual é a sua graduação?

Pedagogia e não tive ou não lembro de ter tido professores e professoras negros.

E lá na pedagogia e você teve alguma disciplina de relações étnico-raciais ou se teve algum projeto algum debate algum, ciclo de formação sobre essa temática

Não não não teve nenhum debate ou projeto nada nem uma ação pontual nada não só algumas mesas ,na semana a gente tinha alguns projetos - me lembro de uma atividade que nós levamos o negócio da capoeira no pátio, era só pontual mesmo tinha projeto não tinha nada mais extenso não, agora depois que agora pouco tempo uns dois anos quando eu tava no mestrado eu fui convidada que abriu inscrição para apresentação de projeto nessa área e o que eu escrevi que aí eu apresentei meu projeto lá então assim da minha graduação para casa teve uma mudança né legal muito legal viu.

E assim pensando agora na academia. Eu tive o prazer de ler sua dissertação de mestrado - você desenvolveu uma pesquisa dentro dessa temática de relações étnico-raciais, sobre as questões das leis para o povo negro, nas leis inclusivas né como que foi essa experiência para você?

Essa pesquisa veio com a segunda graduação - ela começou a surgir nas aulas de leitura porque eu fazia eu tinha uma aula e o momento que eu trabalhava como agente de leitura nessa nessa na sala de leitura começou a minha - Brasil - de ser negro aí eu comecei a juntar, Poxa não tem nada né a gente não tem pesquisa. E aí quando eu comecei o Mestrado, eu já fui com essa proposta de pesquisa assim mais ou menos já encaminhada, tanto que a Suzana como a história ela se interessou pelo assunto e aí ela me orientou no caminhar. É muito importante a gente continuar pesquisando sobre isso falar sobre essa temática sobre as relações étnico-raciais sobre as mediações sobre uma política inclusiva verdadeiramente para todos os não só professor.

Você considera essa temática relevante?

Eu considero muito relevante apesar de nesse momento político que nós estamos ela tem assim uma importância maior discutida, porque eu penso que nesse momento nós estamos calados né, nós estamos numa situação de silenciamento, eu acho que nós temos assim, dado dois passos para frente e voltamos 3 que eu tenho Então agora eu acho que mais do que nunca é necessário não só falar mas exigir que as melhorias

que os passos que foram dados eles sejam de fato seguidos né faço trabalhar a questão que você trabalhava na escola. É porque assim na escola é de que muita gente o professor não tô falando de São José para lá na sociedade é muito o peso é muito maior né na educação eu percebo Assim pessoas que não veem importância não dá uma importante ainda né E aí a gente se na educação a gente não dá fora né

Você é uma mulher autodeclarada parda né como você respondeu no formulário de autodeclaração, você já sofreu alguma atitude racista em algum desses espaços que você ocupa?

Eu não digo preconceito né mas é assim, eu tenho aquele tom da melanina mais clara né, acho que até falta melanina, então de cor de pele não sofri nenhum preconceito, mas assim pelo cabelo já, desde pessoas querendo que eu que eu faço isso, use ele escovado, use ele preso, umas declarações assim que a pessoa acha que não tem nada a ver mas que no fundo é racismo né que, é aquela coisa de querer que todos sejam iguais, mas iguais ao padrão, então em relação ao cabelo sim.

Sobre presenciar, eu não me lembro, mas eu tenho relatos dos alunos, tem muita coisa bem chocante de relatos sofridos mesmo sabe assim que o pessoal fala que fala como desabafo como muita dor né então esses relatos.

Você considera que a gente tem um caminho aí para conseguir alcançar a Equidade racial principalmente em relação às oportunidades e de diminuir esses relatos dos seus alunos? Como você acredita que a gente vai conseguir trilhar esse caminho?

Acredito porque eu acho que a gente não pode deixar de acreditar, mas é complicado né. Eu acho que a gente tem que acreditar e tem que agir para que isso aconteça se não for eu por exemplo né eu tenho essa pesquisa que eu tinha vontade de prosseguir mas que eu o problema de saúde eu não tive mais as questões na escola, mas eu acredito que outras pessoas irão trabalhar a questão de políticas públicas para que isso aconteça, é um sonho né mas é preciso!

Como você enxerga o papel da Universidade nessa luta antirracista?

A universidade é partida de elitista né a gente não vê muito o povo na faculdade né ao tempo atrás houve políticas a respeito que deu um avanço, né mas que já também já foi um pouco que já também já pagou né então eu acho que a universidade ela precisa entender esses princípios, que precisa estar mais junto do povo, mais junto do jovem, dos jovens, do povão entendeu.

E como você vê o papel do professor no chão da sala de aula?

O papel do professor aí é primordial mas também, é preciso investir na formação para

essa clientela porque a minha pesquisa por exemplo eu pesquisei orientadores pedagógicos porque umas questões de professor seria mais complicado de ter acesso à questão que nem o orientador ele tem essa formação dos eu entrevistei me lembrei e apenas uma delas era uma pessoa muito ligada social as questões éticas raciais e foi a única que assim deu um show né que sabia que participou os movimentos mas, os demais eram assim muito um pensamento muito fora da nossa realidade é aquela questão tem uma pergunta que eu faço sobre as cotas e o participante me responde que que ela não é favor porque pensando bem tá tirando a vaga para o filho dela, tem algumas pessoas poderiam pensar isso que tava tirando a vaga do filho entendeu, então assim eu fiquei muito frustrada fazer parte dessa classe né da casa de orientação e pelo não conhecimento nenhum da dessa relação embora nós estejamos cercados dessa clientela né, então eu fiquei assim foi bem impactante para mim.

O nosso bate-papo aqui está maravilhoso, mas está chegando ao fim e eu queria saber de você o que você entende por uma educação antirracista?

É algo muito simples para mim, embora o nome parece que assusta né antirracista parece uma coisa muito tá muito fora do nosso cotidiano, mas não é é você trabalhar você trabalhar por exemplo, estou falando da educação básica então você em todas em todas as suas aulas em todas as atividades incluir né se você vai colocar uma gravura trabalhar com gravura que coloca gravura do negro né também dose não trabalhar só com aquela com as gravuras com as fotos da criança branquinha da criança loirinha né então é assim é muito simples é você ter infantil Você tem uma boneca Branca mas não boneca preta também né então não é nada de Não não é nada difícil não é não é complicado né sim o nome sim e às vezes o nome a gente se perde mas no cotidiano não o cotidiano se você tiver essa visão você trabalha mas sem despertar para essa questão. Quando eu trabalhava no Infantil eu comprei do meu bolso, a boneca preta para misturar com as outras e esse as crianças elas ficam maravilhados com a boneca né porque elas vivem nelas então se a maioria das meninas estão pretas mas não tem uma boneca ali que representa, então assim tem criança que pega meio assim né meio estranha estranheza mas depois se acostuma então assistam nessas pequenas coisas que a gente trabalha tá bem sem dar esse nome de antirracista né. E às vezes são nas pequenas coisas - eu me lembro de uma professora que trabalha com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem e ela fez um tem uma semana que a gente comemora a semana da inclusão da deficiência né e eu pedi para ela fazer um cartaz para ele já que você trabalha aí com um aluno com dificuldade, faz um cartaz para a gente comemorar e lembrar sobre a questão da inclusão e tal e aí ela fez um cartaz com as crianças desenhos e as crianças todas brancas o cartaz mas eu falei para ela será que ela representou os estudantes naquela imagem. E aí você faz a pessoa pensar e aí ela refez o cartaz após uma reflexão, porque uma simples conversa como essa fez diferença naquele cartaz então eu vejo assim essa importância nos pequenos detalhes né você trabalhar nos pequenos

detalhes.

Infelizmente estamos acabando nosso bate-papo, pensando no nosso grupo de discussão, no que você acha que você pode contribuir?

Eu sei eu posso contribuir como se diz “com as pequenas coisas” que eu acho palpável eu não penso em coisa maior coisa grande que seria seria a política pública né voltada para nosso lado voltado para a geração mas no dia a dia sim no mesmo que é onde a coisa pega assim as pequenas coisas não precisa muita coisa, então minha contribuição pode ser nesse sentido de valorizar o que a gente tem e nesse nesse pouco que a gente tem a gente tem de diferente!

F. EGRESSO DJAMILA RIBEIRO

Para começar, você pode confirmar para mim a sua autodeclaração?

Olha eu tenho me declarado preta, mas a minha certidão declara parda.

Jóia. Porque você fez mestrado profissional em Educação?

Eu estava trabalhando em uma escola e tinha uma coisa aqui em que tava bastante - a questão da violência então, pensei acho que vou desenvolver uma pesquisa então entender melhor como que é essa relação né da violência mas, quando eu comecei a fazer o mestrado a minha inquietação era violência que os professores sofriam em sala de aula era constante ou tava começando como orientador Educacional e observei mais de perto que dentro da sala de aula é o universo fora da sala era outra né, eu observei a violência mas não decorrer da pesquisa eu percebi que a violência era muito maior com relação aos estudantes o que eles sofriam dentro do universo escolar muito mais do que o que acontecia com os professores e por isso fui pro Mestrado, para entender isso.

Durante a sua trajetória lá na Educação Básica Margarete lá do seu Infantil Fundamental médio Quantos professores negros ou professoras negras você teve?

Não me lembro muito, mas tive um, ele era professor de geografia Professor Fausto né não esqueço porque ele era o único mesmo a grande referência inclusive né.

Qual é a sua formação - sua graduação?

História

Você teve na graduação de história alguma disciplina de relações étnico-raciais ou de Relações raciais ou de etnias?

Teve alguma disciplina quando eu fiz as outras licenciaturas, mas na minha primeira não, apesar de os professores terem trabalhado **muita questão cultural e étnica mas com relacionada à cultura mas não que tivesse uma disciplina para permitida não na minha época não, é uma perspectiva necessária né tem aí teve que depois ficou a lacuna na sua te buscar sim e não ficar só na abordagem com relação a Negritude era sempre a partir da escravidão mesmo.**

E teve algum debate projeto assim, um seminário ou um debate que envolvesse essas questões na sua graduação ou nas outras licenciaturas também que você fez?

Um projeto sistemático com produto final alguma coisa assim bem sistematizada bem de metodologia mesmo não, infelizmente não. Essa formação a gente foi adquirindo na prática mesmo né nas formações que nós tivemos com os professores as escolas vão para a secretaria de educação de São José.

Quais foram as outras licenciaturas que você fez?

Eu fiz história e geografia pedagogia, terminei recentemente filosofia e fiz duas pós.

Mas você fez alguma pesquisa nesse caminho de pós-graduação Stricto Sensu sobre as relações étnico-raciais?

No decorrer da pesquisa para o mestrado a gente tinha um uma ideia sobre quais questões que poderiam aparecer durante a pesquisa sobre a violência escolar e a questão racial apareceu muito foi muito forte e não só a questão étnico-racial mas a questão religiosa quando relacionada a questão étnica então apareceu foi foi muito forte foi uma das mais fortes que apareceu na pesquisa. Nossa e é uma outra área né que tão pouco pesquisada né a violência religiosa pela nossa e também a violência religiosa né como precisa pesquisar mais sobre isso mas interessante.

Você considera a temática relevante?

Eu sempre considerei extremamente relevante hoje mais do que nunca hoje eu acredito que tem aqui tá em pauta em primeira pauta porque o racismo ele sempre foi extremamente presente no Brasil em todas as relações em todas as instituições e outra hora eu dizia que era de forma velada nenhum Brasil existe um racismo pesado e tudo mais é velado hoje eu já não digo isso ele é um racismo escancarado né E se antes a questão de alguns anos as pessoas se sentiram assim era vergonhoso ser racista hoje alguns eu coloco isso como é status as pessoas se dizem racista a gente forma a cinta e não tem vergonha mais disso Isso é aberto né tô mais do que nunca

Precisa sim ser trabalhado Apesar de que hoje eu percebo que está mais intimidador você falar dessas questões tá dando mais medo de falar mas isso mesmo precisa ser trabalhado quando eu comecei a pesquisa foi bem no ano passado é que teve o George Floyd tinha acabado de começar a pesquisa. Nossa mas e aí as pessoas como você disse muito se aproveita o mesmo dessa situação para destilar o resto do ódio que tem e aí as pessoas ficam olhando torto.

Por falar em racismo e em atos de injúria racial ,de preconceito racial você já sofreu alguma atitude ou algum ato nos seus espaços que você ocupa escola-família Universidade igreja você já sofreu alguma atitude racista?

Eu acho que você falou todos estes que eu já sofri Então essas mesmas escola família igreja já só que eu Juliana estava refletindo um tempo atrás eu participei de uma live né uma mensagem para nossa escola mas graça de menina fazendo faculdade e daí na época da consciência negra ela fez uma live e a professora queria que eu participasse e durante assim a Live me senti Branca Por que fala do colega olha não é o seu lugar de fala né. Nossa me senti mal porque daí tem esse essa questão do julgamento a cor da pele se o preto é preto mesmo ou é mas claro, e daí nesse nesse dia eu falei meu Deus do céu eu fui colocada numa situação meio de de pensar mesmo né Eu e daí eu fiquei reparando Será que todos os momentos que eu sofri racismo eu tive consciência de tava sofrendo racismo não faz tanto tempo que eu venho refletindo sobre os momentos da minha vida que eu percebi o racismo então não hoje eu sei que eu sou muito mesmo porque só eu e minha irmã somos negras criados em famílias de branco então era o racismo era tão presente e era muito natural para a gente era brincadeira o racismo hoje quando eu reflito. E às vezes eu me pego isso a meu favor eu esses dias conversando com essa mesma estagiária ela me dizendo que uma professora conversou falando com ela dizendo que ela era muito arrogante que ela era uma menina inteligente só que ela tinha que tomar cuidado com a empáfia dela que ela era uma menina um pouco arrogante daí ela conversando comigo aqui porque que o seu arrogante porque eu discordei dela e de forma inteligente eu discordei dela daí me fez refletir sobre essa questão do racismo né não se espera muito da gente não se espera da gente não se espera que você questione não espero que seja inteligente então eu percebi assim que do Meio profissional muito forte racismo ele é muito forte ele é ele é forte de uma forma que as pessoas não percebem que estão praticando esse racismo principalmente nessa questão de esperar pouco né Então tá bom para mim é proveitoso porque às vezes eu faço pouca coisa e sou muito parabenizada nossa mano você foi demais nossa que máximo não foi não foi Foi eu o normal do que aconteceria ali numa equipe de trabalho mas essa é uma das formas de racismo que eu percebo né eu sei do meu valor sei que eu crio sei que eu trabalho bem mas eu sei que as pessoas não esperam né numa palestra numa Assembleia que você se pronuncia que você se saia bem: Nossa como ela sabe tudo isso eu também sei tudo isso é então eu vejo isso muito forte aí eu senti isso muito não sei familiar mas no meio profissional também e no meio profissional Júlia não vejo

que é gritante por exemplo algumas de confiança também escolhas que são feitas e eu percebo que são feitas na maioria das vezes as pessoas brancas né e não precisa fazer muito basta você se vestir de um jeito padrão e você é branca e tem um diploma e daí eu percebo também que esses lugares eles são tem poucas pessoas negras apesar da minha profissão de ter uma profissão considerada de pessoas mais pobres né que os mais pobres têm mais acesso por tantas pessoas negras seriam mais acesso Thomas Temos bastante gente negra que estão se formando as licenciaturas mas você não encontra nos Cargos é de confiança você não encontra essas pessoas então eu considero que é muito sério outra coisa é que já falando seleção profissional para avisar né eu lembro uma uns dois anos um ano e meio 12 anos que nós fomos fazer uma exposição em parceria com arte sobre questões étnico-raciais bem bacana que aconteceu na rede ele com professora falou assim olha essa coisa de negro é com a Djamilia, ela que gosta dessas coisas ai meu Deus então é muito pesado é muito forte essa questão na no meio que eu trabalho e as pessoas iam meio que discutir isso é meio que fala disso mas que é extremamente racista já te como se não pertencesse não é conhecer outra cultura não fosse também dever da outra profissional né buscar de compreender e respeitar e valorizar uma careta na hora que você falou desculpa não mas é muito sério porque eu fico pensando assim que são esses profissionais que eles estão nas escolas a minha escola tem poucos negros uma escola de Periferia minha excelente escola com esse alto de aprendizagem ela fica na periferia grudado ali na no antigo Pinheirinho faz dívida para uma quadra do Campo dos Alemães e temos poucos negros atravessando Avenida a gente tem o Edgar que a maioria é negra então fico pensando assim que esses profissionais eles estão na sala de aula né e os poucos negros da minha escola como que ele se sente né em termos de representatividade e tudo mais é forte eu vejo de forma pesada Por isso que eu digo que é mais do que nunca é necessário refletir não sou nós negros mas as pessoas brancas tem que refletir o seu papel porque não sou uma questão da cultura não é uma questão do lugar no mundo de identidade de economia de oportunidade né de cuidar de mim né tá falando para você responder certa forma.

Considerando que você se autodeclara Negra entende-se aqui pretos e pardos, você já trouxe até um pouco nessa sua resposta qual é o caminho para que a gente encontre essa equidade racial de oportunidades e essa igualdade?

Eu lembro que nessa live a pessoa que estava ela me fez refletir bastante sobre essas questões quis dizer assim que ele não acreditava que a escola fosse um caminho nessa questão não acreditava porque escola, a gente sabe disso, a gente sabe que ela é produtora e reprodutora do sistema a própria organização da escola a gente olha conselho para mim deveria fazer uma pesquisa sobre conselho escolar porque a gente olha assim os alunos que ficam para conselho que depende de ponto para passar de ano os alunos que vão reprovar raramente eles não são negros raramente não são pardos é uma raridade então só isso já mostra o quanto a escola é um lugar terrível ele é terrível de exclusão de rótulo né, é um território de disputa então as discussões

na escola têm que estar presentes para que haja uma inserção social então precisa mais do que nunca de uma política pública. Outro ponto que eu acredito é que não é uma discussão só dos negros né isso eu falo o tempo todo em sala de aula e eu falo isso o tempo todo com meus colegas não é uma coisa que você negar que temos uma história aí do Brasil, 400 Anos de Escravidão do povo indígena do povo negro então quando eu coloco na lousa para os meus alunos eu falo a gente eu nasci em 1969 então e 1969 que significa que o meu bisavô era escravo ele tá professora então vocês estão entendendo o que eu tô falando gente então essa realidade precisa ser aproximada dos meus colegas professores e os estudantes porque quando uma aluna por exemplo ela me disse olha a professora é complicado eu sou branca o meu pai é negro e ele fala que essa questão de racismo é mimimi então foi puxa tem que discutir tem que trazer. Eu acho que o caminho é esse essa reflexão constante da gente não se deixar intimidar porque é pesado eu falo como professora mulher negra é muito pesado como colega falar essa questão de preconceito de preto, ou quando os meus alunos eles não tem essa representatividade dentro da escola então eu acredito que o caminho é esse mesmo trazer essa reflexão de forma bem aproximada bem aproximada não uma coisa não sei se a palavra é essa mas romantizada e toda vez que traz a questão da negritude para sala de aula falando de escravidão Então acho que esse tema não tem como não falar, realmente são 400 anos de escravidão no Brasil mas quando a gente traz dessa forma para sala de aula dá impressão que todo negro já nasce com gema e arrastando corrente é como se tivesse geneticamente dizendo Olha só o inferior, mas trazer um âmbito maior é o que foi a África que foi nos grandes impérios né quem é esse povo de onde nós viemos né para começar a sair não só da questão da escravidão.

E aí você já falou um pouquinho, mas você falou bastante de Educação Básica do papel do professor lá na sala de aula e na universidade, qual papel da academia?

Eu fico pensando assim que os os meus colegas eles passaram para Universidade, que tipo de narrativa foi trazer para a escola né, para essa Universidade dentro da academia né porque é desesperador eu fico imaginando esse meu colega e uma criança ouvindo né Em qual criança que vai querer ser preta porque se toda a história que traz para a sala de aula mas pode sofrimento de horror de inferioridade então e eles pensam assim né porque se trata um outro colega dessa forma com esse olhar individualidade né no caso da nossa amiga lá extremamente poderosa maravilhosa que é essa moça. É porque ela tem ponto de vista porque ela defende que ela acredita então ela é uma menina cheia de empáfia ela era arrogante porque ela pensa né cara inteligente então fico imaginando que academia ela tem responsabilidade nessa reprodução de preconceitos e estereótipos porque eu sou tá sendo formado aí eu não adianta falar assim ai cada cada estudante da Universidade vai desenvolver um projeto eu acho que que é importante mas é pouco e quando vocês vão desenvolver projetar vocês vão falar da cultura negra da contribuição dos negros para o Brasil e daí dia da consciência negra daí todo mundo dança e a capoeira é muito maior que

isso é muito maior do que está muito mais profundo aqui nós estamos falando de comida de lugar na sociedade de acesso de política eu tô falando de política não é só de. Não tô dizendo que isso é inferior que isso também não é importante mas a discussão tem que ser muito mais profunda na universidade mas muito mas muito mais mesmo não dá para sair falando da negritude a partir da escravidão e da capoeira e da feijoada é que tais palavras fazem parte da Cultura tem discutir outras coisas por que os negros não estão na faculdade Porque que a maioria negra na periferia porque que nem professor da Escola Básica que a gente consegue encontrar os bancos lá os meus colegas não são negros Por que que não tem medo não mestrado são poucos. Eu lembro que quando eu fiz com Carneiro era só eu só tinha eu e olha aqui né

Já estamos quase acabando nosso rico bate papo - o que você entende por uma Educação Antirracista?

Puxa vida é difícil hein Essa é difícil toda vez que eu vou falar sobre isso eu fico bastante insegura com relação a essa resposta há pouco tempo eu achava que se a gente trouxesse a história da negritude a parte lá da África tudo mais mas não a partir de uma África arrasada né mas de uma África poderosa rica de onde teve as primeiras civilizações né eu tô desenvolvimento humano. A partir dessa África eu achava que nós estaremos fazendo aí um trabalho bem interessante na educação anti-racista porque nós teríamos uma mulher positivo sobre a Negritude a grande contribuição na história da humanidade e não esse olhar tão imperativo e negativo que a gente tem para Negritude e que essa visão positiva empoderada maravilhosa passaria Pelas nossas crianças então eles não teriam essa ideia de a minha origem origem a origem de escravo da broto do quintal com algemas e correntes e daí eles não vão querer se identificar essas crianças não vão sentir pertencimento nesse tipo de imagem então a minha concepção de que uma educação anti-racista começa por Gerais identidade neném Gerais identidade mas trazer essa visão positiva né sem tirar a questão histórica da escravidão que aconteceu é real e que hoje ela marca todos as instituições no Brasil. Toda a realidade brasileira era muito mais muito marcada pela escravização que aconteceu no nosso território mas também ampliar esse essa visão esse olhar a cultura o empoderamento a beleza trazer essa discussão para dentro da escola isso para mim na educação antirracista não ficar só na questão aí a contribuição da Cultura né é muito estranho porque algumas coisas no Brasil que parece que não é dos negros né nosso até que ele disse a Sofia então quando falo da feijoada aí quando fala do rap e daí fala da capoeira e de Nossa Senhora eu acho tão legal né porque bota um monte de manhã tu esquece que é pretinha imagem e daí deixa eu ir aí não tem preconceito quando falo dessas coisas né mas quando na hora de reprovar um aluno negro ninguém tipo meia né Na hora não se discute Por que que não se não se tem negros em algumas escolas municipais São José dos Campos por que que não se tem a porque ele tem que ficar próximo à sua residência dele a favela então escola dele vai ser aquela o pior índice e sem essa escola ele não vai conseguir ter acesso aos outros espaços de poder então é estruturalmente a sociedade se organiza para

deixar Negritude no lugar de exclusão e essa reflexão na minha opinião tem que ser feito dentro da escola por brancos e negros isso para mim seria uma hoje pode ser que amanhã eu penso mais coisas sobre isso hoje para mim seria uma educação antirracista que vai além de falar da África vai além de falar de cultura é falar de estrutura Econômica social política no Brasil joia

E caminhando para o finalzinho da nossa entrevista pensando no grupo de discussão, como você acha que pode contribuir?

Eu penso que nos últimos tempos eu tive contato com bastante gente que faz a discussão étnica né mas eram pessoas brancas e que me ajudaram muito nessa busca da identidade né que eu falei para você que eu fui criada por brancos e todo dia uma pessoa perguntou né a gente descobre negra é todo dia mas é uma descoberta mesmo porque o tempo todo tá tudo nosso redor e a gente não consegue enxergar não consegue perceber o que está acontecendo mesmo então e sempre foram as pessoas brancas que me deram esse toque que teve discutindo racismo e questões sociais Foram poucos os negros que eu encontrei nessa caminhada que faz isso essa discussão, eu entendo perfeitamente o que que acontece com a gente né porque como eu disse antes é preciso coragem quando um branco faz a discussão do preconceito ele não é atacado mas quando negro discutir preconceito ele atacado cada uma negra discutir ela é atacada na hora vocês vão assistir é vocês que fazem com que aconteça essa divisão é todas as vidas importam mas bobinada toda a gente como pessoa negra a gente ouvir isso né então não é fácil para fazer essa discussão Mas é uma coisa que tem em que estado nós negros precisamos ir para esses territórios escutar esses territórios né é necessário que a gente traga essa argumentação também então talvez isso é uma coisa ser discutida quando eu coloquei isso em outros momentos eu tive a impressão que eu não fui compreendido eu não soube colocar mesmo que dá impressão mesmo que a gente ao falar isso eu estou ocupada visando os negros nós negros porque a discussão da acontece a coisa não rende mas não é não é não é isso que eu tô querendo te dizer eu tô dizendo assim que a gente liga e repertoriar e a gente tem que começar a discutir e e fazer um enfrentamento mesmo porque não vai ser uma coisa tranquilo não é tranquilo não é fácil acho que você está bem melhor do que ninguém do que eu tô falando que você tá numa secretaria uma pesquisador tá numa área de discussão acadêmica de produção de ciência e é um território que dominado por brancos então é intimidador mesmo é intimidador quando a gente começa a discutir as pessoas elas tornam-se até agressivas Então eu acho que é uma coisa e agora mais mais do que do que nunca dá impressão assim que a gente avançou um pouco e que agora estamos empurrando para trás e nos empurra com violência Então eu acho que essa é uma discussão para fazer talvez.

Obrigada pelas suas contribuições. Até o nosso grupo!

G. EGRESSO LUIZ GAMA

Para começarmos, a primeira pergunta é para você confirmar sua autodeclaração. Como você se autodeclara?

Eu me autodeclaro preto, mas eu vou falar a verdade, eu nunca precisei comprovar, as pessoas até duvidam.

E a nossa segunda pergunta, é porque você fez mestrado profissional em Educação?

Sou professor de história Né, então queria uma especialização na área Educação na verdade o estudo sobre a educação, então eu vi no Mestrado, uma oportunidade de me aprofundar.

E olhando para sua trajetória na Educação básica, quantos professores e professoras negros você teve?

Olha eu estudei no Rio de Janeiro, particularmente eu não me lembro o nome dela agora, mas era uma em uma escola que se chamava Nossa Senhora do Rosário eu tive apenas uma, que eu me lembrei rapidamente.

E no Ensino superior e no Mestrado depois superior e depois mestrado quantos professores negros ou professoras negras você teve?

Não tive também.

Na sua primeira graduação você teve alguma disciplina, projeto ou debate sobre relações étnico-raciais?

Além do fato de não ter a disciplina, tiveram alguns projetos e ações pontuais em novembro, mas é uma coisa que você percebe que não é do conteúdo programático da disciplina né pessoal assim uma iniciativa pessoal do Professor. Eu fazia parte de alguns grupos, que eu sei que foi a gente usou iniciativa da Universidade Foi um acordo do centro acadêmico APEOESP

Você já desenvolveu ou leu alguma pesquisa na temática das relações étnico-raciais?

Não, nunca fiz e li muito pouco.

Você considera que essa temática é relevante para ser discutida na academia?

Acho que ela é relevante e pensamos pelas pessoas que eu encontro na escola professores que eu encontro mais novos que eu e ainda é uma lacuna, então para

you a gente precisa discutir mais isso não Universidade nos espaços de formação na formação de professores em especial acho que é necessário falar sobre isso você comentou um pouquinho que você não nunca precisou se autodeclarar não é uma coisa aqui e é cobrado mas você já se sentiu ofendido.

Você já sofreu alguma atitude racista nos espaços sociais que você ocupa escola, família, universidade e igreja?

Então assim eu te vi esse tipo de experiência principalmente da Universidade né, batida policial tipo de coisa que existe uma, mas assim do ambiente da cidade da escola da Universidade nada atrelado a questão racial.

Você considera que a gente vai conseguir encontrar um caminho de equidade racial para oportunidades e para igualdade social?

Nós tivemos um retrocesso nos últimos anos né mas mesmo assim eu acredito Uma Manso né a gente fala de coisas hoje que a gente não discute 10 anos atrás né acho que a gente tem avançado retroagindo sou um pouco mas eu acredito que isso vai passar e que a gente continue avançando acho que a educação é algo primordial nesse sentido acho que a mídia de certa forma tem entendido um pouco esse movimento não por questões políticas e ações comerciais também que são importantes.

Como você vê o papel da Universidade nesse movimento da luta antirracista?

A Universidade tem papel primordial de aprofundar nessa discussão e não permitir que o racismo seja algo natural, então eu acredito que o papel é justamente esse né transformar isso em alguma coisa de uma política específica para isso já é óbvio que já devia ter né se você precisa da política do que ainda não existe uma uma sinalização disso né e acredito que nada no caso específico da formação de professores e tu devia ser mais mais forte ainda.

E o papel do professor no chão da sala de aula?

O professor precisa de formação na universidade para criar estratégias e atividades antirracistas, mas para isso tem que vir à formação e o acompanhamento da prática docente.

Pensando no grupo de discussão, no que você acredita que você pode contribuir?
Acredito que possa contribuir com minhas vivências na prática, no chão da sala de aula.

Obrigada pelas suas contribuições, até o grupo.

APÊNDICE VIII

Transcrição do Grupo de Discussão

Gravando...Vou compartilhar uma telinha com vocês!

Uma musiquinha para começarmos a noite!

Eu quero começar agradecendo vocês que aceitaram o convite de participar da nossa pesquisa!

Hoje nós vamos realizar o grupo de discussão o tema da nossa pesquisa são as relações étnico-raciais na Perspectiva do ingresso do mestrado a educação como mecanismo de transformação social a sua professora Juliana Oliveira e a minha orientadora que está aqui conosco também professora Juliana Marcondes Bussolotti a quem também só posso agradecer!

Eu achei que esse grupo de discussão não fosse sair, mas saiu graças a ela e graças a todos vocês também!

Hoje o movimento do grupo vai ser um pouquinho dessa análise dos dados com vocês e algumas perguntinhas no caminho, mas se desejar interromper fazer alguma argumentação complementar por favor fique à vontade, que é uma conversa mesmo para gente só ampliar e aprender mais do que eu já venho aprendendo com vocês.

Então para começar eu vou falar um pouquinho desse caminho da pesquisa. Tudo começou no processo da construção da minha identidade enquanto mulher negra enquanto professora negra, inclusive Neusa Santos ela sempre diz que a gente não nasci Negra a gente se torna negro ao longo da nossa caminhada da nossa liberdade ao longo da nossa inserção na sociedade muitas vezes um pouco mais doloroso, outras vezes, não, mas para chegar a sua pesquisa foi um movimento realmente de processo de construção de identidade e as crianças me ajudaram muito nesse caminho, os alunos me ajudam muito a reconhecer a importância que tinha essa representatividade na vida deles e na minha vida. A pesquisa vem de dentro pra fora.

Questões para aquecimento

Eu quero saber de vocês: e o seu caminho? Quem é você? O que te trouxe ao mestrado? Como foi um caminho de muitas dificuldades não foi um caminho de muitas dificuldades?

Posso começar?

Tereza de Benguela - Na época eu sempre tive uma vontade né, de fazer continuar, né que a gente na verdade nunca para, mas algumas amigas disseram que iam, e aí eu falei nossa uma oportunidade , pegar carona, tinha filho pequeno aquela coisa toda né, função nova, e aí falei não ou é agora ou não vai! Foi o que mais me motivou - ter

outras pessoas no mesmo caminho.

Muito bom, você considera esse seu caminho teve muitas dificuldades? Quais foram as dificuldades?

Tereza de Benguela - Olha eu acho que dificuldades sempre a gente tem né! Acho que tudo quando a gente fala que a gente imagina foi fácil né acho que é difícil encontrar alguém que faça, espaço, e a minha maior dificuldade é que eu sou muito família, gosto de estar com os parentes, parece besteira, mas o fato de ter que abdicar de algumas coisas, de fazer, priorizar né! Eu acho que isso para mim foi muito difícil! Chegando na parte da pesquisa, a gente acha que não vai dar certo, muitas leituras, muitas possibilidades, e de repente vem aquele gás, vários altos e baixos e essas mudanças na pesquisa foi uma das minhas maiores dificuldades no no mestrado mas, no final deu tudo certo graças a Deus.

Beatriz Nascimento - Eu concluí o mestrado esse ano né e para mim aqui me levou mestrado assim também a companhia né os colegas como ela falou, eu também tive um incentivo do meu esposo que falou: - não aproveita esse momento que eu posso te ajudar nas coisas de casa né e eu tenho dois cargos no estado na prefeitura uns 40 horas outro de 12 horas, eu falei - eu vou estudar de madrugada né então foram madrugadas e finais de semana então acho que a maior dificuldade foi dar conta de tantas leituras né, porque ainda assim eu tinha que preparar aula, ainda assim eu tinha que ter para formação de professores né, então acho que essa demanda foi bastante cansativa e intensa porém, eu acho que aproveitei tudo que eu fiz na faculdade! Eu aproveitei tanto nas formações dos meus professores como também na prática na sala de aula, que eu mudei muita coisa na prática da sala de aula e como eu sou nordestina, migrante, mulher, eu acho que vários elementos da minha identidade faz com que o percurso da gente seja um percurso de luta mas que ao mesmo tempo seja de conquista a Ju, as duas Juju né (risos).

Eu acho que o percurso que a gente faz, principalmente no universo da educação por ser mulher, é um processo muito frequente de mutilações, mas, assim como as plantas passam por mutilações né, a gente brota e talvez mais forte do que a gente estava inicialmente! Então eu hoje eu vejo que esse percurso que foi difícil e dolorido, mas hoje me dá uma certa confiança, a gente tem mais embasamento eu vejo que a gente olha para sala de aula diferente.

Eu fiquei muito surpresa, porque eu procurei o mestrado profissional eu achei que ele seria mais tranquilo né, mas não foi isso, né porque a gente tinha uma paulada de atividades para fazer, o que nos fortalece muito e aprendi muito com esse percurso acho que é isso!

Djamila Ribeiro - O que me trouxe o mestrado foi assim, primeiramente o sonho do aprendizado né, de você querer conquistar sempre mais então a gente vai galgando devagar os nossos desejos, ser professora era um sonho de menina né, novinha

depois de fazer Educação física, fui fazer História, Pedagogia e era era uma professora é melhor cada vez melhor para os meus alunos - cada coisa que eu fazia, esse era o objetivo!

O percurso difícil, porém, com muita gente, cheia de experiência para a gente conseguir vencer cada obstáculos. Tudo começou na plataforma lá que a gente não tinha manejo, os momentos de se dedicar a leitura, então foram muito sábados, domingos noites né sem dormir mesmo, mas valeu muito a pena tudo isso porque foi assim um aprendizado muito bom, também a questão de deixar a família um pouco de lado mesmo, mas quando a gente tem os nossos objetivos nossos sonhos nossos desejos a gente tem que ir priorizar. A gente até brincava né, que o marido em casa falava assim: eu preciso falar com você, e a gente respondia, eu já preenchi o formulário Google (risos).

Pesquisadora - Análise coletiva dos dados

Continuando aqui a nossa apresentação de dados para vocês, a pesquisa foi desenvolvida na perspectiva interseccional, então até o momento em que a gente foi realizando as entrevistas, o processo de autodeclaração, a gente sempre considera como o participante traz gênero raça e classe. Hoje a gente tem a honra de estar aqui com quatro mulheres professoras, então é importante a gente olhar para esses dados dos nossos lugares e de como a gente também se vê nesse movimento, e assim a gente vai construindo formas de realmente mitigar as opressões que a gente vem enfrentando então é nessa perspectiva que a gente vai olhar os dados. Vamos lembrar o caminho de metodologia: começou com formulário de autodeclaração como que vocês entendiam as relações étnico-raciais, é isso, pode ir mudando né o nome que a gente vai estudando isso vai mudando também uma análise de conteúdo das pesquisas de vocês então eu fui um pouquinho na temática das pesquisas fizemos um levantamento que cada um estuda um pouquinho e aí fizemos uma entrevista e hoje estamos aqui para discutir a importância das relações e o caminho para gente construir uma educação antirracista que realmente a gente combata as diversas formas de discriminação. O formulário foi enviado para 91 ingressos, obtivemos 44 respostas. Pelo formulário, já foi possível perceber o estigma da concepção de raça, considerando a raça estritamente biológica, outros mais social e ficou esse paradigma são percepções muito diferentes das relações étnico-raciais e ao longo da pesquisa eu fui fazer esse movimento a própria história do movimento negro, das legislações da 10.639/03 e 11.045/04. Dos 44 participantes, 11 se autodeclararam negros, sendo 8 pardos e 3 pretos, 32 se autodeclararam brancos e 1 se autodeclarou amarelo.

A partir desses números e olhando também para o ano que vocês estudaram - ano que vocês fizeram mestrado como que era essa a representatividade, essa ocupação? Havia esse movimento de autodeclaração? Os grupos discutiam sobre isso?

Djamila Ribeiro - Olha eu acho que as pessoas confundem um pouco aí, eu acho que

eles se atrapalharam na questão de parda e branca, entendeu, assim eu acho que a maioria do nosso grupo é parda, mas enfim também não sei se eu estou certa, eu acho que as pessoas se atrapalham muito nessa questão né. Nós somos uma miscigenação, assim então somos em maioria é parda.

Beatriz Nascimento - Então, essa questão do colorismo né, eu acho que ela dificulta muito a gente falar sobre isso porque é muito desconfortável você se identificar com algo que a sociedade apresenta como negativo né, porque quando a gente vai falar do negro na história né, tem mudado é claro, mas assim de forma geral é a abordagem do escravo, então uma das coisas que eu tenho trabalhado muito com os professores e com os alunos também é usar o termo de escravizado para desnaturalizar essa ideia de que a escravidão é algo que já está impregnado na pessoa negra e aí trazer elementos que contribuem para que a gente tenha uma de Formação afirmativa sobre as nossas origens, sobre o continente Africano, falar sobre os reinos, as tecnologias os processos que são utilizados como a cultura é passada por esse povo, então eu acho que quando a gente diz construir um pouco esse nosso olhar que está que que faz com que a gente utiliza e aborde a questão do racismo estrutural aí eu acho que a gente vai ter mais facilidade para se identificar como negro no Brasil. A gente tem essa coisa mesmo da miscigenação, então eu olho para minha mãe a minha mãe tem o tom de pele com maior quantidade de melanina e meu pai Branco dos olhos claros né e eu sou essa mistura que no meu na minha certidão de nascimento tá escrito XX então o que que eu sou? Então assim, é complicado para eu chegar com uma criança né e eu tô falando lá da escravidão e falar você percebe que você é negro, poxa mas eu venho do escravo né então eu acho que esse processo é um processo lento mas eu acho que a gente vai conseguir mudar isso, só que para isso a gente precisa mudar um pouco essa perspectiva de como o continente africano é trabalhado na escola, de como negro é apresentado, mas de forma nenhuma a gente pode esquecer por exemplo dos números dos dados estatísticos que comprovam de quanto o acesso é negado para quem é de origem afrodescendente, então a gente não pode esquecer nem dos índices de pobreza e nem dos índices carcerários e até lembrar que teve um período da história em que os indivíduos que não tinham carteira assinada eles eram presos por vadiagem, e aí a gente entra principalmente número de pessoas afrodescendentes né, a prática da capoeira era proibida então a gente traz todos esses elementos que comprovam esses dados estatísticos né e aí a gente vê qual é o lugar desse sujeito invisível né porque quando a gente fala do lugar que o outro ocupa né, é para gente pensar como esse outro se identifica né.

Tereza de Benguela - A Chimamanda, quando ela veio aqui no Brasil ela disse que ela foi no restaurante e aí as pessoas brancas dizem que aqui não tem racismo né. Os negros aqui que eles são 56% da população que não estão nesse restaurante né, então aí a gente vê qual é o lugar que ocupa né eu falo muito que a Senzala ela não existe fisicamente instituída né mas a Senzala é para onde as populações vulneráveis foram encaminhadas né então a gente tem que pensar eu tenho que falar dos

aspectos positivos, mas eu não posso negligenciar as ausências de políticas públicas para inserção do negro na sociedade, então eu acho que isso tem que ficar muito claro né porque eu tenho aluno negro na escola que coisa eu vou falar de políticas afirmativas ele fala que ah mas a pessoa tem que querer mudar a vida e aí eu sempre falo para ele tá bom você vai numa festa você tá lá no térreo você vai subir 10 andares pelas escadas e tem um cara que tá no sexto andar vai subir de elevador quem que vai chegar bem nessa festa é você né, Pensa bem do que que você tem acesso né então também essa coisa de as pessoas olham e falam assim: - ah mas é cada um vai corre atrás do seu sonho mas, nem todo mundo tem as mesmas oportunidades né, eu vejo uma periferia que eu tenho muitas colegas que não consegui nem terminar o Ensino Médio ficaram grávidas no meio do caminho mas elas fizeram escolhas não é só isso né tem muito mais por trás disso e a gente não pode negligenciar isso quando a gente fala dessas questões.

Beatriz Nascimento - Nós precisamos entender que a cor da nossa pele nos dá privilégio né, temos vários tons de pele da pessoa preta e quanto mais retinta a pessoa é, mais preconceito e mais dificuldades ela enfrenta. E aí eu fiquei olhando né que você utilizou a definição lá do IBGE - olha que estranho né os indígenas né, até a gente não usa mais a denominação índia né a gente usa povos originários. E aí tá falando ali de áreas quilombolas né, tudo bem, os indígenas também foram para essa localidade, mas a grande maioria são afrodescendentes, pessoas que foram e que depois fugiram e foram formando os quilombos né, e hoje é tudo uma questão de querer destruir essas áreas de construir outras.

Pesquisadora - Análise coletiva dos dados

E aí compartilhando aqui com vocês as percepções das relações étnico-raciais quando perguntei para vocês, egressos, a maioria trouxe a questão da diversidade - a palavra que aparece aqui é *raça* também, a expressão étnico-racial ainda é muito desconhecido né, quando a gente fala *raça* as pessoas reconhecem mais a palavra cultura também e a palavra Negra/Negro, apareceu muitas vezes, muitos ainda pensam que as relações étnico-raciais é uma perspectiva estritamente do povo negro, pensar nas desigualdades de forma interseccional é papel de todas as pessoas. E aí a gente vai falar das questões principalmente nessa questão do racismo estrutural e o silenciamento dessas questões.

Questões centrais

Vocês podem confirmar para mim a autodeclaração de vocês e compartilhar como é esse movimento identitário pra vocês?

Djamila Ribeiro - Eu sou parda também parda, muita gente acha que não sou e que

não deveria ser, mas eu me autodeclaro parda.

Beatriz Nascimento - Eu tenho a pele muito branca né, poderia passar por branca com muita facilidade. Mas, pela minha origem, pela minha mãe, uma mulher negra, nordestina, eu me classifico parda né e eu tenho orgulho - no meu trabalho de pós-graduação falei sobre as ganhadeiras né, do Nordeste e era exatamente porque eu pensei muito na minha mãe, que veio de lá e se tornou uma doméstica em São Paulo - as ganhadeiras tinham um papel extremamente fundamental na período da escravidão porque elas passavam informações, elas conseguiam arrecadar dinheiro para alforria - era mulheres assim ó, eu fico até arrepiada só de falar.

Tereza de Benguela - Eu me autodeclaro preta. Quando você começa a estudar esse e ver como que é a resistência negra a gente vê como se mantém vivos vários elementos da cultura negra, isso é fundamental para a gente ver o quanto foi forte esse movimento e o quanto a gente tem essas contribuições né.

Pesquisadora:

Obrigada, meninas!

Preta Rara tem uma frase no seu livro, “Eu, empregada doméstica” em que ela diz: “o quarto da empregada hoje é a Senzala moderna, ou seja, ainda tem situações de doméstica se tem que usar banheiro externo, que não tem registro, tivemos avanços mas ainda há muita luta para mitigar essas formas de opressão.

Beatriz Nascimento - esses dias eu vi sobre isso, sobre a origem do nome doméstica né, que eram aquelas mulheres escravizadas que eram trazidas para dentro né do ambiente familiar e a ideia de domesticar como animal sabe, assim é muito sofrido, e aí a gente reproduzir essas palavras né continuar utilizando esses estigmas eu acho que a gente precisava repensar isso também, entendeu eu não sei se isso também vem como uma forma da gente de Resistir né, mas também uma forma da gente talvez mudar, as pessoas pararem de falar que é mimimi mas não é mimimi sabe eu acho que são coisas para gente pensar o quanto isso dói ainda.

Tereza de Benguela - Apesar das leis, a gente ainda tem os resquícios né ou no menino Miguel que caiu do prédio - a gente não vai ser mais domesticados né mas não vamos viver nessas situações de subalternidade então é aí que entra o papel da educação.

Pesquisadora - Era exatamente nesse ponto que gostaria de ouvir vocês: qual é o papel da educação, especialmente na pós-graduação. Na entrevista houve um relato de uma participante da pesquisa: “quando cheguei na graduação, a primeira coisa que fiz foi observar o ambiente, no mestrado também e ela se via sempre sendo a única negra, no máximo duas pessoas.

Beatriz Nascimento- a gente precisa falar disso dentro da escola , sendo parda, como eu disse, as pessoas me veem como branca, eu nunca sofri racismo mas com relação a ser mulher diversas vezes a gente sente que a pessoa não quer escutar porque você é mulher e muitas vezes também em alguma posição de apagamento a gente carrega isso daí não é tão fácil né como eu falei para você os povos indígenas sempre correta povos originários assim como escravos para os escravizados porque são coisas que a gente vai se apropriando e a partir disso a gente vai mudando também a nossa postura perante essas questões a gente precisa conversar discutir na verdade.

Tereza de Benguela - eu como diretora de escola, a todo momento sou colocada em outra posição, parece inaceitável que eu seja diretora, se tem uma pessoa branca do meu lado o olhar dessa pessoa vai direto para pessoa branca e eu quero falar com a diretora da escola olha para pessoa branca não olha para mim e aí eu na hora que eu falo eu sou diretora da escola - pois não em que posso te ajudar a pessoa arregalou o olho continuou conversando comigo ainda duvidando. Nosso papel é refletir com as crianças e problematizar essas questões.



Pesquisadora: Já estamos caminhando para o final das nossas perguntas eu trouxe uma imagem para provocar vocês e algumas perguntas para gente refletir:

- Vocês consideram que os alunos negros e negras tem mais dificuldade de aprender?
- Olhando para essa imagem do livro em que criança que se identificou com a personagem, qual o impacto na formação dela?

Imagem disponível em <https://twitter.com/oladobomoficial/status/1260916393161228295>. Acesso em 10 de nov.2021.

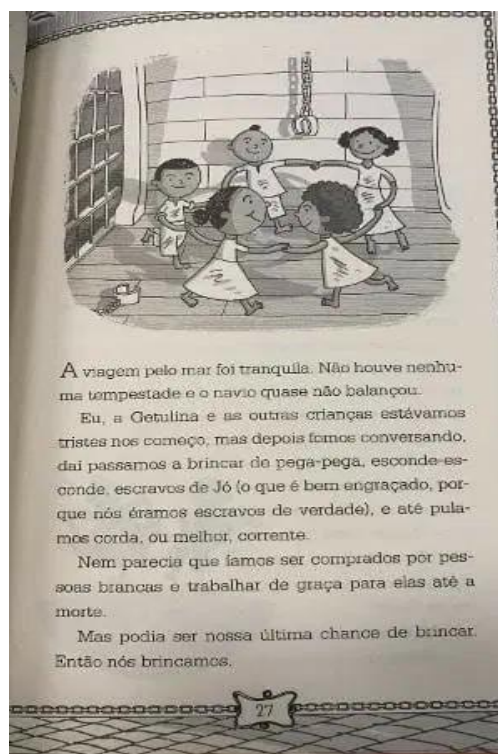
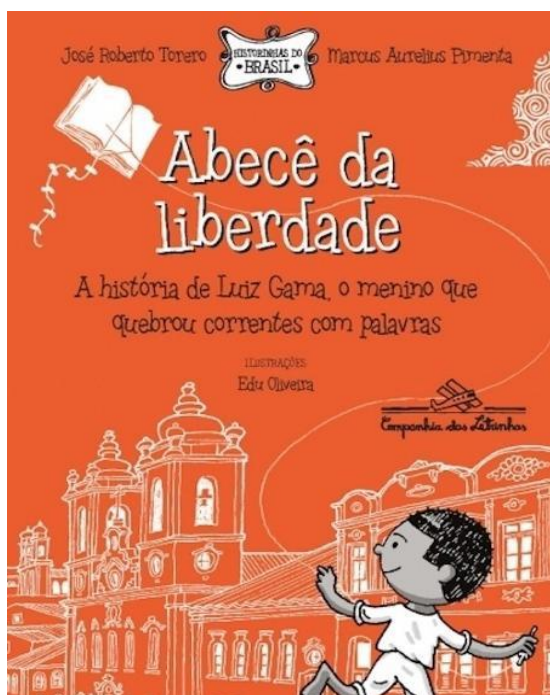
Beatriz Nascimento - Não é uma questão se tem capacidade de aprender ou não, acho que a gente cai naquela questão dos privilégios né, todo mundo é capaz de aprender né, como professora eu acredito que todo mundo tem capacidade de aprender porém quais são os acessos que essas pessoas têm né? Então dependendo do acesso que essa pessoa tem mais dificuldade ela vai ter que mais dificuldades, né eu venho de uma família que meus pais não eram alfabetizados, mas eu tive o privilégio de ter acesso a uma escola.

Djamila Ribeiro - Muitas vezes a gente observa na escola né o tratado das pessoas por mais que a gente acha que não tem preconceito, a gente gosta de tratar todo

mundo igual, ainda tem essa separação ainda, é presente no olhar né aí pobrezinho ele não vai aprender mesmo deixa ele no tempo dele e não oferece recursos para que se para que estas dificuldades sejam superadas né uma coisa que quando eu entrei na coordenação eu tinha na minha sala de coordenadora um pacotinho de biscoito porque até a hora do intervalo muitos alunos vão lá com dor de cabeça e eu vou dou como esse biscoitinho aqui que você já vai melhorar e era fome. Como Maslow né coloca lá na pirâmide e precisava ter primeiras necessidades essenciais supridas para ele poder suprir outras necessidades né.

Tereza de Benguela - Eu tava pensando justamente isso que você falou né, que a pergunta aqui não é sobre a cor da pele, é sobre condição social, sobre o que o racismo estrutural e a desigualdade fizeram - quando a gente tá numa numa escola e que você está inserido numa comunidade mais pobre, mais carente você vai ter o número maior pessoas né pretas ali, as famílias de origem mais humilde a gente a gente vê que isso é uma característica.

Pesquisadora - Para além da representatividade, essa reportagem sobre o livro da Companhia das Letras, o qual foi retirado de circulação que romantizou a escravidão, mostrando situações em que estavam brincando e que eles eram escravos mas que tava tão divertido de pular as correntes! Sobre as abordagens da história do povo negro, no Stricto Sensu e da na Educação Básica.



Imagens disponíveis em <<https://www.geledes.org.br/abecê-da-liberdade-para-deleite-da-casa-grande/>> Acesso em 21 de outubro de 2021.

Tereza de Benguela - Como já falamos, a história do povo negro vai além da questão da escravidão dos navios de volta né a gente eu acho que a gente tá num processo né a gente está refletindo tanto, que o processo não podemos aceitar mais isso, a essa altura do campeonato nler isso, é bem revoltante eu não tinha visto não fiquei bravo agora eu acho que para mim a questão dela ela tá trabalhando questão racial das pessoas falarem que é branca né que é lugar de fala o que eu acho muito legal isso né Eu sou hoje de várias etnias estava falando de um problema que é da sociedade a única coisa que me preocupa com relação a isso dele e é que assim quando uma pessoa negra vai falar sobre isso a sociedade aceita de uma forma né Ai que não sei o quê não sei o quê aí pega uma pessoa branca né digamos assim que não que você seja Branca tá uma pessoa fala e a sociedade tem um peso maior para isso aí eu acho que é preocupante.

Beatriz Nascimento - Eu não vi o livro então eu tô falando assim na pensamento aqui é sobre essa questão do negacionismo que a gente tá vivendo né Isso me preocupa muito né porque você negar que houve a escravidão que houve - a quantidade de mortos no navio negreiro! Vamos colocar a sujeira debaixo do tapete não a ferida só cura se a gente tratar você tem que tratar ela vai estar sempre sendo expostas né.

Pesquisadora: Vocês acreditam que a educação é libertadora? Vocês acreditam que isso aqui que é uma ação para uma educação antirracista?

Djamila Ribeiro - Eu acredito na educação libertadora sim, com certeza, na busca dos seus anseios e seus desejos. Eu fico maravilhada quando eu vejo os alunos assim correndo atrás sobressaindo quando eu vejo aquelas reportagens na televisão Nossa Aquele Menininho lá que não tinha nenhuma perspectiva de vida da favela que conseguiu se sobressair então isso dá uma alegria e a gente para nós também.

Beatriz Nascimento - Vejo bastante professores desenvolvendo nessa relação de cima da cultura história afro-brasileira, dentro das escolas realidade que eu vivi na Sebastiana muito isso e agora também, então assim eu fiquei maravilhada realmente.

Questões de encerramento

E aí eu pergunto a vocês para a gente fechar esse nosso encontro é possível que a gente valorize a diversidade nessa perspectiva da Educação antirracista que a gente não esconda essa diversidade que a gente valoriza a diversidade é possível a gente construir essa educação antirracista desde a educação básica?

Beatriz Nascimento - Eu acredito que a gente tem feito muito por uma educação antirracista hoje já existe um material de estudo, um material didático, né então por

exemplo contos africanos se a gente buscar as nossas escolas a uma até sua materiais que quando eu comecei a trabalhar com essa questão foi exatamente em 2003 quando saiu a legislação, eu fui atrás de curso não tinha quase material então hoje, assim ouvir alguém falar não dá para fazer isso que não tem material já não é mais possível ouvir isso, eu acho que hoje a gente tem muitos recursos que possibilitam essa sensibilidade de trabalhar, mas para isso é necessário que a universidade também aborde essas questões de uma mudança na universidade que o professor saiu da Universidade com condições de trabalhar a temática em sala de aula então a universidade também precisa se preparar para isso quando eu fiz a pesquisa a maioria dos meus professores não tiveram nenhum tipo de ação sobre a temática eles tiveram que buscar fora da Universidade né então esse ato que existe sobre essa questão. Hoje eu acho que já tem mudado bastante o caminho se faz caminhando que a gente não pode estacionar então eu acredito sim que a gente pequenos passos e grandes conquistas né a gente pensar que a lei surgiu em 2003 e a gente tá falando de algo que ainda não foi implantado a gente tem 1 mês eu fiz o levantamento das habilidades que tratam dessa questão depois eu posso te passar dentro de história né na realidade eu fiz o escudo na minha área eu levantei as habilidades que abordam os indígenas. As populações indígenas nas povos originários e também a população negra eu vou fazer um artigo com a Professora Suzana.

Djamila Ribeiro - Eu acredito que vai ter um momento que a gente vai realmente perceber que todos nós somos humanos e temos espaço, então só o fato da gente ter uma inclusão, então agora você está nas escolas e aí vendo um autista produzindo participando da aula a gente ver esse sujeito que eles eram escondidos né eles eram invisibilizados para gente né então ver por exemplo pessoas negras ocupando cargos importantes ver mulheres ocupando cargos importantes eu acho que quando a gente começa a perceber que as ocupações dos espaços e buscar mas eles não estão relacionados ao gênero e a cor da pele aí sim a gente vai estar caminhando para uma sociedade mais justa né.

Tereza de Benguela - Mas, a gente não pode esquecer que a gente ainda tem uma sociedade ainda bastante Colonial e aí a gente tem agora no processo de colonização né que a gente estuda bastante que a gente precisa refletir se as nossas mentes também precisam passar por esse processo de descolonização né. E então acho que é isso eu não gosto de responder eu acho que tem que ficar perguntas abertas para a gente pensar um pouquinho... É possível sim acho que construir né Educação antirracista, mas pensando em começar lá na faculdade com essa formação de professores venham para as escolas preparados né e não só essa questão né a gente acaba esbarrando em várias outras pessoas né, não é só trabalhar na escola, na faculdade, na graduação, na pós, a gente precisa estudar autores negros, aprender a não utilizar as expressões racistas. infelizmente muitos né vem de famílias que já tem essa carga de preconceito, é uma Gangrena social.

Pesquisadora - Quero agradecer muito a cada uma de vocês pela disponibilidade, agradeço também especialmente, a professora Juliana, minha orientadora pela parceria, pela força e pelo movimento do “vai dar certo”!

Djamila Ribeiro - Obrigada, meninas! Esse momento também é muito rico para gente viu! Gostei muito de conhecer vocês!

Beatriz Nascimento - Ah eu também só tenho agradecer! Parabéns pelo seu trabalho, Ju! Eu acho que vai dar sacudida assim na gente e em todos que lerem sua pesquisa.

Tereza de Benguela - Eu agradeço por esse momento muito rico mesmo tá, Juliana! Excelentes reflexões e saio daqui ainda mais mexida.

ANEXO A - OFÍCIO



Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Recredenciada pelo CEE/SP
CNPJ 45.176.153/0001-22

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PRPPG
Rua Visconde do Rio Branco, 210 | Centro | Taubaté-SP
(12) 3625-4217 | prppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 028/2020

Taubaté, 28de outubro de 2020

Prezada Senhora

Somos presentes a V. S. solicitar permissão de realização de pesquisa a ser desenvolvida pela mestranda **Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira**, do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido no biênio de 2020/2021, intitulado, “**AS RELAÇÕES ÉTNICOS - RACIAIS NA PERSPECTIVA DO EGRESSO DO MESTRADO: a educação como mecanismo de transformação social**”.

A pesquisa será realizada com os egressos do Mestrado Profissional em Educação, mediante autorização por meio do aceite do presente ofício, a aceitação voluntária e assinatura de um termo de consentimento pelos participantes. Serão utilizados quatro instrumentos para a realização desta pesquisa: a análise documental pública, um questionário de autodeclaração a ser aplicado para os egressos, realização de entrevistas semiestruturadas e grupo de Discussão. Será mantido o anonimato dos participantes, sob a orientação da **Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussoloti**.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará por análise e aprovação do comitê de ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que podemos contar com sua colaboração, colocamos-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Taubaté, no endereço rua Conselheiro Moreira de Barros, 203, CEP12010-080, telefone (12) 36254151, ou com **Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira**, telefone (12) 98184-5004, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.



Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/78
Recredenciada pelo CEE/SP
CNPJ 45.176.153/0001-22

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PRPPG
Rua Visconde do Rio Branco, 210 | Centro | Taubaté-SP
(12) 3625-4217 | prppg@unitau.br

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima consideração.

Atenciosamente,

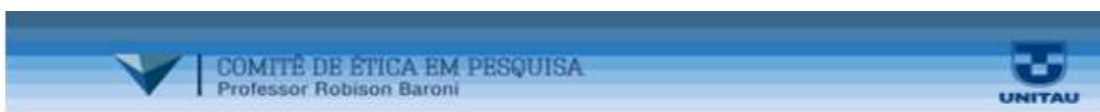
Profa. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil
Coordenadora do Programa de Pós-graduação
Profissional em Educação

Ilma Sra. **Profa. Dra. Sheila Cavalca Cortelli**

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade de Taubaté

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa **As relações étnico-raciais na perspectiva do egresso do Mestrado: a educação como mecanismo de transformação social**, sob a responsabilidade do pesquisadora **Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira**, aluna do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. Esta pesquisa pretende analisar a trajetória docente dos Egressos do Mestrado Profissional em Educação que se autodeclararam negros ou pardos em seus memoriais de formação e compreender as relações étnico-raciais neste percurso. Os procedimentos adotados para coleta de informações são a análise documental, as entrevistas, os questionários e um grupo de discussão. A análise documental será feita com as dissertações de todos os egressos e também com os memoriais dos egressos autodeclarados pretos ou pardos. Os questionários foram elaborados na plataforma *Google Forms*, já as entrevistas serão realizadas prioritariamente de forma virtual, via aplicativo Zoom e serão gravadas em formato de áudio e vídeo. Para se observarem os critérios éticos na pesquisa, ratificar-se-á a garantia da dignidade, bem como do sigilo e do anonimato com a revelação das informações coletadas de forma apenas parcial, para que não seja possível nenhum tipo de identificação, pois em nenhuma hipótese seu nome será revelado. Há benefícios decorrentes de sua participação na pesquisa, não havendo riscos. Os benefícios consistem em contribuir para a construção de conhecimentos e para avançar rumo a uma educação antirracista e inclusiva em sua totalidade. Reitera-se que não há riscos nesta pesquisa. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização por parte da pesquisadora. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Assegura-se, ainda, que as informações coletadas na investigação serão guardadas por esta pesquisadora por um período de cinco anos e, depois disso, excluídas. Tais providências estão em conformidade com as determinações da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, documentos que regulamentam as condições para o desenvolvimento de pesquisa envolvendo seres humanos. Para participar deste estudo o Sr(a). não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor e à senhora. Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora.

JULIANA APARECIDA DE OLIVEIRA PEREIRA FERREIRA

Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira

mestranda.julianaoliveira@gmail.com +551298184-5004 (inclusive ligações a cobrar)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br. O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.

Consentimento pós-informação

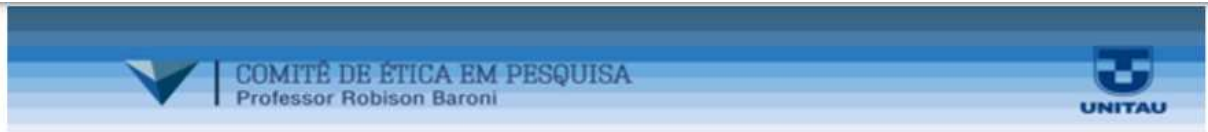
Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**As relações étnico-raciais na perspectiva do egresso do Mestrado: a educação como mecanismo de transformação social**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 202_.

Assinatura da Participante

ANEXO C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira do projeto de pesquisa intitulado **“As relações étnico-raciais na perspectiva do egresso: a educação como mecanismo de transformação social”**, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos para registros em portfólio digital e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 466/12 e nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes

(Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos. (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

- Com tarja preta sobre os olhos
 Sem tarja preta sobre os olhos

_____, ____ de ____ de 20 ____

Juliana Aparecida de Oliveira Pereira Ferreira

Pesquisadora responsável pelo projeto

Participante da Pesquisa